UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CARLOS ANDRÉ SILVA FERREIRA

INTERTEXTUALIDADES E DESQUALIFICAÇÃO DO OUTRO EM INTERAÇÕES POLÊMICAS NO PERFIL DA "CHOQUEI" NO X

FORTALEZA
2025

CARLOS ANDRÉ SILVA FERREIRA

INTERTEXTUALIDADES E DESQUALIFICAÇÃO DO OUTRO EM INTERAÇÕES POLÊMICAS NO PERFIL DA “CHOQUEI” NO X

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (*In memoriam*).

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos.

Coorientadora: Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito.

FORTALEZA

2025

CARLOS ANDRÉ SILVA FERREIRA

INTERTEXTUALIDADES E DESQUALIFICAÇÃO DO OUTRO EM INTERAÇÕES POLÊMICAS NO PERFIL DA "CHOQUEI" NO X

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Linguística.

Aprovada no dia 28/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

_____

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito (Co-Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

_____

Profa. Dra. Maria Elias Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

_____

Profa. Dra. Kleiane Bezerra de Sá
Instituto Federal do Ceará (IFCE/UECE)

Dedico, incontestavelmente, este trabalho a Oxum ♡, a Deusa que habita meu *Orí*; à minha avó, Magnólia Diniz Silva Ferreira, sopro de bondade que orientará para sempre meus passos; ao meu avô, Antônio Amaro Ferreira, presença firme e afetuosa em minha formação; e ao meu alicerce, companheiro de vida, Isaac Silva Magalhães□.

AGRADECIMENTOS

Como escrever agradecimentos? Qual a melhor forma de elogiar, ressaltar e, ao mesmo tempo, tornar visíveis os tantos nomes que compõem a trajetória de alguém que nunca chegou sozinho a lugar algum?

No interior do Ceará, a vida nunca foi tão romântica quanto nos filmes. Ir buscar água na cacimba cansa o corpo, e o trabalho na agricultura, quase sempre, não recompensa o esforço empregado. Foram incontáveis as vezes em que vi meus avós se sacrificarem para que eu acordasse cedo e fosse à escola, garantindo que eu tivesse o café da manhã e algum dinheiro para o lanche — dinheiro que nem sempre existia, mas que, com luta e insistência, aparecia. Ouvi, muitas vezes, sugestões para que eu me tornasse segurança, vendedor ambulante ou cabeleireiro. Ainda assim, foi com eles que aprendi que a educação muda vidas, mesmo quando esse exemplo não partia do núcleo familiar mais imediato. Meus avós pertenceram a uma geração para a qual a educação não era um direito assegurado; ainda assim, confiaram na transformação que ela poderia operar em mim. É por eles que inicio estes agradecimentos.

À Dona Magnólia Diniz Silva Ferreira, nome que levarei para sempre cravado no mais profundo do meu íntimo. Mulher negra, semianalfabeta, que chorou quando concluí o ensino fundamental em uma simples comemoração na quadra da Escola Francisco das Chagas Ferreira. Chorou novamente diante do medo que me acompanhou até o fim do ensino médio, na Escola Danilo Dalton da Rocha Corrêa, e da incerteza de não conseguir ingressar na universidade. Mas suas orações sempre foram mais fortes que o medo. Seu choro se transformou em alegria quando, por telefone, anunciei que estudaria na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). É difícil agradecer-lhe, sobretudo agora que não está mais entre nós. Ainda assim, grito ao vento, como um pássaro que canta em pleno voo, certo de que o céu é sua morada e de que você se orgulha do neto que criou e de todos os esforços incansáveis que fez para que eu chegasse até aqui. Te amo, vó. Você sempre será meu tudo, meu tesouro mais precioso.

Agradeço ao meu avô, Antônio Amaro Ferreira, agricultor que, mesmo após conhecer minha sexualidade, jamais negou um abraço ou uma palavra de orgulho ao neto que criou. A esses dois seres valiosos devo tudo o que habita em mim de mais belo, gentil e humano. Foram eles que, nas lições silenciosas do cotidiano, ensinaram o que é dignidade, cuidado e amor, lições ofertadas naquela casa simples ao neto que escolheram criar com tamanha dedicação.

Nessa caminhada coletiva, agradeço também à minha mãe, Ângela Diniz, que se

sacrificou ainda jovem para que nada me faltasse. Reconheço, com igual gratidão, os esforços da minha tia Andreia, que, em incontáveis ocasiões, garantiu meu material escolar. Mulheres fortes, que sempre acreditaram na educação como caminho de transformação. À minha prima Dafane, a intelectual da matemática, que também compõe essa rede de afetos e saberes.

Aos meus irmãos Guilherme, Isabela, Ingrid, Ívila, Davi e Ísis, desejo que meus passos, dados com dificuldade, mas também com coragem, como o primeiro filho e neto a se formar e o primeiro a concluir o mestrado, sirvam de inspiração para que vocês também encontrem na educação um farol de esperança para a melhoria de nossas vidas.

Agradeço às professoras e aos professores da UNILAB pela formação excepcional, pela capacidade de ampliar horizontes e potencializar saberes. Em especial, àqueles que sonharam antes de mim e acreditaram que eu poderia ocupar esse espaço acadêmico. À professora Suele, amiga, confidente, irmã e grande incentivadora. À professora Juliana, que, em todos os momentos, acreditou que eu poderia ir além do que eu mesmo imaginava.

Estendo meus agradecimentos à minha fonte quase inesgotável de sabedoria, minha coorientadora Mariza Angélica Paiva Brito, carinhosamente chamada de Marizinha. Tornou-se uma verdadeira companheira acadêmica, uma luz que jamais quero perder de vista. É graças a ela que hoje concluo esta dissertação. Minha primeira orientadora, confiou em mim e nos meus estudos sobre o texto ainda na graduação, conduzindo-me desde 2019 até o presente, quando aceitou a coorientação no mestrado, antes mesmo da partida da minha orientadora. Agradeço a Marizinha também por ter me conduzido a Mônica Magalhães Cavalcante, nosso grande baluarte, que, mesmo em meio às turbulências do mundo, me acolheu. Tudo o que busco ser e fazer academicamente é para honrar esses dois nomes: Mariza e Mônica. Suas trajetórias me motivam a viver e a acreditar, todos os dias, em mim e naquilo que posso ser. Obrigado por acreditarem naquele menino que saía de casa às quatro da manhã para estudar, mesmo sabendo que precisava voltar cedo para trabalhar. Os desafios foram grandes, mas vocês sempre souberam que daria certo.

Falar em Mariza e Mônica é falar em PROTEXTO. Agradeço, portanto, a esse grupo que é fonte fundamental da minha formação, em especial aos colegas Marina, João Pedro, Mayara, Maiara, Gracinha, Kleiane, Maria Elias, Hellenson, Valdinar, Thiago e Carlos Eduardo. Em suma, a todos e todas que formam esse grupo-família. Sou profundamente grato e orgulhoso por fazer parte dele. Eu só sou porque todos vocês são.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFC) pelas aulas, pelo conhecimento adquirido e pelo corpo docente que me formou. Agradeço à minha orientadora, Sandra, que, sem pestanejar, aceitou o desafio de me conduzir internamente no

programa após o precoce despertar para a vida eterna de Mônica. Obrigado, PPGL; você se tornou uma casa acolhedora durante estes anos de formação.

Agradeço imensamente aos Orixás. Foi aos pés dos búzios que Oxum me disse que queria me ver formado; foi no roncó que supliquei, com a muila acesa e bebendo omi, para conseguir concluir este mestrado. A Oxum e a Exu agradeço todos os caminhos abertos e também aqueles que precisaram ser fechados. Foram eles que me deram força para chegar até aqui e que ainda me dão coragem para ir mais longe. Como canta Maria Bethânia: "Oxum é água que aparta a morte / Oxum melhora a cabeça ruim". Estendo meus agradecimentos ao Ilê Axé Oxum Opará, na pessoa da minha Iyalorixá Kewlly de Oxum (Mikesibu), da minha mãe-pequena Marta de Oxóssi (Taluandê), da minha Dofonitinha de Xangô (Thayna), dos meus irmãos de axé e de todos que torceram, vibraram e acreditaram na potência que existe para além dos muros da faculdade.

Por fim, agradeço ao meu marido, meu amor, meu companheiro de vida, meu amigo, meu dofono, meu tesouro lapidado pelo ferro de Oxaguian. Desde o início, nas incontáveis vezes em que desacreditei, ele permaneceu. Quando achei que não conseguiria, ele acreditou. É a ele que devo esta dissertação. Você é minha inspiração e meu conforto. E mesmo sabendo que talvez eu não consiga expressar tudo em palavras, deixo registrado, em letras maiúsculas, o meu MUITO OBRIGADO, ISAAC. Só nós dois sabemos o quanto foi difícil chegar até aqui.

Muito além do Lattes, de títulos ou de pontuações, a vida acadêmica é feita de afeto. E é por afeto que agradeço a todos vocês.

Meu muito obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa investiga como os processos de intertextualidade e os recursos tecnodiscursivos se articulam na desqualificação do outro em interações polêmicas nas rede social X, tomando como corpus as interações que surgem na aba destinada aos comentários em publicações no perfil da página da Choquei. Fundamentada na Linguística Textual (Cavalcante *et al*, 2022), na Análise dos Discursos Digitais (Paveau, 2021) e na Teoria da Argumentação no Discurso (Amossy, 2018), a análise considera os textos nativos digitais como eventos singulares, situados em um ecossistema marcado pela multimodalidade. Os objetivos específicos incluem mapear tipos de intertextualidade (estrita e ampla) segundo Carvalho (2018) e Costa (2024), identificar formas de ciberviolência verbal (flaming, difamação, outing etc.), e examinar o papel de recursos como emojis, hashtags, GIFs, @ e imagens na intensificação de sentidos violentos, associando-se, a uma desqualificação do outro. A metodologia segue uma abordagem ecológica do ambiente digital, preservando as condições de produção e circulação dos textos, com análise qualitativa de interações polêmicas que surgem na aba destinada aos comentários na rede social X no perfil da Choquei. Desta forma, evidenciamos como intertextualidades amplas e estritas funcionam como mecanismos de legitimação, reforço ou camuflagem de ataques, contribuindo para a compreensão das novas formas de produção de sentido e para o enfrentamento crítico das violências discursivas nas redes sociais brasileiras, cada vezes mais comuns nas interações entre os sujeitos em ambientes nativos digitais.

Palavras-chave: intertextualidade; ciberviolência; modalidade argumentativa polêmica; linguística textual.

ABSTRACT

This research investigates how intertextuality processes and technodiscursive resources are articulated in the disqualification of others in controversial interactions on social network X, using as a corpus the interactions that appear in the comments section of posts on the Choquei page profile. Based on Textual Linguistics (Cavalcante et al., 2022), Digital Discourse Analysis (Paveau, 2021), and Discourse Argumentation Theory (Amossy, 2018), the analysis considers digitally native texts as singular events, situated in an ecosystem marked by multimodality. The specific objectives include mapping types of intertextuality (strict and broad) according to Carvalho (2018) and Costa (2024), identifying forms of verbal cyberviolence (flaming, defamation, outing, etc.), and examining the role of resources such as emojis, hashtags, GIFs, @, and images in intensifying violent meanings, associated with the disqualification of the other. The methodology follows an ecological approach to the digital environment, preserving the conditions of production and circulation of texts, with qualitative analysis of controversial interactions that arise in the comments section on the social network X on Choquei profile. In this way, we highlight how broad and strict intertextualities function as mechanisms for legitimizing, reinforcing, or camouflaging attacks, contributing to the understanding of new forms of meaning production and to the critical confrontation of discursive violence on Brazilian social networks, which is increasingly common in interactions between subjects in native digital environments.

Keywords: intertextuality; cyberviolence; controversial argumentative modality; textual linguistics.

RÉSUMÉ

Cette recherche examine comment les processus d'intertextualité et les ressources technodiscursives s'articulent dans la disqualification de l'autre dans les interactions controversées sur le réseau social X, en prenant comme corpus les interactions qui apparaissent dans l'onglet destiné aux commentaires sur les publications du profil de la page Choquei. Fondée sur la linguistique textuelle (Cavalcante et al, 2022), l'analyse des discours numériques (Paveau, 2021) et la théorie de l'argumentation dans le discours (Amossy, 2018), l'analyse considère les textes numériques natifs comme des événements singuliers, situés dans un écosystème marqué par la multimodalité. Les objectifs spécifiques comprennent la cartographie des types d'intertextualité (stricte et large) selon Carvalho (2018) et Costa (2024), l'identification des formes de cyberviolence verbale (flaming, diffamation, outing, etc.) et l'examen du rôle de ressources telles que les emojis, les hashtags, GIF, @ et images dans l'intensification des sens violents, associés à une disqualification de l'autre. La méthodologie suit une approche écologique de l'environnement numérique, en préservant les conditions de production et de circulation des textes, avec une analyse qualitative des interactions controversées qui apparaissent dans l'onglet dédié aux commentaires sur le réseau social X dans le profil de Choquei. Ainsi, nous mettons en évidence comment les intertextualités larges et strictes fonctionnent comme des mécanismes de légitimation, de renforcement ou de camouflage des attaques, contribuant à la compréhension des nouvelles formes de production de sens et à la confrontation critique des violences discursives sur les réseaux sociaux brésiliens, de plus en plus courantes dans les interactions entre les sujets dans les environnements numériques natifs.

Mots-clés: intertextualité; cyberviolence; modalité argumentative controversée; linguistique textuelle.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 — A interação para Goffman (2014)..... 24
Quadro 02 — Ciberviolências de critério direto 38
Quadro 03 — Ciberviolências de critério indireto 39
Quadro 04 — Ciberviolências de Critérios Enunciativos 49
Quadro 05 — Ciberviolências e Parâmetros tecnodiscursivos..... 52
Quadro 06 — Relações intertextuais de Piègay-Gros (2010)..... 54
Quadro 07 — Classificação das intertextualidades amplas e estritas..... 62
Quadro 08 — Quadro Enunciativo-Interacional Ajustado..... 68
Quadro 09 — Análise da Postagem sobre o Drink "Pra Sempre Preta"..... 73
Quadro 10 — Análise da postagem sobre a criança autista 88
Quadro 11 — Análise da postagem sobre a prisão de Jair Bolsonaro..... 98
Quadro 12 — Análise da postagem sobre Virginia sambando..... 109

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 — Xuxa e Cibernética no Programa Xuxa Park, em 1990 16
Imagem 02 — Tuíte na página da Choquei 40
Imagem 03 — Comentários na publicação da @achoquei 41
Imagem 04 — Perfil do @illuminatum8 42
Imagem 05 — Respostas ao @illuminatum8 43
Imagem 06 — Thread no X: Genro e Sogro) 45
Imagem 07 — Prints do perfil de Janja 46
Imagem 08 — Perfil @LulanaCadeia24 48
Imagem 09 — Poste bíblico no X 56
Imagem 10 — Cartaz de divulgação do filme “Ainda estou aqui” 59
Imagem 11 — Página Inicial do X 65
Imagem 12 — Notícia Drink “Pra Sempre Preta” X. 73
Imagem 13 — Interação na postagem da Choquei no X (1) 77
Imagem 14 — Vídeo do Daniel Penin sobre o assunto 79
Imagem 15 — Interação na postagem da Choquei no X (2) 81
Imagem 16 — Mensagem de “provável spam” no X 84
Imagem 17 — Interação na postagem da Choquei no X (3) 85
Imagem 18 — Notícia de criança autista acompanhada por uma guarda municipal 88
Imagem 19 — Notícia do Jornal Metrópoles que foi republicado pela Choquei 92
Imagem 20 — Interação na postagem da Choquei no X (1) 93
Imagem 21 — Interação na postagem da Choquei no X (2) 94
Imagem 22 — Interação na postagem da Choquei no X (3) 95
Imagem 23 — A prisão de Bolsonaro no dia 22 de novembro de 2025 98
Imagem 24 — Interações sobre a prisão de Bolsonaro (1.1) 101
Imagem 25 — Interações sobre a prisão de Bolsonaro (1.2) 103
Imagem 26 — Interações sobre a Prisão de Bolsonaro (2.1) 104
Imagem 27 — Interações sobre a prisão de Bolsonaro (2.2) 105
Imagem 28 — Interações sobre a prisão de Bolsonaro (2.3) 107

Imagem 29 — Virginia Fonseca com professor de dança 109
Imagem 30 — Virginia sambando como rainha de bateria da Grande Rio 112
Imagem 31 — Interações sobre a aula de samba da Virgínia (1) 113
Imagem 32 — Interações sobre a aula de samba da Virgínia (2) 114
Imagem 33 — Interações sobre a aula de samba da Virgínia (3) 115

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 16

2 TEXTO, INTERAÇÃO, CONTEXTO, DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO 23

3 CIBERVIOLÊNCIA: CONCEITO E CATEGORIAS 37

3.1 Ciberviolência: em segunda pessoa em contexto interacional 39

3.1.1 O ciberassédio verbal ou flaming 39

3.1.2 A farsa ou masquerade 41

3.1.3 O assédio social 42

3.2 Ciberviolências em terceira pessoa dentro de um contexto descritivo, narrativo ou argumentativo: 43

3.2.1 A difamação 43

3.2.2 O outing ou a revelação 44

3.2.3 A usurpação da identidade 45

3.2.4 Os sites de ódio 47

3.2.5 Parâmetros tecnodiscursivos 49

4 INTERTEXTUALIDADES NO AMBIENTE DIGITAL 53

4.1 Proposta de Carvalho (2018): intertextualidades amplas e estritas 55

4.1.1 Intertextualidades estritas 55

4.1.2 Intertextualidades amplas 60

5 METODOLOGIA 64

5.2 Delimitação do universo e amostra 64

5.3 Descrição da coleta de dados 66

5.4 Procedimento de análise dos dados 67

5.5 Identificação de ocorrências 69

6 ANÁLISES 71

6.1 O falecimento de Preta Gil 71

6.2 O caso da criança autista não verbal 87

6.3 A prisão de Bolsonaro 97

6.4 Virginia Aprendendo a sambar 108

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 118

REFERÊNCIAS 120

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, viralizou um recorte de um dos antigos programas de televisão da apresentadora Xuxa, o conhecido *Xuxa Park*, famoso por ser um dos maiores e mais emblemáticos programas infantojuvenis, quiçá do mundo. O recorte viral trata-se de um episódio em que a atriz Simone Bruno interpretou a Cibernética, uma "robô do futuro", cujo objetivo era conectar os seres humanos às maravilhas do porvir.

Imagem 01 — Xuxa e Cibernética no Programa Xuxa Park, em 1990

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I43fEzMVp9M. Acesso em: 05 de abr. 2025.

Durante a descontraída conversa no programa, exibido em 5 de junho de 1990, a "robô" fala sobre as grandiosidades do ano de 2023, época em que o personagem estaria vivendo. Xuxa indaga sobre esse futuro, perguntando se os seres humanos ainda continuam do mesmo jeito. A robô, após a pergunta, responde que, graças à Xuxa, as pessoas se conscientizaram e agora cuidam da natureza. Além disso, no ano de 2023 da Cibernética, os seres humanos são muito felizes, a natureza é preservada, não há guerras, pois, as pessoas sabem da importância da paz, e existem carros voadores, sem drogas e sem violência, um perfeito mundo em harmonia.

O vídeo voltou a viralizar nos últimos anos, principalmente no verdadeiro ano de 2023. É óbvio que as previsões do personagem estavam erradas: ainda precisamos debater sobre a preservação e conservação do meio ambiente, ainda não andamos em carros voadores, ainda existe pobreza e fome, e a violência continua presente nas ações dos seres humanos.

Mesmo assim, o avanço tecnológico ocorreu de forma exponencial, principalmente a construção de algoritmos e ampliação das redes sociais de comunicação. Especula-se que a pandemia da COVID-19 foi um dos grandes impulsores pela corrida de novas estratégias de comunicação.

No que concerne às violências, em contraposição a paz dita pelo robô, em particular as verbais, constata-se que estas adquiriram novas formas de ocorrência que se desdobram em novos espaços de socialização, possibilitados pela emergência da Web 2.0 e pela expansão das formas de comunicação e interação entre usuários no ambiente digital. Em Marcuschi (2012, p. 30), afirma-se que "Um texto está submetido tanto a controles e estabilizadores internos e externos". Ampliando o que propõe o analista do texto, consideremos que a decência, a boa conduta, a polidez e a civilidade são alguns desses controles externos aos quais o texto está submetido.

Por outro lado, os usuários, em convergência com os recursos disponibilizados pelo ambiente digital e mobilizando seu potencial criativo, podem criar multissemioses com a finalidade de infringir normas e produzir textos violentos. Isso se dá por meio de estratégias como a criação de perfis falsos, o compartilhamento massivo de conteúdos ofensivos, a ocultação de identidade, o uso de imagens, vídeos, GIFs animados, inteligência artificial (IA), vocabulário chulo, entre outros. Em suma, parece-nos que quase todos os recursos ofertados pelas redes sociais com o objetivo de promover a interatividade (Muniz-Lima, 2024) podem ser, simultaneamente, mobilizados para a prática da ciberviolência.

Consideramos que a robô do programa de TV estava certa ao afirmar que houve grandes avanços, sobretudo no campo da tecnologia. Desse modo, somos levados a refletir sobre uma imbricação cada vez mais intensa entre humanos e máquinas, a ponto de, por vezes, tornar-se impossível distinguir com clareza onde termina um e começa o outro. Evidentemente, essa fusão não nos transformou em robôs, como sugerido pela personagem televisiva. Contudo, aprendemos, ou ainda estamos aprendendo, a conviver com eles. Isso porque também consideramos os algoritmos como formas de "robôs invisíveis", sendo eles os principais agentes de controles nas redes sociais: as plataformas mais eficazes são justamente aquelas cujos algoritmos rastreiam e oferecem conteúdos sob medida, conforme os interesses (ou necessidades) de cada usuário, muitas vezes criando essas necessidades de forma artificial.

Como estudiosos da linguagem, somos convocados a repensar nossos objetos de análise, à medida que os espaços on-line e off-line se encontram cada vez mais fundidos no cotidiano. Com isso, as produções textuais se tornam latentes e recorrentes nos ambientes digitais. Compreendemos que os textos nativos digitais estão sujeitos a rupturas na "decência",

conforme discutido por Paveau (2021). Apesar da existência de diretrizes de conduta e mecanismos de moderação, tal como ocorre nos espaços físicos, é inevitável que ocorram quebras nos contratos comunicativos, resultando em produções textuais marcadas pela impolidez (Fernandes, 2024) e/ou pela violência discursiva (Charaudeau, 2019).

Em consonância com os estudos sobre os discursos nativos digitais, no campo da Análise do Discurso (AD), e sobre o texto, na Linguística Textual (LT), consideramos que parte dessas produções violentas se enquadram como formas de violências nativas digitais, ou, nos critérios de Paveau (2021), **ciberviolência**. Essa compreensão acompanha a tendência observada nos estudos da LT, especialmente nas pesquisas do grupo Protexto (UNILAB/CNPq), que mantém interlocução crítica com a proposta de análise do discurso nativo digital de Marie-Anne Paveau.

O uso do prefixo "ciber" tem por finalidade demarcar a especificidade da violência que se estrutura e circula no ambiente digital. Sob esse enfoque, consideramos pertinente a manutenção do termo, como orienta a literatura especializada. No âmbito da LT, o artigo publicado por Brito, Cabral e Silva (2022) constitui uma das primeiras produções acadêmicas a abordar, de forma explícita, o fenômeno das ciberviolências. Os autores evidenciam, nos exemplos analisados, a presença recorrente da intertextualidade, recurso amplamente explorado pelos usuários, além dos efeitos de sentidos gerados pelas multissemioses próprias dos ambientes digitais. Esse estudo pioneiro motivou, em grande parte, o desenvolvimento desta pesquisa, ao indicar a necessidade de aprofundamento teórico e analítico da relação entre intertextualidade e ciberviolência.

Na esteira desses estudos, destaca-se a tese de doutoramento de Fernandes (2024), que realiza uma articulação original entre ciberviolência e impolidez linguística, tendo a LT como eixo unificador. A autora analisa interações polêmicas, observando a materialização da impolidez em práticas discursivas digitais. Seu corpus é composto por comentários na plataforma X.

O estudo da intertextualidade, por sua vez, constitui o foco central de nossa análise, aspecto também presente nas investigações de Fernandes (2024), o que reforça ainda mais nossa hipótese de que há uma forte relação entre práticas de ciberviolência e processos intertextuais. Assumimos, como base teórica, a proposta de Carvalho (2018). Também nos ancoramos nos achados de Costa (2024), em sua dissertação intitulada *Intertextualidades em ambientes digitais*, em que a autora propõe ampliar, a partir de Cavalcante *et al.* (2022), e reorganizar categorias da intertextualidade à luz de seu funcionamento no ambiente digital X.

Assumimos as ponderações das autoras como pressupostos teóricos para o desenvolvimento de nossas análises, ao desenvolver ainda mais discussões sobre o funcionamento dos processos de intertextualidade em ambientes digitais. Nossa contribuição, no entanto, está na ênfase sobre a relação entre intertextualidade e a violência em textos nativos digitais em redes sociais nas quais a viralização, o anonimato e a criação de bolhas algorítmicas favorecem embates entre sujeitos com visões divergentes sobre assuntos diversos que são do interesse público da sociedade brasileira.

Nesse contexto, voltamos nosso olhar para as interações polêmicas (Amossy, 2017), nos critérios da modalidade argumentativa polêmica, em páginas de alta circulação, sobretudo as chamadas páginas de fofoca, que vêm adquirindo *status* de fontes noticiosas, ainda que não sejam oficialmente reconhecidas como veículos jornalísticos. Entre essas páginas, destaca-se a página **Choquei**, fonte de nosso *corpus*, amplamente conhecido entre os usuários das redes sociais.

Choquei ganhou grande notoriedade a partir de 2020, com a expansão das páginas de entretenimento que operam entre a informação e o sensacionalismo. Originalmente atuante apenas no Instagram, o perfil hoje mantém presença em diversas plataformas digitais, buscando captar públicos diversos e ampliar seu engajamento. Ao longo deste trabalho, adotaremos o termo "página" para nos referirmos ao grupo responsável pela gestão do perfil do Choquei no X.

Diferentemente da mídia tradicional, a página atua com base em uma curadoria rápida de conteúdos, frequentemente por meio de reportagens, *prints* e divulgação de informações em tempo real, muitas vezes antes da apuração completa dos fatos. Essa dinâmica contribui para a construção de um ambiente de interações imediatas, marcadas por forte engajamento, causado principalmente pelo apelo emocional e disputas simbólicas.

Do ponto de vista da nossa pesquisa, os comentários feitos pelos usuários do X no perfil da página da Choquei configuram-se como um objeto de análise relevante para investigar e se debruçar sobre os textos e as estratégias argumentativas em desqualificação do outro nas interações polêmicas em ambientes digitais. Trata-se de um espaço com grande potencial para observar como os recursos intertextuais são mobilizados em práticas discursivas de grande alcance e impacto social, por isso nosso *corpus* será criado por meio de interações polêmicas na aba de comentários nas publicações no perfil da página na rede social X.

A escolha da rede social X se dá pelo conhecido afrouxamento das políticas de uso existentes. Como usuário, é sabido que, por se tratar de um ambiente de interação on-line criado para a agilidade, o X favorece o uso de linguagem mais simples e informal. Dependendo da

bolha digital que se tenha na rede social, perceberá que são quase que incontáveis os perfis dedicados à exposição de violências explícitas, como brigas de casais, abordagens violentas de policiais, entre outras situações de conflitos. Outro exemplo da frouxura das normas é o uso massivo de criadores (as) de conteúdos adultos que utilizam a rede para divulgar seus trabalhos e assim conseguem fazer publicações de fotos e vídeos proibidos para menores de dezoito anos sem sofrerem advertências imediatas da plataforma, diferente do que ocorre em outras redes sociais, como o Instagram e Tik Tok.

Desta forma, analisar interações polêmicas no X mostra-se altamente produtivo para nossa pesquisa tendo em vista esses aspectos: a facilidade do compartilhamento de materiais e a possibilidade de grande alcance e a capacidade de viralização. Além disso, evidenciar essas características é também divulgar "falhas" e buscar, em alguma medida, conscientizar os leitores (as) deste trabalho sobre os possíveis "riscos".

Assim, colocamos como objetivo principal da pesquisa analisar como os processos de intertextualidade e os recursos tecnodiscursivos de ciberviolência se articulam para desqualificação do outro em interações polêmicas na rede social. Isso porque sustentamos a hipótese de que o apelo aos processos intertextuais e recursos dos textos nativos digitais intensifica a desqualificação do outro em interações polêmicas no X, operando também como mecanismos de legitimação ou camuflagem de ciberviolências.

Para compreendermos melhor esse funcionamento, temos, assim, alguns objetivos específicos, que nos ajudam a compreender melhor o funcionamento desses elementos durante as interações polêmicas na rede:

a) Identificar e mapear as ocorrências dos tipos de intertextualidade, estrita e ampla, presentes em interações polêmicas no X, com base nas propostas de Carvalho (2018) e Costa (2024);
b) Classificar as formas de ciberviolência, verificando em que medida são empregadas como estratégias de desqualificação do outro e suas regularidades, a partir das categorias de Paveau (2021) e Amossy (2017);
c) Descrever como os recursos nativos digitais dos ecossistemas, tais como emojis, hashtags, GIFs, @, imagens, contribuem para a produção e circulação de ciberviolências, bem como para a intensificação de sentidos violentos nas interações polêmicas;
d) Examinar a relação entre intertextualidade e desqualificação do outro, considerando o uso de retomadas textuais para legitimar, reforçar ou camuflar a violência em textos nativos digitais.

Fomos com a hipótese de que nas publicações polêmicas, a intertextualidade ampla ocorre com maior frequência do que a intertextualidade estrita, porque ativa alusões e saberes compartilhados úteis à desqualificação do outro (Carvalho, 2018; Costa, 2024). Também acreditamos que as categorias de ciberviolência (Paveau, 2021; Amossy, 2017) aparecem como estratégias argumentativas centrais de ataque ao *ethos* do adversário, coocorrendo com marcas intertextuais em proporção superior ao acaso que podem ser intensificadas por meio do uso de recursos nativos digitais (emojis, GIFs, hashtags, @, imagens) está positivamente associado à da desqualificação, principalmente quando associado aos processos intertextuais, tendo em vista as diversas possibilidades de interação e o critério da deslinearização (Paveau, 2021).

Outro ponto importante é a crença de que a retomadas textuais de discursos socialmente legitimados (memes recorrentes, falas públicas, eventos midiáticos) funcionam como enquadramentos que reforçam ou dissimulam a agressividade, elevando a aceitabilidade do ataque perante a audiência (Fernandes, 2024).

Acreditamos que nossos achados colaboram para o enfrentamento dessas produções não cordiais, ao evidenciar os modos como ela se constrói no ambiente digital, bem como oferecem, a futuros pesquisadores e pesquisadoras, escolhas e reflexões teóricas e metodológicas. Além disso, contribuímos com a discussão já iniciada na LT brasileira sobre as novas formas de produção de sentidos nas redes sociais, cujas possibilidades interacionais são quase que ilimitadas e sempre atualizadas.

Com nossa pesquisa reafirmamos o compromisso da Linguística Textual brasileira com a investigação crítica e situada dos usos da linguagem, como nos ensinou a professora Mônica Magalhães Cavalcante, cuja orientação teórica e afetiva permanece como inspiração e guia neste trabalho. É, sobretudo, a ela que dedicamos a coragem de sonhar com uma ciência comprometida com a escuta, com o outro e com a transformação.

Para o desenrolar desta pesquisa se fez necessário delimitar e discutir alguns conceitos fundamentais para sua construção teórica, como: texto e tecnotexto, interação, contexto, discurso e argumentação. Para tanto, recorremos, prioritariamente, às contribuições da LT, eixo central desta investigação, articulando-a com perspectivas oriundas de outras disciplinas, como a Análise do Discurso de linha francesa, em especial as reflexões de Marie-Anne Paveau (2021) sobre a Análise dos Discursos Digitais e a Teoria da Argumentação no Discurso, proposta por Ruth Amossy (2017; 2018).

Na sequência, dedicamo-nos a tratar sobre a modalidade argumentativa polêmica, conforme proposta por Amossy (2018), explorando suas interfaces com a LT e refletindo sobre como esse modelo se (re)configura no ambiente digital. A partir das interações polêmicas

analisadas nos ambientes digitais, destacamos elementos que nos parecem especialmente significativos: a intensificação das “bolhas”, a polarização social amplificada, e os debates contemporâneos sobre algoritmos e controle de dados.

Em seguida, realizamos a exposição das características das ciberviolências, conforme discutidas por Paveau (2021). Não foi nosso foco oferecer uma descrição aprofundada ou exemplificada desses fenômenos, em razão tanto do caráter reservado da pesquisa. As análises mais detalhadas foram desenvolvidas no capítulo analítico subsequentes.

Com vista à sustentação de nossas hipóteses e escolhas metodológicas, realizamos uma revisitação bibliográfica dos estudos sobre intertextualidade no campo da Linguística Textual, com ênfase nas categorias formuladas por Ana Paula Lima Carvalho (2018), em sua tese de doutorado, e nos desdobramentos teóricos apresentados por Dálete Castro (2024), em sua dissertação de mestrado.

Utilizamos o termo *revisitação* não no sentido de propor uma rediscussão do fenômeno ou um novo agrupamento das categorias, mas com o objetivo de explicitar os pressupostos teóricos que assumimos com base nas autoras mencionadas, a fim de verificar sua aplicabilidade e funcionamento nos dados selecionados para esta pesquisa.

2 TEXTO, INTERAÇÃO, CONTEXTO, DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO

A pesquisa se ancora principalmente nas produções do grupo Protexto (UNILAB/CNPq), viés teórico privilegiado e escolhido para o seu desenrolar, com destaque para os trabalhos que tratam a intertextualidade como categoria analítica aplicada aos textos nativos digitais. Assim, para analisarmos e considerarmos aquilo que estamos chamando de texto, vale assinalar que tal objeto investigativo da área é composto por um conjunto de aspectos que formam sua coerência em um contexto. Assim, nossa compreensão de texto advém de uma tradição de estudos, desde de Koch (2002; 2006; 2007; Elias, 2016; 2015; Elias, 2016) e Marcuschi (2005; 2008), que nos leva a entender que tais aspectos se ressaltam em diferentes dimensões e dependem, intrinsecamente, das condições discursivas postas por meio de "um contrato social presumido e de um circuito comunicativo, no qual os participantes assumem papéis sociais" (Cavalcante *et al*., 2022, p. 15).

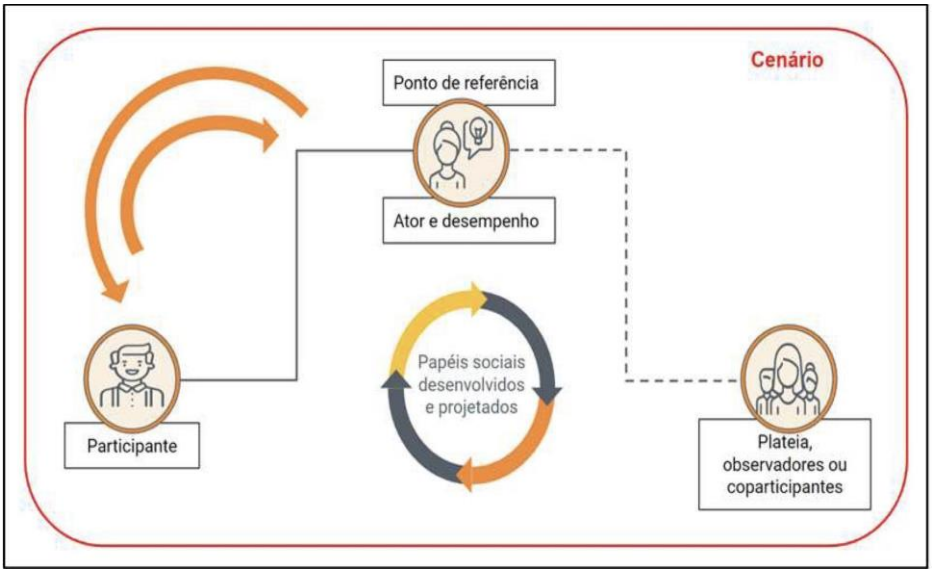
Dessa forma, reconhecemos o texto como um **evento comunicativo** (Cavalcante *et al*., 2022), por ocorrer uma única vez e ser irrepetível, atualizando-se a cada vez que o enunciado é posto em uma nova situação comunicativa particular. Em nossa pesquisa, reafirmamos isso ao analisar as publicações da página da *Choquei*, e as interações que ocorrem na rede social X.

Retornando ao fato do texto como evento, essa afirmativa dialoga com os estudos da microssociologia de Goffman (1956), ao propor uma analogia entre a interação humana e o teatro. Para o autor, a interação ocorre face a face, como um encontro entre atores que operam na projeção dos papéis sociais em uma tentativa mútua de influenciar o outro.

Os papéis sociais são projetados sobre os elementos da interação (ator, desempenho, participante, ponto de referência, plateia e cenário), que se apoiam em conhecimentos anteriores. Ou seja, existem expectativas sobre a forma apropriada de interagir em cada situação, que sempre será uma simulação, um "personagem", a partir dos papéis sociais, criado para interagir com outros "personagens", que também possuem papéis sociais projetados sobre os atores da interação.

Costa apresenta-nos, para melhor ilustrar a interação de Goffman (2014), o seguinte quadro:

Quadro 01 — A interação para Goffman (2014)



Fonte: Costa (2024, p. 31)

Destacamos que o primeiro elemento da interação é a busca dos atores por uma ação para influenciar o outro, por isso que o indivíduo mobiliza diversos artifícios para que o(s) participante(s) acredite(m) na sua encenação, bem como a plateia que também observa a interação e também avalia os atores.

É por meio do diálogo profundo com a teoria do linguista que podemos fazer uma descrição dos elementos da interação: o ator, assim, é aquele que realiza a ação, chamada de desempenho, a comunicação ou qualquer atividade que tenha a finalidade, mesmo que implícita, de influenciar o outro, chamado de participante, considerando-se seu papel social projetado para "adaptar" seu dizer. O ponto de referência será, assim, a união entre o ator e o desempenho. Os atores e participantes se mantêm em constante alternância, tendo em vista o momento em que "quem está com a palavra". A plateia, nessa peça teatral enunciativa, será composta pelos observadores, aqueles que não participam ativamente como o ator e o participante, mas que ainda assim exercem determinada influência, já que estes se preocupam com a imagem que estão projetando perante o grupo de observadores.

Assim, como resume Costa (2024, p. 30), esse cenário está em uma "situação comunicativa cristalizada que dita os padrões comunicativos para cada interação específica e que molda como os atores, os participantes e os observadores devem agir". Apesar disso, o ambiente digital, espaço atravessado por especificidades como a ausência do "face a face" e por formas que vão além do verbal e do gestual, se distancia, em alguma medida, de como pensava o autor ao propor sua teoria. Por consequência, é inevitável que ocorram modificações naquilo

que propõe a microssociologia, conforme destaca interatividade no digital observada por Muniz-Lima (2022).

Assim, a interação, que refere-se ao acontecimento em si, será compreendida como um fenômeno macro, responsável pela coconstrução de sentido que ocorrem entre locutores, humanos ou não humanos. Já a interatividade, sendo um característica técnica e funcional, é uma variável que compõe a interação no contexto digital, fortemente atrelada aos aspectos tecnolinguageiros que interferem no modo que interagimos. Assim como Muniz-Lima (2024) ressaltamos três aspectos da interatividade: o controle do conteúdo, que refere-se a capacidade dos interlocutores de manipular, editar ou interferir no que é dito/exibido; o caráter dialogal, diz respeito ao potencial de troca entre os envolvidos (quem fala e quem responde); e a sincronicidade, que corresponde a dimensão temporal da troca (se ocorre em tempo real ou de forma assíncrona).

Cavalcante *et al.* (2022, p. 16) explicam que um texto "é elaborado por locutores com recursos tecnológicos em algum momento envolvidos nas ações humanas (Paveau, 2021), com certos objetivos de promover interatividade (Muniz-Lima, 2022)". Em outras palavras, é na busca pela interação que as ferramentas parecem se direcionar, como as postagens, a aba de comentários, a capacidade de envio de mensagens privadas direcionadas[1], curtidas, reações por meio de emojis, entre outras, sendo essas formas de interatividade.

Outro ponto importante é que agora, nas redes sociais, os participantes da interação não são mais guiados por uma plateia específica e "presente", mas por bolhas sociais, formadas pelos usuários junto aos algoritmos que rastreiam as ações de seus usuários. É, portanto, nessa parceria, nem sempre evidente entre usuários e algoritmos, que os locutores, chamados por nós assim, em vez de "atores", direcionam seus valores àquela bolha, mesmo sabendo que sua produção pode alcançar públicos além dos esperados e que diz respeito à característica de imprevisibilidade do discurso nativo digital, segundo Paveau (2021).

Além disso, compreendemos que o cenário criado na e pela interação não se limita à situação imediata, mas também às "expectativas, à compreensão mútua entre as partes, à relevância e às condições históricas e sociais que possibilitam a emergência dos atos de linguagem" (Cavalcante *et al*., 2022, p. 17). Por isso, continuamos a utilizar o termo contexto, compreendido aqui como um termo em que cabe o ambiente ecológico de Paveau (2021), comportando ações humanas e tecnológicas, objetos, materiais, tudo aquilo que possa estar

[1] Consideramos, aqui, mensagens trocadas entre usuários nas abas destinadas e que a visualização pelos outros participantes não é permitido, pois se trata de uma conversa "privada".

relacionado no momento da interação, bem como valores, estereótipos, crenças e saberes socialmente compartilhados que podem vir a ser evocados e que, inclusive, colaboram com a construção dos papéis sociais que os locutores venham a assumir ou projetar.

De todo modo, ainda respiramos as compreensões do sociólogo e a partir dele, com a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) de Amossy (2017) e de outros autores e autoras, que afirmamos a constitutividade da argumentatividade nas produções textuais. Indicamos que "todo texto é guiado por uma orientação argumentativa" (Cavalcante *et al*., 2019, p. 26), mesmo que este não defenda explicitamente um ponto de vista; o sujeito tenta, em alguma medida, influenciar "o outro quanto a mudanças no seu modo de pensar, ver, sentir ou agir". Assim, a argumentação, para a LT, será definida como o acontecimento, a negociação do sujeito e a busca pela influência sobre o outro, por meio de recursos linguísticos. Já a argumentatividade é um componente intrínseco e constitutivo de todo e qualquer texto e se manifesta na orientação que o locutor imprime ao seu dizer por meio de escolhas linguísticas e estratégias de textualização, por isso dizemos que todo texto possui algum grau de argumentatividade.

Brito, Oliveira e Ferreira (2025, p. 3) explicam a relação entre a concepção de texto e argumentação:

> A LT, conforme proposta por Cavalcante (2016), tem como objeto de estudo o texto, entendido como um fenômeno dinâmico que organiza estratégias discursivas com vistas a concretizar os propósitos dos interlocutores em práticas sociais convencionadas como gêneros textuais. Essa abordagem não limita o texto a uma análise estritamente argumentativa, mas reconhece que a argumentatividade atravessa todas as estratégias textuais mobilizadas pelos interlocutores, por meio da referenciação, da intertextualidade, da progressão tópica etc. Em outras palavras, a LT busca compreender como essas estratégias materializam as intencionalidades argumentativas e promovem a adesão dos interlocutores.

Dessa forma, a aproximação entre as teorias se consolida na medida em que Amossy (2018) concebe a argumentação como um fenômeno discursivo abrangente, que engloba tanto gêneros com visada argumentativa explícita quanto aqueles que possuem uma dimensão argumentativa voltada a orientar modos de pensar, agir e sentir. Segundo Cavalcante *et al.* (2022), essa interface fundamenta-se em dois pilares: primeiro, na compatibilidade entre as propostas, que integram dimensões pragmáticas, sociocognitivas e discursivas na análise do texto; segundo, na convergência quanto à concepção de sujeito — entendido como alguém que, embora determinado sócio-historicamente, atua de forma estratégica na coconstrução dos sentidos.

Amossy (2018) propõe o conceito de *continuum argumentativo*, que considera diferentes níveis e modalidades argumentativas. Assim sendo, teríamos, nesse *continuum*, diferentes textos com visada argumentativa explícita até orientações implícitas. Em sua obra

Argumentação no discurso (2018, p. 273), ela explica a distinção entre *visada* e *dimensão*, por ela pensada:

> [...] Sem dúvida há gêneros em que a intenção de persuadir é evidente ou mesmo assumida: estes têm uma visada argumentativa. Há, porém, discursos que não se apresentam como ações de persuasão e nos quais a argumentação não aparece como resultado de uma intenção declarada, muito menos de uma programação: ela não está nem aparente, nem explícita e, às vezes, é até negada pelo locutor (como em um artigo de informação, por exemplo). Foi com o objetivo de designar a orientação involuntária ou sub-repticiamente impressa no discurso, a fim de projetar certa luz sobre aquilo de que ele trata, que escolhemos falar de dimensão argumentativa.

Mas é pelo diálogo crítico que Cavalcante, Pinto e Brito (2018) advogam que a distinção entre *visada argumentativa* e *dimensão argumentativa* deve ser considerada nas relações textuais, tendo em vista que é pela organização composicional do texto que se verifica se determinada estrutura argumentativamente é dominante. Assim, se um texto tiver sequência argumentativa dominante, dizemos que é um texto de *visada argumentativa*. Graças às reflexões preciosas, hoje falamos em textos com *dimensão argumentativa* e textos com *visada argumentativa*, em vez de apenas *discurso*.

Ainda na esteira da relação entre as teorias, o conceito de *modalidades argumentativas*, mesmo não contemplando tudo aquilo que pode ser dito no *continuum* de uma argumentatividade, ainda será de relevante para a LT, pois "contribui significativamente para a compreensão das estratégias textuais" (Brito, Lima e Ferreira, 2025). A TAD propõe seis modalidades argumentativas (demonstrativa, pedagógica, patêmica, por coconstrução, negociada e polêmica), mas é na modalidade argumentativa polêmica que a francesa investe atenção, em especial pela produção do livro *Apologia da polêmica*, traduzido pelo grupo Protexto em 2017. Nele nos debruçamos com maior atenção, tendo em vista que nossos objetivos contemplam observar tais interações polêmicas nas redes sociais.

Em suma, é a partir desse diálogo crítico com a TAD que Oliveira e Cavalcante (2024) afirmam que a LT vivenciou uma virada epistêmica, modificando a forma como os fenômenos textuais são compreendidos e analisados, mesmo que a LT já tratasse, ainda que de forma indireta, da argumentação. Assim, reafirmamos, nesta dissertação, mais uma vez, o compromisso que a LT brasileira tem em revelar, além de apenas descrever, como as estratégias argumentativas textuais contribuem para a negociação de sentidos e como tais formas influenciam a textualidade em contextos sociais e culturais específicos.

Como explicam Brito, Lima e Ferreira (2025, p. 5), os diálogos considerados neste trabalho, já alicerçados entre a LT e a TAD:

> [...] propõem uma visão da argumentação como uma dimensão constitutiva da textualidade na medida em que todo texto, mesmo sem intenção persuasiva explícita, orienta modos de pensar, sentir e agir. A partir disso, a LT passa a integrar, em sua análise textual, elementos retóricos, sociocognitivos e pragmáticos, reconhecendo o sujeito como estrategicamente situado e influenciado por contextos sociais.

Além do caráter argumentativo, se sobressai o conceito de texto como enunciado, na perspectiva de Brait (2016), também tomado nas últimas produções, em que nos ajuda a compreender a capacidade do texto ser um evento singular que cria uma unidade de comunicação e de sentido em um contexto específico por meio de sistemas semióticos. Em outras palavras, devemos considerar o texto como algo único, sempre contextualizado e com diferentes formas semióticas de manifestação, como emerge o texto no ambiente digital.

Como teoria transdisciplinar, a LT mantém-se em constante atualização, revisitando seus próprios conceitos sempre que necessário. Acreditamos que, além da virada teórica impulsionada pela Teoria da Argumentação no Discurso, outro momento de suma importância para o Grupo Protexto foi o encontro com os pensamentos de Marie-Anne Paveau, especialmente a partir da tradução da obra *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas* (2021), cuja edição brasileira contou com um prefácio escrito pela professora Mônica Magalhães Cavalcante. A partir dessa tradução, o grupo de estudos Protexto passou a desenvolver um debate crítico e engajado sobre as ponderações dos estudos do texto nas produções nativas digitais. Mesmo que, em alguma medida, já praticando aquilo que a autora tão bem aconselha e pondera, o grupo assumiu publicamente a defesa de uma LT que considera um ambiente ecológico e pós-dualista no tratamento das produções linguageiras realizadas tanto no espaço digital quanto fora dele.

Amparados no debate proposto por Martins (2024), que defende, em sua tese, a utilização do termo *tecnotexto*, propondo uma diferenciação explícita, por meio da nomeação dos termos, entre aquilo que é ressaltado por Paveau (discurso) em seus estudos e aquilo que nós, da LT, temos como objeto de estudo: o texto produzido nativamente no meio digital. Assim, a autora ressalta alguns aspectos relevantes para o que ela nomeia *tecnotextos*, compreendidos como fruto de uma articulação entre fatores sociais, discursivos e tecnológicos nas interações mediadas digitalmente, como é o caso do nosso corpus.

Decidimos, no desenvolvimento deste trabalho, já tomados das considerações feitas em Martins (2024), por vezes usar o termo *textos nativos digitais*, ou até mesmo *textos digitais*, como formas de evidenciar que o conceito de texto permanece o mesmo, mas que enfatizam que sua produção está intrinsecamente ligada ao online. Assim, não estamos desconsiderando as ponderações feitas pela autora, tampouco abdicando do intenso debate até aqui posto, mas

alastrando as possibilidades de nomear esse evento único que acontece principalmente na Web 2.0.

Dessa forma, concordamos com Paveau (2021) ao afirmar que as produções feitas nativamente no ambiente digital adquirem novos contornos e que demandam formas renovadas, repensadas e ampliadas de análise e compreensão. Isso não implica, em nossa perspectiva, uma mudança naquilo que entendemos como texto. Para nós, o texto, mesmo que produzido nativamente no ambiente digital, permanece sendo um evento único e irrepetível, que ocorre em um contexto específico e que busca, sempre em alguma medida, influenciar o modo de ver, sentir e pensar daqueles que compartilham do contexto comunicativo ao qual ele está intrinsecamente ligado.

Por isso, consideramos relevante aquilo que a analista do discurso propõe como características do tecnodiscurso, sendo divididas em cinco propriedades:

a) **Composição**: essa característica diz respeito à capacidade dos textos digitais serem constituídos por matéria tanto linguageira como também tecnológica de natureza informática "de forma manifesta (caso da hashtag ou do pseudônimo no Twitter, por exemplo, dotados de marcas de composição) ou não manifesta (caso de todos os os tecnodiscursos on-line que dependem dos programas informáticos)" (Paveau, 2021, p. 58);
b) **Deslinearização**: ou seja, os textos nativos digitais podem ser deslinearizados por meio de links hipertextuais, que podem redirecionar o texto fonte para outro, em outra janela do navegador e uma outra situação de comunicação. Ou seja, nem sempre as produções on-lines seguem um "eixo sintagmático do fio do discurso " (Paveau, 2021, p. 58);
c) **Ampliação**: este aspecto tem forte relação com a capacidade da convencionalidade da web, principalmente a 2.0. Para a autora os discursos digitais se constituem por camadas sucessivas de reformulações, respostas, memórias e apropriações, gerando efeitos de ampliação que decorrem tanto da materialidade técnica das plataformas quanto da intervenção dos interlocutores. Apesar de a autora acreditar que os comentários vinculados a um texto fonte são capazes de ampliar, acreditamos que essa afirmação precisa ser feita com atenção, principalmente, por tratarmos do conceito de texto dentro da LT. Assim, nesta pesquisa, apesar de não buscarmos resolver esse impasse, compreendemos a ampliação como efeito relacional e semântico, produzido na interação entre o texto fonte e os comentários que o acompanham. Esses

comentários não apenas reiteram ou expandem os sentidos originais, mas frequentemente ressignificam o conteúdo, projetando novos pontos de vista, ironias etc;

d) **Relacionalidade**: ligada diretamente a capacidade reunir, por meio da construção das redes de conexão da web, outros discursos; mas também devido os aparelhos, pelo fato dos enunciadores sempre produzirem junto de aparelhos; como também pela influência das interfaces, que colaboram na forma da escrita e da leitura das produções digitais;
e) **Investigabilidade**: os textos nativos digitais são investigaveis, em outras palavras, eles podem ser pesquisados, localizados e coletados para possíveis menções, utilizações e repetições, entre outras funções. Isso porque, "no sentido material do termo, num universo que nada esquece e que é percorrido por ferramentas de busca e de redocumentação" (Paveau, 2021, p. 59);
f) **Imprevisibilidade**: ela evidencia a ecologia do discurso em relação ao digital. Assim, evidencia-se a imprevisibilidade para os enunciadores humanos os limites dimensionais em que seu texto poderá chegar ou em como ela poderá ser reutilizada, reformulada etc.

Mas retornemos à ampliação dos textos. Se considerarmos que cada comentário feito em uma publicação amplia o texto (Paveau, 2021, p. 59), correríamos o risco de perder de vista aquilo que, conforme já mencionado, estamos a chamar de texto. Certamente, a discussão sobre esse ponto ainda precisa ser aprofundada; contudo, neste trabalho, optamos por compreender a ampliação em termos de possibilidades de significação, e não de texto, considerando que, em nossas análises, os comentários serão tratados como textos interativos que "respondem" ou se relacionam, mesmo que minimamente, com outro comentário posterior postado pelo mesmo usuário ou por outro.

Falamos, portanto, em possibilidades de significação, pois uma publicação com cinco curtidas não possui o mesmo efeito de sentido que outra com dez mil. Isso se deve à sua capacidade de viralização, fenômeno ligado às bolhas algorítmicas que buscam engajar e influenciar os sujeitos a interagir com a mesma publicação, seja por meio de uma curtida, de um outro comentário ou mesmo de um compartilhamento.

Em síntese, a proposta de Paveau (2021) tem sido, e continua sendo, um ponto de reflexão para os estudos da LT brasileira. Ainda que muitos aspectos exijam aprofundamento

teórico e metodológico, reconhecemos que os aportes da autora abrem caminhos frutíferos para um novo horizonte de investigações do texto.

2.1 Modalidade Argumentativa Polêmica

Como mencionado anteriormente, a Teoria da Argumentação no Discurso fornece as bases para compreendermos a argumentatividade como um constituinte intrínseco aos textos. Embora Amossy (2018) contemple diversas formas de interação, a autora dedica especial atenção à **interação polêmica**. Esta temática recebeu um tratamento exaustivo na obra *Apologia da Polêmica* (2017), cuja tradução para o português foi coordenada por Mônica Magalhães Cavalcante no âmbito do grupo Protexto. Tal publicação tornou-se um marco divisor, impulsionando e fundamentando uma vasta produção acadêmica, que se ramificou em teses, dissertações e projetos de investigação dedicados à análise dos embates discursivos no cenário brasileiro.

Acreditamos, particularmente, que a modalidade argumentativa polêmica, devido a seus critérios (dicotomização, polarização e desqualificação do outro) acontece por meio da interação. Em nosso corpus, especificamente, analisaremos textos em que esta interação acontece de forma poligerida, ou seja, os interlocutores possuem seus tempos de fala que são observados a por meio do espaço destinado a comentários na rede social X. Por isso, optamos por chamar de interação polêmica, como compreensão da interação entre oponente, proponente e terceiro.

Parece-nos que a efemeridade, característica já apontada por Amossy (2017), junto da criatividade dos sujeitos, aliada às quase infinitas atualizações de possibilidades de interação nas redes sociais, à consolidação cada vez mais intensa das bolhas digitais, à polarização crescente e ao aumento do engajamento nas plataformas, favorece o surgimento de novas polêmicas ou, como costumamos pensar, a atualização de polêmicas comuns na cultura brasileira. É a partir de Brito (2018) que afirmamos que devido à efemeridade das trocas e ao fato de que, nesse tipo de argumentação, o acordo não é privilegiado, trata-se aqui de uma argumentação do dissenso, as polêmicas ou os assuntos polêmicos nunca se encerram. Eles apenas se atualizam a cada nova interação, onde quer que ocorram.

Vejamos, antes de tudo, que é por meio da distinção de visada e dimensão argumentativa que Amossy (2017) observará certas regularidades nas formas de argumentar dentro dos discursos. Assim, ela nomeia tais regularidades como modalidades argumentativas, distinguidas pela observação de três pontos: os papéis que os participantes desempenham; a

maneira como ocorre a tentativa de persuasão, se apaixonada, racional, colaborativa, instrutiva; e, por fim, pelo modo como o interlocutor vai ser concebido. Argumentatividade, dentro desses critérios, passa a ser vista como um *continuum* em que se podem manifestar-se em seis modalidades apontadas por ela:

a) Modalidade Argumentativa Demonstrativa: "uma tese apresentada pelo locutor, num discurso monogerido ou poligerido, a um auditório cuja adesão ele quer obter por meio da demonstração razoável, do raciocínio articulado apoiado em provas (Amossy, 2018, p. 2);
b) Modalidade Argumentativa Pedagógica: um locutor se coloca em local social superior e leva à reflexão ao auditório, que se tornou, nesse cenário, um aprendiz;
c) Modalidade Argumentativa Patêmica: uma tese e um ponto de vista são apresentados ao público de maneira *monogerida* ou em diálogo, de uma forma que gere sentimentos no auditório, para assim obter uma adesão;
d) Modalidade Argumentativa por Coconstrução: efetivada quando um dado problema é apresentado, e um conjunto de participantes discutem para solucionar o impasse;
e) Modalidade Argumentativa Negociada: participantes, que sustentam pontos de vistas diferentes, debatem sobre um dado problema na busca de um consenso que solucione a divergência;
f) Modalidade Argumentativa Polêmica é uma modalidade argumentativa que se ampara em uma retórica do dissenso, prevendo uma "interação polêmica muito bem argumentada" (Amossy, 2017, p. 52).

Mesmo sendo cada uma das modalidades pertinentes para a construção da Teoria da Argumentação no discurso, é por meio da modalidade polêmica que os postulados de Amossy ganham um "fôlego novo", um ar de "novidade", fazendo surgir, consequentemente, a dedicação em seu livro, *Apologia da Polêmica* (2017), isso porque ela tende a propor uma ruptura na clássica concepção de argumentação como sinônimo de consenso.

A polêmica[2], assim, é posta em lugar diferente da retórica clássica e da nova retórica. Ambas as escolas de estudos retóricos, sejam as mais familiarizadas com a proposta

[2] Falaremos, em alguns momentos em polêmica, como forma de evitar a repetição excessiva de palavras como modalidades, argumentativas e interações.

aristotélica, ou com Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (1996), compreendem argumentatividade como a finalidade de um consenso, ou, em outras palavras, a busca por um acordo. A polêmica, nesse quadro, se distancia dessa retórica, ao passo que o diálogo não se constrói visando um acordo, cabendo a ela um lugar privilegiado em uma retórica do dissenso.

Nos pensares da autora, a polêmica, enquanto uma modalidade argumentativa, deve ser entendida como "um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa cultura" (Amossy, 2017, p. 49). Tal característica funciona como um critério básico na distinção entre interações calorosas, uma disputa entre particulares (Platin, 2003) e uma interação polêmica, pois, nesses termos, a referida modalidade gira em torno de assuntos públicos, pertinentes a uma dada cultura, isso "para que ela não seja uma simples discussão, uma disputa entre particulares" (Amossy, 2017, p. 46).

Além dessa, a efemeridade, como já mencionado, da interação polêmica é outro aspecto relevante que merece atenção, em especial porque a interação pode rapidamente acabar, sem que os participantes necessariamente finalizem suas "falas" formalmente. Pereira e Brito (2020, p. 11) distinguem o que estamos considerando por assuntos ou questões polêmicas em uma dada sociedade, que levam, quando atualizadas, ao acontecimento de interações polêmicas:

> A questão polêmica diz respeito a temas sociais que por si só despertam o confronto entre discursos antagônicos, como na polêmica, que, necessariamente, envolva um assunto de interesse público. [...] As questões polêmicas referem-se aos temas sociais mais amplos como o feminismo, racismo, a política, dentre outros, enquanto a polêmica concerne a acontecimentos específicos e irrepetíveis, inserida em contexto sócio-histórico, disso advém seu caráter efêmero. Deste modo, acreditamos que as questões polêmicas subjazem a todas as tentativas de reacender e atualizar as polêmicas no espaço público (Pereira; Brito, 2020, p. 11).

Questões polêmicas, em suma, são "assuntos", "temas", "pautas" que em determinadas sociedades se tornam "sensíveis", pois sempre existem pontos de vistas diferentes sobre a mesma questão, com: legalização do uso de drogas, autorização do aborto, casamento homofabetivo, pena de morte, cotas raciais, entre outros. Já a polêmica, como uma modalidade, é um tipo de argumentação com interação breve, que não visa acordo, mas sempre aborda questões de interesse coletivo e que normalmente já possuem gatilhos, direto ou não, para o surgimento da interação polêmica.

Para falarmos em interação polêmica é necessário considerarmos as três propriedades condicionantes da interação polêmica:

a) a **dicotomização** consiste no choque de duas opiniões antagônicas, ou antitéticas (Macedo, 2018, p. 64), que se excluem mutuamente e que sua identificação está

sujeita ao interior do contexto em que se forma, “pois as posições que lhe dão vazão (direta/esquerda; progressista/conservador etc.) não são absolutas (Duarte, 2023. p. 55);

b) a **polarização**, ou divisão social, se baseia na divisão dos sujeitos participantes em grupos, reconhecido pelos papéis sociais que desempenham frente às teses ou ao próprio debate; mesmo assim, essa polarização não é completamente estável, tendo em vista que podem haver pontos de vistas mais ou menos divergentes;
c) por fim, a **desqualificação do outro** se caracteriza como a deslegitimação do adversário para que assim também seja deslegitimado a sua tese, pois “o descrédito lançado sobre a pessoa anula a força de seu argumento" (Amossy, 2017, p. 59).

Compreender essas características nos revela como tal modalidade exerce, em sociedades democráticas pluralistas, função especial por nos mostrar uma “profunda, até mesmo violenta, diferença de opiniões” (Amossy, 2017, p. 18), sem recorrer a formas de violências físicas.

Em sua tese, Duarte (2023) explica que, durante o processo argumentativo polêmico, as teses contrárias sustentadas durante o confronto de posições antagônicas são ambas razoáveis, ou seja, existe o dissenso, também, entre os valores, crenças e verdades que, segundo a Retórica, deveriam estar em conformidade e serem compartilhados em dada sociedade. Isso justifica o desacordo profundo que ocorre durante a interação, tendo em vista esses argumentos razoáveis, antitéticos e mutuamente excludentes.

Consideramos, assim, pensar que pelo dissenso conseguimos conhecer os projetos de sociedade que os grupos de opositores e defensores de opiniões antagônicas possuem quando estão em interação, permitindo que os sujeitos que assistem ao confronto compreendam as ideias de cada lado, possibilitando que eles escolham livremente um ou outro, com base na avaliação dos pós e dos contra de cada tese (Macedo, 2018).

Desta forma, somos conduzidos à discussão dos sujeitos que participam, direta ou indiretamente, da interação polêmica. Amossy (2017) mostra que a polêmica é persuasiva, mas ela só é vista dessa forma pelo fato de que o foco dessa persuasão não é o Adversário, mas o Terceiro que é levado a aderir um ponto de vista. Assim, na interação, constrói-se um quadro interacional composto por: Proponente, aquele que propõe e defende um ponto de vista; Oponente, a quem devem ser direcionadas as desqualificações, caracterizado quase como um

inimigo ou mal; e, por fim, o Terceiro, sujeito que assiste ao debate mas que ainda não assumiu um ponto de vista.

Em nosso corpus, composto de interações que acontecem no ambiente digital, compreendemos o terceiro como um sujeito que ainda não se manifestou na interação polêmica que ocorre na aba comentários. Acreditamos que gestos como curtir, reagir, ou até mesmo comentar, são formas de tomar uma decisão e aderir um lado em detrimento do outro.

Assim, pensamos que o "terceiro pode ser o que está em silêncio, ou ser o indeciso. Também pode ser aquele que recusa seu assentimento tanto a uma tese quanto a outra e mantém a dúvida aberta (...)" (Cavalcante *et al.* 2022, p. 37). Diante disto, para nós da LT, o terceiro será uma "pessoa diferenciada" (Cavalcante *et al.* 2022, p. 38) que participa indiretamente da comunicação, tal como um possível ouvinte-espectador. Em nosso corpus, podemos pensá-lo como sendo qualquer sujeito que tenha acesso a interação na aba de comentários e que por motivos quaisquer escolheu não participar e apenas observar.

Mas é sobre a desqualificação do outro que nosso olhar recai, sendo uma característica pertinente e específica da modalidade, quando comparada com as outras. É por meio dela que vemos paixões, razões e violências verbais se manifestando em defesa de pontos de vista. Ao descredibilizar o Oponente, o Proponente busca, segundo Amossy (2017), descredibilizar os seus argumentos, causando um enterro simbólico daquele com opiniões opostas.

Duarte (2023) aponta que a desqualificação do outro se vale do argumento *ad hominem*. Na Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) esse argumento é compreendido pela coexistência, ou seja, ele relaciona atributos com a essência ou um ato com a pessoa. Significaria, assim, uma espécie de argumento contra a pessoa, "pois não se discutem os argumentos propostos, mas desqualifica-se o sujeito que argumenta, pondo em dúvida a credibilidade da pessoa que tem o ponto de vista contrário ao sujeito que argumenta" (Duarte, 2023, p. 60).

As interações polêmicas que analisamos são do ambiente digital e acreditamos que a forma como a desqualificação acontece ganha contornos específicos desse ambiente, fortemente possibilitada pelas múltiplas formas de interações do X. Em nosso corpus, optamos por observar as interações que ocorrem entre os usuários no espaço de comentários, que possibilita o uso de links, marcação direta por meio de nome dos usuários acompanhados de @, gifs, emojis, imagens, vídeos, hashtags etc. Nossa hipótese é de que todos esses elementos podem ser utilizados na desqualificação. Além do mais, acreditamos que o apelo aos recursos intertextuais acabam sendo constantes e recorrentes.

Para observarmos o funcionamento dos elementos interacionais na utilização da desqualificação, recorremos às reflexões sobre as ciberviolências compreendidas por Paveau (2021) em sua proposta para análise do discurso digital.

3 CIBERVIOLÊNCIA: CONCEITO E CATEGORIAS

Como em toda proposta da analista francesa, a escolha da terminologia *ciberviolência* parte da construção morfológica que busca evidenciar o aspecto tecnológico do fenômeno. O prefixo *ciber*-, embora considerado antiquado e associado a filmes de ficção científica, tem a função de destacar o caráter digital que o diferencia de outras formas de violência ocorridas em ambientes não digitais. Além disso, essa opção é respaldada pela ampla divulgação promovida principalmente pela Organização das Nações Unidas. Ao final da apresentação da proposta da autora, realizaremos considerações e explicaremos as escolhas terminológicas adotadas.

A abordagem de Paveau (2021) sobre ciberviolência está intrinsecamente ligada à noção de decência, a qual está contextualizada em uma determinada época, espaço e cultura. Nesse sentido, a ciberviolência é compreendida como a transgressão dos valores de decência por meio de modalidades tecnolinguísticas ou tecnogêneros que se encontram na interface entre formas técnicas e semânticas. Em outras palavras, é necessário considerar tanto os elementos semânticos quanto os tecnodiscursivos (textos nativos digitais) para se pensar em ciberviolência dentro desse campo.

Essa perspectiva também serve para justificar a proposta de classificação de Paveau, a qual difere de outras classificações que são consideradas do tipo funcional ou psicológico pela autora[3]. Paveau argumenta que a proposta de classificação do Observatório dos Direitos da Internet é mais coerente, pois separa dois tipos de assédio: o assédio direto, que envolve a vítima de forma direta, e o assédio indireto, que ocorre sem o conhecimento da pessoa visada, caracterizando uma forma de assédio "por trás".

O assédio direto é dividido em:

- Ciberassédio físico: com o fim de prejudicar ou encerrar as atividades tecnológicas da pessoa, ou a violação virtual do sistema da pessoa;
- Assédio verbal on-line ou flaming: seriam os ataques diretos por meio de interações bucólicas e/ou ataques insultantes;
- Assédio on-line não verbal: seria o envio de mensagens com imagens explícitas de violência (happy slapping);
- Assédio social on-line: seria o silenciamento ou exclusão de um determinado indivíduo dentro de um ecossistema.

[3] Como as de Willard (2007), Bayzick et al. (2011) e Blaya (2011).

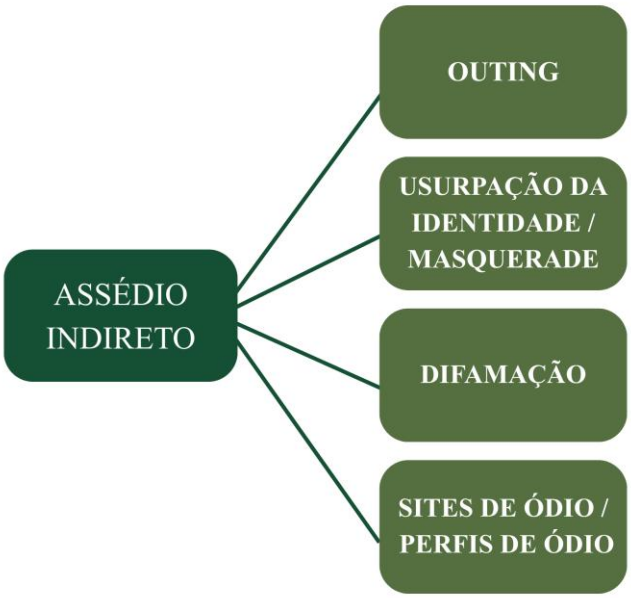
Quadro 02 — Ciberviolências de critério direto

Fonte: elaborado pelo autor.

O assédio indireto está dividido em:

- Outing: seria a exposição/revelação de informações de caráter sensível.
- Usurpação da identidade/masquerade: quando exista o roubo da identidade da vítima, por meio de hackeamento de contas ou quando se passa por outra pessoa para abusar da vítima.
- Difamação: atacar o nome ou a reputação de uma pessoa por meio de rumores falsos.
- Sites de ódio: lugares dedicados à maldade direcionada a um indivíduo.

Quadro 03 — Ciberviolências de critério indireto



Fonte: elaborado pelo autor.

Muito inspirada nessa separação na qual ela privilegiou "as categorias que colocam em jogo principalmente o uso da linguagem" (Paveau, 2021, p. 66), a autora propõe, assim, uma classificação da ciberviolência que dá destaque a **ciberviolência verbal**, mesmo sabendo que tal divisão poderá encontrar "seus limites, devido à especificidade ambiental dos fenômenos e de sua variedade inovadora" (p. 66). Assim, são divididas sete categorias por meio de critérios enunciativos.

A seguir, apresentaremos os grupos de ciberviolências previsto pela autora, no qual assumiremos em nossa pesquisa, além disso, quando possível, dada a volatilidade dos dados e da captação deles, apresentaremos pequenos exemplos dessas ciberviolências no X, uma vez que nosso *corpus* será construído por meio de publicações de usuários dentro desses ecossistemas.

3.1 Ciberviolência: em segunda pessoa em contexto interacional

3.1.1 O ciberassédio verbal ou flaming

São as mensagens de ódio ou insultos produzidos em segunda pessoa. A autora chama a atenção para dois critérios que podem definir tal categoria: o primeiro é de ordem pragmática, que visa compreender "os efeitos dos discursos violentos no ambiente

tecnodiscursivo"; o outro é de ordem sociodiscursivo que visa sobre "as normas de aceitabilidade dos discursos on-line e o papel dos trolls e dos impostores na elaboração dos discursos" (p. 67). Notemos o seguinte exemplo:

Imagem 02 — Tuíte na página da Choquei

Fonte: https://x.com/choquei/status/1758901883740041665?s=46. Acesso em: 19 fev 2024.

Como se vê na imagem acima, trata-se de uma publicação na página de fofoca @achoquei, na qual o usuário encontra um vídeo e no mesmo tuíte uma parte escrita que diz: "(emoji de sirene)🚨BRASIL: Homem negro é vítima de tentativa de homicídio em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), liga para a Brigada Militar, e ao chegarem os militares prendem a vítima, e não o suposto agressor, que é branco e portava uma faca". Sobre o caso, trata-se de uma notícia que teve repercussão nacional e revela o racismo estrutural e a violência policial direcionado aos corpos negros do pais. O incidente ocorreu no dia 17 de janeiro, alguns dias após o carnaval, momento em que o Brasil passa por um efervescente período de folia.

Essa primeira publicação gera uma série de comentários, mas um deles nos chama a atenção por se tratar de um *flaming*, ou seja, um ataque direto a uma outra pessoa. Vejamos os comentários em questão:

Imagem 03 — Comentários na publicação da @achoquei

Fonte: https://x.com/illuminatum8/status/1758933130331742602?s=46. Acesso em: 19 fev 2024.

Com se vê, um usuário sobre @illuminatum8 comenta que o policial, no vídeo em que abordar de forma bruta um homem negro que acabou de sofrer tentativa de homicidio, "bateu pouco" e logo em seguida usa uma palavra chula para estrenalizar sua indignaçào com o policial que deveria ter usado de mais força na abordagem. Como resposta ao comentário, o usuário @MVallblack sugere que não devemos credibilizar o comentário do outro usuário tendo em vista que ele é "Mais um adolecente cheio de espinhas e problema de cabeça".

Socialmente sabemos que o comentário do primeiro usuário fere uma série de condutas sociais que prevê a não utilização de violência tão bruta em casos de abordagem policial, principalmente tratando-se da possível vítima. Como resposta ao seu comentário, o outro usuário escolhe descredibilizá-lo perante o público, insultando a possível aparência física do outro usuário. Como se trata de uma resposta direta ao primeiro comentário consideramos que o segundo comentário é um *flaming*.

3.1.2 A farsa ou *masquerade*

Ocorre quando um internauta se esconde sobre uma falsa identidade para atacar ou enganar um determinado indivíduo; nesse critério, a atenção dela se recai sobre o questão da verdade enunciativa, coberta sobre a questão do etnolinguística e dos efeitos pragmáticos da mentira que acabam criando um efeito de ausência dentro dessas produçòes/interações.

A título de exemplo, retomemos ao exemplo da **Imagem 2**, temos um usuário que faz um comentário que incentiva a violência policial e se irrita (utilização da palavra "porra") com a falta de pancadas mais violêntas, para fazer esse comentário, tal usuario se esconde sobre o pseudonimo de @illuminatum8, possivelmente fazendo uma referência a uma possivel ordem secreta que movimenta diversas teorias da conspiuração sobre controle mundial. Vejamos:

Imagem 04 — Perfil do @illuminatum8

Fonte: https://x.com/illuminatum8?s=21. Acesso em: 19 fev 2024.

Ao acessarmos o perfil do usuário em questão, a hipótese de que se trata de uma farsa, ou seja, um perfil fake - como popularmente chamamos aqui no Brasil - tendo em vista que não há informação sobre a pessoa não virtual e/ou fotos próprias:

3.1.3 O assédio social

Acontece quando existe o banimento ou silenciamento de um determinado usuário dentro de um fórum, por meio de discursos de intimidação de ódio e ameaça. Para essa categoria, ela chama-nos a atenção para a questão tecnolinguística de ordem pragmática, uma vez que lida com a capacidade de silenciar ou silenciamento (Orlandi, 2004) dentro desses fóruns que acabam por favorecer o anonimato/pseudoanonimato, refletindo para a autoridade do moderador, força do número e das possibilidades de circulação dessas mensagens.

Ainda usaremos o exemplo da publicação da página @achoquei e a repercussão do comentário do usuário na Imagem 2. Outros usuários manifestaram desconforto com a postagem de @illuminatum8. Como resultado, outros cinco usuários optaram por responder, com o intuito de intimidá-lo e impedir futuros comentários de natureza semelhante. Porém, de

modo igual, esses usuários acabaram proferindo comentários maliciosos e insultuosos em relação a @illuminatum8. Vejamos:

Imagem 05 — Respostas ao @illuminatum8

Fonte: https://x.com/illuminatum8/status/1758933130331742602?s=46. Acesso em: 19 fev 2024.

Como se vê, além do usuário @MVallblack, que já apresentamos, encontramos outros cinco comentários de diferentes perfis, todos com carga semântica de ódio e com intenção de intimidar e evitar a continuação de comentários semelhantes ou de outros comentários do usuário @illuminatum8. De forma mais agressiva, dentro de um grau de violência verbal, notamos que o último comentário, feito por @_black4mikaze, faz uma referência direta ao utilizar o pronome pessoal "você" e o predicado da frase (nem nascido deveria ter sido, deveria ter sido abortado e queimado) que indica a possibilidade da não existência do usuário @illuminatum8, desejando-o que o mesmo tivesse sido abortado e queimado.

3.2 Ciberviolências em terceira pessoa dentro de um contexto descritivo, narrativo ou argumentativo:

3.2.1 A difamação

Seria a fofoca maldosa por meio de boatos que visam descredibilizar um indivíduo. A autor nos chama atenção para uma questão etnolinguística de ordem ética, ao pensarmos na verdade dos textos/discursos ali postos e/ou aquilo que um determinado grupo de pessoas toma como verdade; e uma questão tecno-enunciativa que estariam ligados a capacidade de circulação e viralização de tais textos que pode ter influência do efeito de ausência.

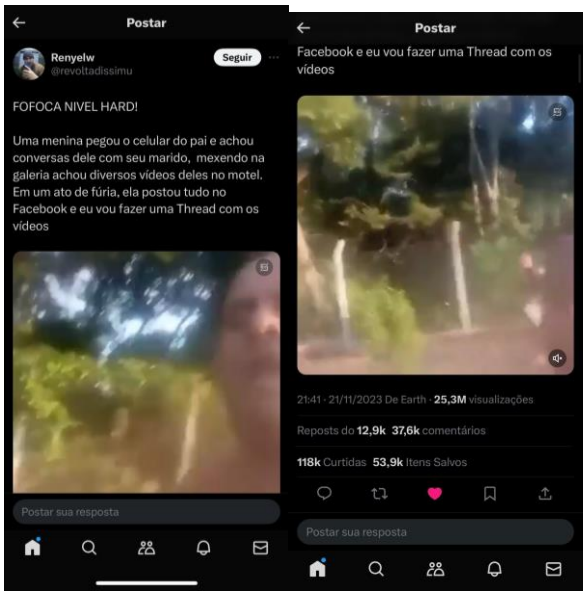
Casos como esses são frequentes e supomos que seja difícil afirmarmos se são apenas fofocas, principalmente quando se trata de celebridades. A exemplos, temos o caso de

3.2.2 O *outing* ou a revelação

Acontece sem o consentimento e contra a vontade da pessoa, expondo um elemento da vida privada sensível ou comprometedor. A questão tecnológica aqui é elucidada através da enunciação, referente aos dispositivos de circulação viral e aos efeitos pragmáticos da revelação (p. 67). Esse tipo de ciberviolência começou a ganhar notoriedade no Brasil com o surgimento de diversas fofocas que se propagam na rede social X.

Uma dessas ganhou repercussão nacional e foi tema de várias reportagens e ficou conhecida como o caso do Genro e do Sogro. Abordaremos esse caso com mais detalhes em nossas análises. Mas, em resumo, a esposa descobriu que seu marido mantinha relações íntimas com seu pai. Como forma de expor sua indignação a jovem publica as informações e provas na rede social Facebook. Usuários do X tomaram conhecimento do caso, fizeram prints de tudo e compartilharam em formato de threads. O caso ficou tão famoso que chegou a ficar em primeiro lugar nos assuntos mais comentados do mundo.

Imagem 06 — Thread no X: Genro e Sogro)



Fonte: https://x.com/revoltadissimu/status/1727125212242805108?s=46. Acesso em: 20 fev 2024.

Conforme observado no print deste acesso diário, a publicação apresenta um alcance total superior a 23 milhões de visualizações, aproximadamente 120 mil curtidas e quase 55 salvamentos. Estes números evidenciam a significativa viralização que este tipo de conteúdo experimenta nas redes sociais, ressaltando o caráter enunciativo das tendências de certos threads que visam "expor" informações de natureza pessoal.

Acreditamos que o surgimento desta ciberviolência se originou da iniciativa da esposa do indivíduo em questão, a qual, como meio de causar dano aos alvos, optou por divulgar suas informações. O ato perpetrado pelo outro usuário, ao publicar os prints e gravações de tela na rede social X, está em conformidade com o critério da tecnodiscursividade, caracterizado pela imprevisibilidade.

3.2.3 A usurpação da identidade

Ocorre por meio de hackeamento de contas de um indivíduo, fazendo se passar pela pessoa. A autora chama a atenção para a própria questão linguística da enunciação do sujeito, tendo em vista que outro sujeito produz discursos em seu lugar. Essa usurpação deriva das falhas/brechas de um sistema/ambiente que possibilita o hackeamento e isso se liga a uma questão propriamente tecnodiscursiva para a autora.

Em 2023 o caso que talvez tenha tomado mais notoriedade no Brasil foi o hackeamento do perfil da primeira-dama Janja Lula da Silva non X, por consequência disso, os

hackers publicaram sequência de tuítes ofensivos e xingamentos contra seu esposo e ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Imagem 07 — Prints do perfil de Janja

Disponível em: https://www.poder360.com.br/midia/janja-tem-perfil-no-x-ex-twitter-invadido/. Acesso em: 21 jan 2024.

Devido ao avanço e à rápida recuperação da conta da primeira-dama, não conseguimos acessar diretamente a rede social para obter os tuítes originais. No entanto, dado o status de figura pública dela, rapidamente localizamos em sites de notícias os prints do

conteúdo do dia. Como pudemos observar, há várias publicações contendo afirmações humilhantes, além de calúnias e difamações contra a esposa do presidente.

O usuário que se torna alvo de tal ataque virtual não pode ser responsabilizado, uma vez que este incidente é consequência de uma falha na segurança e no gerenciamento de dados por parte da plataforma. Acreditamos que tais casos exemplificam claramente como o domínio de conhecimentos em informática por parte dos usuários de redes sociais os coloca em vantagem em certas práticas tecnolinguísticas. Outras formas de ciberviolência não requerem um conhecimento tão avançado em informática, uma vez que não envolvem a usurpação da identidade de terceiros. Para elucidar, não se trata da criação de um perfil falso, mas sim da usurpação do perfil oficial de outra pessoa.

3.2.4 Os sites de ódio

Conforme descrito por pesquisadores como Dehue et al. (2008), os chamados *sites de ódio* são espaços digitais — páginas, fóruns ou perfis — criados com a finalidade específica de reunir discursos ofensivos e maldosos contra determinado indivíduo, funcionando como repositórios de calúnias e difamações. Esses ambientes, frequentemente organizados em grupos, fomentam a circulação de mensagens violentas e reforçam práticas discursivas como o *flaming* (ataques verbais intensos) e a difamação sistemática. Tais formas discursivas são apontadas por Dehue et al. como recorrentes nesses contextos e também se destacam nas pré-análises que realizamos para nossa pesquisa, que indicam uma prevalência de postagens voltadas à exposição pública de aspectos da vida pessoal de terceiros com fins de deslegitimação ou ridicularização. Trata-se, portanto, de espaços cuja arquitetura tecnodiscursiva favorece a produção de danos simbólicos sustentados por uma lógica de violência retórica.

No Brasil, quando se trata desse tipo de ciberviolência, encontramos perfis de todos os tipos e de várias redes sociais diferentes, mas para ilustração, temos exemplos de alguns perfis de cunho politico que além de publicarem informações referente aos candidatos, acabam por disparar várias publicações violentas, algumas vezes falsas. Vejamos o seguinte perfil e alguma de suas publicações:

Imagem 08 — Perfil @LulanaCadeia24

Fonte: https://x.com/lulanacadeia24?s=21. Acesso em: 21 fev 2024.

O perfil em questão é uma conta criada na plataforma X com o intuito de disseminar informações sobre políticos e expressar pontos de vista. Sua distinção dos demais perfis reside na aparente neutralidade em relação aos dois últimos presidentes do país, Lula e Bolsonaro. No entanto, conforme descrito em sua biografia, o perfil adota uma postura de não apoio a "ladrões", referindo-se a ambos os presidentes. No entanto, essa suposta neutralidade é questionável, uma vez que o nome de usuário (@) é composto pela "frase de ordem", frequentemente utilizada por apoiadores de Bolsonaro: "Lula na Cadeia". Dessa forma, o conteúdo do perfil consiste em publicações, ocasionalmente ofensivas, direcionadas tanto ao atual presidente (Lula) quanto ao ex-presidente (Bolsonaro).

Quadro 04 — Ciberviolências de Critérios Enunciativos

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.2.5 Parâmetros tecnodiscursivos

Por seguinte, em um tópico sobre *Parâmetros tecnodiscursivo*, a autora justifica que tais análises não podem ser desconectadas da realidade ou apenas focar em aspectos do pré-digital, devemos, também, "observar parâmetros da comunicação on-line que marcam os discursos digitais com certas características" (Paveau, 2021, p. 68-69). Sobre esses elementos do tecno, revela-se como base o anonimato ou pseudoanonimato, caracterizado por ela como uma verdadeira cultura enunciativa e discursiva, sendo essa a principal forma enunciativa, seja na criação de páginas e perfis dos mais criativos, com finalidade diversas (humorísticas, educacionais, políticas) aos perfis de pura expurgação da maldade e crueldade humana. Dessa forma, os sujeitos vítimas de ataques "não pode identificar a fonte, esta torna-se uma fonte enunciativa onipotente" (p. 69).

Outro aspecto tecnodiscursivo da ciberviolência é a cultura do quarto ou *bedroom culture*, o mesmo que efeito de ausência, que liga se profundamente com o pseudoanonimato. Inspirada nas ponderações de Angela McRobbie, escritora feminista britânica, ao usar uma analogia do quarto e em como os jovens da atualidade, principalmente mulheres, particularmente englobaria outras pessoas, como pessoas gordas, negros, homens e mulheres

trans, que resumem seus contatos afetivos e sociais em diálogos com pessoas pelos aparelhos telefônicos. Sem supervisão de adultos, a cultura do quarto pode ser um espaço propício para a ciberviolência.

O efeito *cockpit* (cabine) seria o "relaxamento da censura verbal", tendo em vista que tanto o pseudoanonimato e cultura do quarto retiram os aspectos da presença de sujeitos "reais" e isso faz com que a vítima, ou até mesmo o agressor, perca a inibição e acabe gerando textos, direcionados (para quem lhe ataca ou na intenção de atacar) e ao mesmo tempo não direcionado, que rompem com os habituais contratos sociais e das consideradas relações civilizadas.

Outra questão que a autora nos propõe é pensar sobre a capacidade dessas interações deslocarem as relações de poder existentes. Vejamos um exemplo: suponhamos que um juiz está conduzindo uma audiência online, utilizando plataformas como o Google Meet. No entanto, o juiz não abriu a sala de conferência, delegando essa responsabilidade ao procurador do Fórum ao qual está vinculado. Nesse espaço virtual, é importante destacar que a figura de maior autoridade, no que diz respeito a aspectos tecnodiscursivos, não será o juiz, mas sim o procurador. É ele quem terá acesso aos participantes da sala virtual, bem como terá controle sobre funções como ligar/desligar microfones e câmeras, remover participantes da reunião, limitar o tempo da chamada, entre outras. Considerando o contrato social e as normas socialmente compartilhadas no contexto de uma "audiência judicial", sabemos que, na relação de poder, é ao juiz que devemos dirigir nossos respeitos, considerando-o como a autoridade responsável pela aplicação da lei. No entanto, o procurador pode alterar essa dinâmica de "poder social", podendo até silenciar o juiz, configurando assim uma quebra nessa tradicional relação de poder. É importante salientar que, embora o procurador possa ser penalizado fora do espaço digital, por exemplo, por desacato, dentro desse ambiente virtual ele estaria assumindo um papel que, socialmente, pertenceria a outro. Nesse sentido, ecoamos as palavras de Paveau (2021, p. 71):

> On-line, o detentor do poder é aquele que detém o saber-fazer tecnológico, informático e digital, as práticas de publicação, de difusão, de indexação e de compartilhamento. (....) o locutor digital desloca a relação de poder tradicional dominando os efeitos tecnopragmáticos dos discursos digitais.

Outra questão relevante é a ampla disseminação das tecnologias contemporâneas, a inseparabilidade que criamos com os suportes, termo que a autora não considera a melhor escolha, uma vez que, em sua perspectiva, o dispositivo é um elemento intrínseco ao sistema.

Esses suportes estão cada vez menos distantes de nós, sendo que a maioria da população carrega consigo algum equipamento que possibilita a conexão constante, como celulares, tablets, computadores portáteis e relógios inteligentes (SmartWatch). Para a autora, essa ubiquidade tecnológica implica, no contexto do ciberassédio, que não podemos evitar a produção constante de dados por meio desses dispositivos, conferindo a essa situação um traço de prescritivismo.

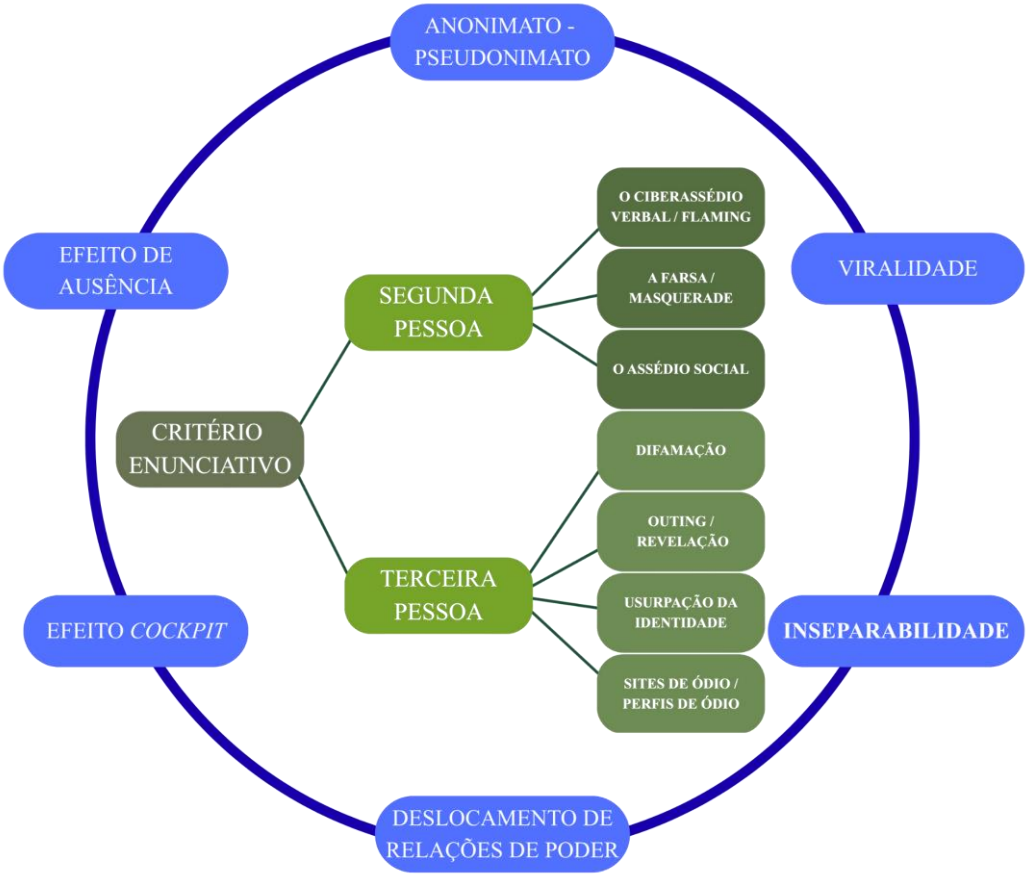
Por último, temos a virilidade como aspecto do tecnodiscurso, também se encontra posta nessa ciberviolência e é definida e entendida pela autora por meio de uma subdivisão: "a quantidade de emissores e receptores e a rapidez da propagação" (p. 72). A depender da potencialidade desses compartilhamentos, a autora diz que poderá haver uma "tempestade virtual" on-line e isso faz com que as produções violentas sejam nutridas pela grande quantidade de participantes (sejam pessoas que comentam, compartilham, curtem, salvam as publicações). Isso acaba por criar uma dificuldade e impossibilita o tratamento dos enunciados de forma logocêntrica.

Com Cavalcante (2025, p. 290), compreendemos que “os textos, para nós, são regidos pelo que Charaudeau (2008) denomina de contratos de comunicação, ou seja, por acordos a serem selados no cenário criado pelos interlocutores”. Em interações polêmicas, como aquelas sobre as quais nos debruçamos nesta pesquisa, nos vemos diante de uma questão, ainda que não a tomemos como eixo central do trabalho: haveria uma quebra nesse contrato implícito? Ou já teríamos naturalizado as violências e os ataques nos debates em torno de temas de interesse público?

A partir de uma abordagem mais ampla, complexa e pós-dualista, somos levados a compreender que parte desse fenômeno está relacionada à própria lógica algorítmica das plataformas, que fortalece bolhas discursivas e, com o intuito de aumentar o engajamento, favorece a circulação de conteúdos com alto potencial de conflito. Por isso, consideramos fundamental a continuidade das discussões sobre a modalidade argumentativa polêmica e sobre as formas de violência discursiva nos tecnotextos, sobretudo em redes sociais como o X.

O quadro, logo abaixo, elaborado a partir de Paveau (2021), resume, assim, os parâmetros tecnodiscursivos presentes nos textos digitais que revelam forte relação entre as práticas textuais de ciberviolência e as questões psicossociais dos ambientes digitais, que também se tornam parâmetros de comunicação do espaço digital.

Quadro 05 — Ciberviolências e Parâmetros tecnodiscursivos



Fonte: Elaborado pelo autor.

4 INTERTEXTUALIDADES NO AMBIENTE DIGITAL

Antes mesmo de tratarmos sobre a intertextualidade e do avanço dos estudos nos últimos anos com as discussões propostas pelo grupo Protexto, gostaríamos de desde já deixamos explícitos que, concordamos com os autores, nas intertextualidades como uma "ação estratégica, com finalidades argumentativas, ao fim e ao cabo" (Cavalcante *et al.,* 2022, p. 375) e tal ponto de vista orienta nossas reflexões e justifica o privilégio dado a este fenômeno em nossas análises.

Nesta pesquisa, gostaríamos de dar voz e reconhecer ainda, em determinada medida, reafirmar os achados de pesquisas já realizadas sobre o fenômeno, em especial, aos estudos de Carvalho (2018) e Costa (2024). Mas é importante relembrar, ainda que brevemente, sobre a origem do estudo, para compreendermos de onde partimos e a trajetória que foi construída para tomarmos a estreita relação entre intertextualidade e argumentatividade.[4]

Em inspiração no dialogismo de Bakhtin, Julia Kristeva (1974, p. 440) emprega o termo intertextualidade para definir aquilo que ela considerou ser um mosaico de citações que se resultam de textos anteriormente produzidos, mas é nos estudos da literatura de Genette (2010) que a maioria dos trabalhos sobre a tipologia do termo se amparam.

Para o crítico literário, chama-se de *transtextualidade*, ou transcendência textual, qualquer fenômeno que põe um texto em relação com outro texto, mesmo que esta não seja tão facilmente recuperada. Assim, *intertextualidade* seria, para ele, a inserção de um texto-fonte em um outro texto produzido.

Mas são diversos os motivos que levam a LT brasileira a não considerar puramente as proposições do francês, citamos alguns: como os pressupostos estruturalistas assumido pelo autor; o distanciamento da sua teoria com a concepção de texto enquanto unidade de comunicação em contexto defendida por nós; e seguindo a evolução da discussão teórica, parte das suas nomenclaturas foram substituídas pelo termo de *intertextualidade*, sendo este o nome mais aceito.

Em um reajuste, Piègay-Gros (1996[2010]), estabelece da teoria de Genette, assumir três grandes classificações, além do plágio[5]:

---

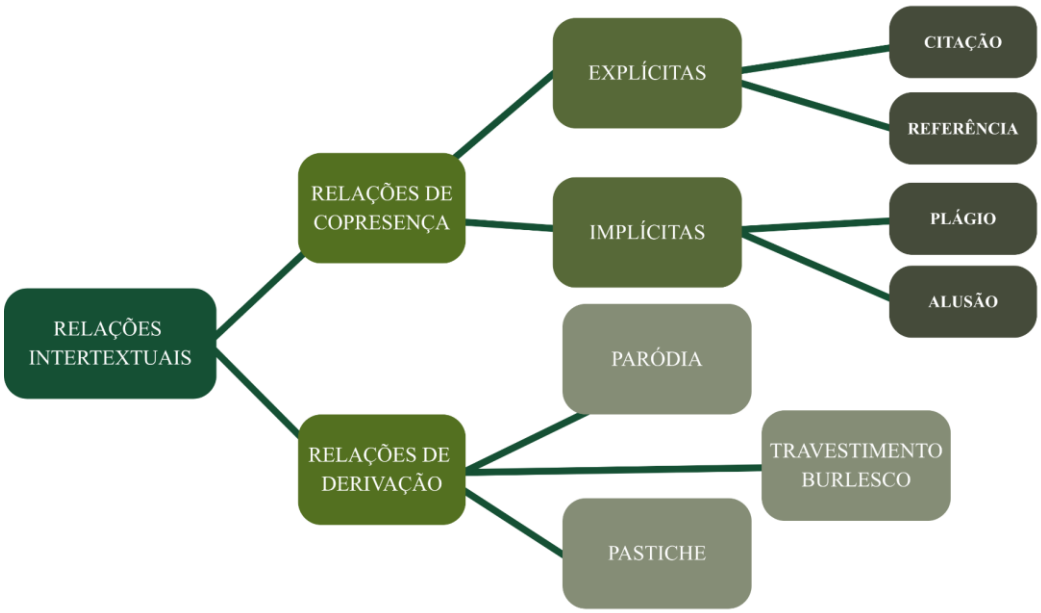
[4] Um detalhamento mais aprofundado e, ao mesmo tempo, didático pode ser visto em Cavalcante *et al.* (2022), no livro *Linguística Textual: conceitos e aplicações*. Nesse livro, as autoras e os autores refazem o percurso histórico detalhado, o que ajuda a compreender melhor as proposições adotadas pelo grupo Protexto e sua influência nas escolhas teóricas dos analistas do texto na contemporaneidade.

[5]Um estudo abrangente sobre o plágio foi realizado por Elderson Santos (2020) em sua dissertação de mestrado. A pesquisa evidenciou que o plágio é uma prática intertextual discursiva, socialmente avaliada como desonesta, e que se relaciona com outros fenômenos intertextuais. Neste estudo, desconsideramos esse fenômeno, mas um

1. Intertextualidades/fenômenos de copresença;
2. hipertextualidade/fenômenos de derivação;
3. metatextualidades.

Elas são assumidas a partir de uma distribuição de dois tipos de relações intertextuais: i) copresença, igualmente encontrada em Genette (2010); e ii) derivação, responsável por arcar com as relações hipertextuais.

Quadro 06 — Relações intertextuais de Piègay-Gros (2010)



Fonte: Carvalho (2028, p. 32).

A contextualização, mesmo que breve, serve para compreendermos melhor a construção daquilo que hoje em LT compreendemos por intertextualidades, mas seguimos a mesma linha que argumenta Cavalcante e Brito *et al.* (2022), ao passo que compreendemos que ambas as teorias foram pensadas e aplicadas sobre textos verbais e em sua grande maioria literários, revelando a necessidade reformulações e outras proposições que contemplem as produções linguageiras da contemporaneidade, em especial as feitas em ambientes digitais, no qual as relações pessoas, como pensa Muniz-Lima (2022), são perpassadas por sistemas semióticos, níveis de interatividade, tipo de suporte e tipo de mídia.

aprofundamento maior pode ser encontrado em seu trabalho, disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51029.

Assim, achamos mais propícios seguirmos as ponderações feitas por Carvalho (2018) em sua tese. Para a autora, as intertextualidades devem ser reagrupadas a partir da observação dos diálogos intertextuais: i) entre textos específicos, identificáveis pelo leitor; ii) ou entre padrões de gênero e outros traços estilísticos. Assim, a autora propõe a reorganização das intertextualidades em: intertextualidades estritas, entre textos específicos e recuperáveis; e intertextualidades amplas, entre vários textos de diversos gêneros. Neste trabalho, seguiremos a reafirmar a reorganização da autoria, como em muitos outros trabalhos já produzidos por nosso grupo, tendo em vista que acreditamos que sua proposta contempla uma percepção mais ampla do fenômeno e ao mesmo tempo mais complexa.

4.1 Proposta de Carvalho (2018): intertextualidades amplas e estritas

A proposta da autora, ainda nos parece aquela que melhor ajuda-nos a analisar as formas diversas de processos de retomadas de textos multissemióticos que os ambientes digitais disponibilizam. Assim, "as intertextualidades podem se prestar a diversas funções, as quais podem, por vezes, se manifestar simultaneamente" (Carvalho, 2018, p. 84), entre esse propósitos, acreditamos está a de ciberviolência (Paveau, 2022). Ressaltamos que associado a esse está, também, a função argumentativa, assim como a própria constitucionalidade das estratégias argumentativas.

Para a autora, como já dito, as intertextualidades podem ser agrupadas em duas grandes categorias: i) as estritas, subdivididas em copresença e derivação; ii) as amplas, subdivididas pela imitação de parâmetros de gênero, estilo do autor e/ou por alusões a textos não particulares.

Como argumentam os autores e autoras do livro *Linguística Textual: conceitos e aplicações,* as intertextualidades estritas são facilmente aceitas pelos estudiosos, por estabelecerem uma relação entre um texto e outro que pode ser recuperável. Evidências sobre isso são postas na tese de Nobre (2014), ao demonstrar que nas copresenças essa relação pode se dar em três maneiras: i) por reprodução, que seria a citação; ii) por adaptação, quando há alteração, isto é, paráfrase, respeitando mais ou menos o conteúdo do texto; iii) e por menção, em casos que ocorrem a menção ou alusão.

4.1.1 Intertextualidades estritas

Assim, iniciaremos pelas intertextualidades estritas, aquelas que estabelecem relação com um texto-fonte recuperável.

a) **citação**, que seria a mais explícita delas, pois traz o intertexto[6] em sua versão original para o novo texto. Carvalho (2018) salienta que, independentemente de sua marcação, o que de fato a define é seu caráter literal, ou seja, a capacidade de retomar o texto-fonte em seu sentido primeiro. Isso ocorre porque, em alguns casos, os sujeitos não deixam marcas explícitas clássicas de uma citação, como dois pontos, itálico, negrito, aspas, recuo de margens ou fonte reduzida. Em muitos casos, a ausência desses elementos se dá pelo fato de o conteúdo ser amplamente conhecido e compartilhado na cultura em que o texto foi produzido. Um exemplo disso são as frases bíblicas.

Imagem 09 — Poste bíblico no X

Fonte: Cópia de tela do perfil @ReflexoBblica1 no X.

Na publicação feita pela página @ReflexoBblica1, observamos que se trata de uma frase bíblica amplamente conhecida. Acreditamos que, devido a isso, o usuário escolhe estrategicamente não colocar a referência, considerando que os cristãos, público evidente de um perfil que traz em seu nome *Reflexão Bíblica*, facilmente reconhecem a passagem e sua origem na Bíblia, especificamente no livro de Salmos, capítulo 23, versículo 1.

b) **alusão estrita**, que é definida pelas "insinuações, menções indiretas". Trata-se de uma forma menos marcada e menos literal do texto-fonte, exigindo do interlocutor maior atenção para que a recuperação do que foi citado se efetive. Nela, diferentemente da citação, o

[6] Seguindo as considerações de Genette (2010) e Piègay-Gros (2010), consideramos o intertextos com a possibilidade de um produto da presença efetiva de um outro texto e/ou como o resultado da articulação de diversos textos ao se produzir um novo. Para Santos (2020, p. 30), a primeira noção seria considerada como uma espécie de fragmentos que revelaria uma relação de copresença, enquanto a outra definição revelaria uma relação com a derivação.

sujeito pode fazer uma sutil remissão, apresentar modificações no texto, recorrer a expressões referenciais ou, ainda, mencionar o título, um personagem, o nome do autor etc.

Faria (2014) expõe que essa função intertextual pode ter diversas finalidades, seja humorística ou crítica. A autora também constata que o reconhecimento do texto-fonte depende da sua amplitude e do grau de reconhecimento que ele possui na cultura em que a alusão foi inserida.

c) **paráfrases**, mais próxima com a citação, ela é definida por Carvalho (2018) pela repetição reformulada sem que se perca em grande medida o conteúdo do texto parafraseando. Pouco estudada pela literatura mais clássica, e não chegando a ser nem mencionada nas classificações de Genette (2010), é normalmente muito requerida pelos gêneros que se inscrevem nas esferas jornalísticas e acadêmicas.

Mesmo citado nos estudos de Fuchs (1985), é em Hilgert (2006) que a autora encontra uma melhor exposição sobre o fenômeno intertextual. Para ele, a paráfrase é uma estratégia de construção textual que implica sempre um deslocamento, em algum nível, do sentido do texto-fonte, colaborando, assim, para a progressão textual. Logo, podemos ressoar suas reflexões sobre não se tratar de uma propriedade de formulações, mas de estratégias cognitivo-discursivas que contribuem para a compreensão, mesmo que não resultem necessariamente em um acordo.

Um posicionamento adotado pela autora, e que até então temos reiterado, é o de não tratar das derivações por transposição, ou seja, quando um texto inteiro é derivado de outro, alterando ao máximo a forma e preservando, ao máximo, o conteúdo (como ocorre em resumos, resenhas, traduções e adaptações, de modo geral). Embora muitas dessas práticas sejam reconhecidas como paráfrases, também concordamos que elas ocorrem por meio de diferentes diálogos intertextuais.

Assim como a autora, encontramos dificuldades de encontrar, neste momento, um exemplo no X, tendo em vista que usamos de uma abordagem flutuante, como já mencionado, e reiteramos que isso ainda não inviabiliza sua proposta. Mas, formalmente, assumimos que a distinção entre a paráfrase e alusão está no volume de repetição do texto-fonte e na tentativa de manutenção do sentido deste a que retoma, enquanto a alusão é menos compromissada e se estabelece mais com a remissão de alguns elementos que o texto-fonte oferece:

> Formalmente, paráfrase e alusão se distinguem porque a primeira tem um volume maior de repetição do texto-fonte, é sobremaneira comprometida com a manutenção do conteúdo original retomado, devendo se apresentar marcada pela referência ao texto-fonte (sob pena de se configurar plágio), enquanto a alusão, sem compromisso com a literalidade ou com a manutenção de conteúdo, pode apenas se valer de

> elementos, segmentos de um texto-fonte ou remissões referenciais notadamente intertextuais para remeter a um texto todo. (Carvalho, 2018, p. 192)

Seguindo a proposta de divisão da autora, começaremos a tratar sobre as intertextualidades por derivação, por definição seriam os textos que se originam completamente, de um texto-fonte.

a) **Paródia**: caracteriza-se pela transformação de um texto-fonte tendo como marca o caráter humorístico. Para Carvalho (2018) essa categoria é capaz de abarcar todas as transformações humorísticas que fazem com que fique distante o objetivo ou o sentido do texto-fonte.

Sobre a concepção de humor, ainda julgamos ser pertinentes e suficientes para esta pesquisa as ponderações feitas por Dantas (2018), mencionada na tese de Carvalho (2018), e a reafirmamos que esse fenômeno possui três prioridades: por ter seu início em um evento desagradável; implica-se uma interação social; e subverte a ordem estabelecida. Fator importante, além das citadas, é o fato da constitutividade da ambiguidade do humor, apontado nos estudos de Travaglia (2015), onde pelo menos duas interpretações possíveis e a presença de um gatilho de uma a outra.

b) **Transposição**: diferente da paródia, esta se caracteriza pela transformação de um texto-fonte em outro, mas agora sem a presença do traço humorístico. Em uma listagem, a autora coloca como pertencente a estes estilos os casos de tradução, transestilização, transmodalização, versificação, práticas hiperestéticas, transformações quantitativas e etc. Assim, caracteriza-se o fato de um texto poder ser retomado em diferentes contextos com a preservação da sua essência semântica. Para isso, se reconhece a mobilização de outros recursos intertextuais, com a paráfrase, sendo possível, segundo os achados da pesquisa, que uma transposição seja reconhecida como uma paráfrase, todavia, sugere-se, ainda, que em alguns momentos chame-se, de forma mais apropriada, retextualização ou adaptação, a fim de evitar algum problema terminológico.

Imagem 10 — Cartaz de divulgação do filme “Ainda estou aqui”

Fonte: elaborado pelo autor[7].

c) **Metatextualidade**: caracterizada pela relação de comentário, crítica ou avaliação estabelecida entre textos. Em suma, trata-se de textos que surgem com o propósito de “comentar” um texto-fonte. Para exemplificar essa característica, Carvalho (2018) cita as resenhas acadêmicas e os comentários feitos em postagens na internet. Todavia, cabe ressaltar que essa tomada de posição ainda não é um consenso entre os estudos atuais da Linguística Textual.

Somos inclinados a pensar que a função “comentários”, presente em muitas das mídias da Web 2.0, contém enunciados que nem sempre configuram um comentário no sentido estrito, ou seja, nem sempre se trata de uma postagem na aba de comentários que efetivamente discute a publicação à qual está vinculada. Assim, como sugere Cavalcante, acreditamos que essa ferramenta abriga diversas camadas enunciativas, nas quais diferentes sujeitos interagem

[7]Elaborada com a combinação de imagens. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/01/16/ainda-estou-aqui-aun-estoy-aqui-je-suis-toujours-la-confira-cartazes-internacionais-do-filme-com-fernanda-torres.ghtml. Acesso em: 19 de fev. 2025. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/01/16/ainda-estou-aqui-aun-estoy-aqui-je-suis-toujours-la-confira-cartazes-internacionais-do-filme-com-fernanda-torres.ghtml. Acesso em: 19 de fev. 2025.

no mesmo espaço, mas nem todos compartilham o propósito de comentar a postagem original. Todavia, não discordamos totalmente da possibilidade de que alguns desses enunciados possam apresentar traços de metatextualidade.

Para este estudo, desconsideraremos essa discussão, ao menos neste primeiro momento, tendo em vista que pretendemos, no futuro, aprofundá-la, com mais exemplos e maior embasamento teórico e analítico, a fim de chegarmos a uma posição mais consolidada sobre o critério da metatextualidade e seu uso recorrente em textos nativos digitais.

4.1.2 Intertextualidades amplas

Em sua abordagem, as intertextualidades amplas se classificam em três categorias: (i) imitação fundamentada em características de gênero; (ii) imitação baseada nos traços estilísticos do autor ou autora; e (iii) alusões amplas a textos de domínio geral.

a) A **imitação do gênero**. Tal proposição foi feita por Carvalho (2018), baseada no critério de imitação em Genette (2010), e reconhecemos a sua ainda eficiência na contemporaneidade. Nas palavras da autora: "Há, em nosso entendimento, não a retomada de um texto específico, mas de parâmetros de gêneros constituídos historicamente, o que remete a um conjunto de textos" (p. 99).

Assim, o maior critério estabelecido para se propor as intertextualidades amplas, baseado também nos achados de Nobre (2014), é o da imitação, compreendendo-a como um processo que marca todo e qualquer texto e que, em muitos casos, ocorre entre um texto e um conjunto de textos, e não entre um texto específico. Isso se deve à impossibilidade de recuperação do que seria o "texto-fonte" ou progenitor, considerando a quantidade de textos que circulam socialmente, quando pensamos no ambiente digital, esse trabalho se torna ainda mais desafiador, dada a amplitude mundial de circulação e viralização de conteúdos.

Do critério argumentativo da finalidade do processo intertextual, em especial as amplas, ainda concordamos com os dizeres da autora e ainda achamos frutíferas suas ponderações para uma análise em ambiente digital e no diálogo que a tempos propomos com os estudos do Discurso Digital e a noção de ciberviolência, e reiteramos que já aqui, encontramos um diálogo daquilo que atualmente defendemos, baseando-nos em Amossy (2018), a constitutividade da argumentação nos textos (Cavalcante *et al. 2022, 2022)*. Vejamos essa citação de Carvalho:

> Importa, ademais, reconhecer que o que temos defendido como intertextualidade ampla **se verifica de modo particular em gêneros que priorizam criatividade e**

> **inovação para fins, sobretudo, de comicidade e persuasão**. Acreditamos que isso tem relação direta com a argumentação. É por isso que a imitação de parâmetros de gêneros é bastante recorrente em textos humorísticos, publicitários e naqueles vinculados à criação estética. Não podemos, entretanto, afirmar que apenas neles. Talvez não seja possível (nem justificável) fechar questão quanto a quais gêneros podem ou não realizar processos imitativos. Apesar disso, acreditamos que, por se tratar de um processo submetido a condicionamentos de diversas ordens (genéricos, estratégicos, temáticos etc.), não é em qualquer gênero, em qualquer circunstância, que se pode imitar parâmetros de outros gêneros ou estilo de autor. Isso, contudo, não é algo que possamos, por ora, demonstrar (Carvalho, 2018, p. 101, grifo nosso).

Seguindo as suas proposições, passamos a pensar nos tipos de imitações, em sentido amplo, que podem vir ocorrer em determinados textos.

a) **Imitação do estilo do autor:** Por defender, como já apresentado, sua concepção de imitação, a analista propõe que se considerem, também, os casos em que o estilo do autor seja imitado, tendo em vista não se tratar da imitação de um texto específico, mas do estilo do autor. Isso se deve à crença de que, para que ocorra o diálogo intertextual, é necessária a abstração e repetição de traços mínimos e essenciais de um determinado estilo.

Na divisão de Genette (2010), esse processo inclui os casos denominados por ele de *pastiche* (imitação em regime lúdico) e *charge* (imitação em regime satírico), considerando sua eficácia nos efeitos de persuasão e jocosidade. Além disso, a autora destaca que essa limitação é frágil, dada sua produtividade em outras produções textuais que não se restringem ao universo literário, como nas produções do cotidiano.

Mesmo assim, para sua análise, Carvalho (2018, p. 103), assim como nós, considera pontos importantes da descrição do autor francês:

> i) tratar da concepção bakhtiniana de estilo significa, dentre outras coisas, compreender que os discursos verbais geralmente contemplados por Bakhtin e seu Círculo, a despeito de serem do domínio literário, constituem caminhos para que se estude também o discurso cotidiano, não literário, incluindo-se também aquilo que não é verbal; ii) o estilo tem sua dimensão dialógica constitutiva e, além desta, é possível verificar o diálogo mostrado entre estilos, a que temos chamado imitação de estilo de autor.

Consequentemente, corroborando as ideias da autora, sustentamos que, ao imitar o estilo de um autor, estamos lidando com um processo intertextual amplo, que recorre a um conjunto de textos para que esse estilo, ou sua imitação, seja possível de ser reconhecido.

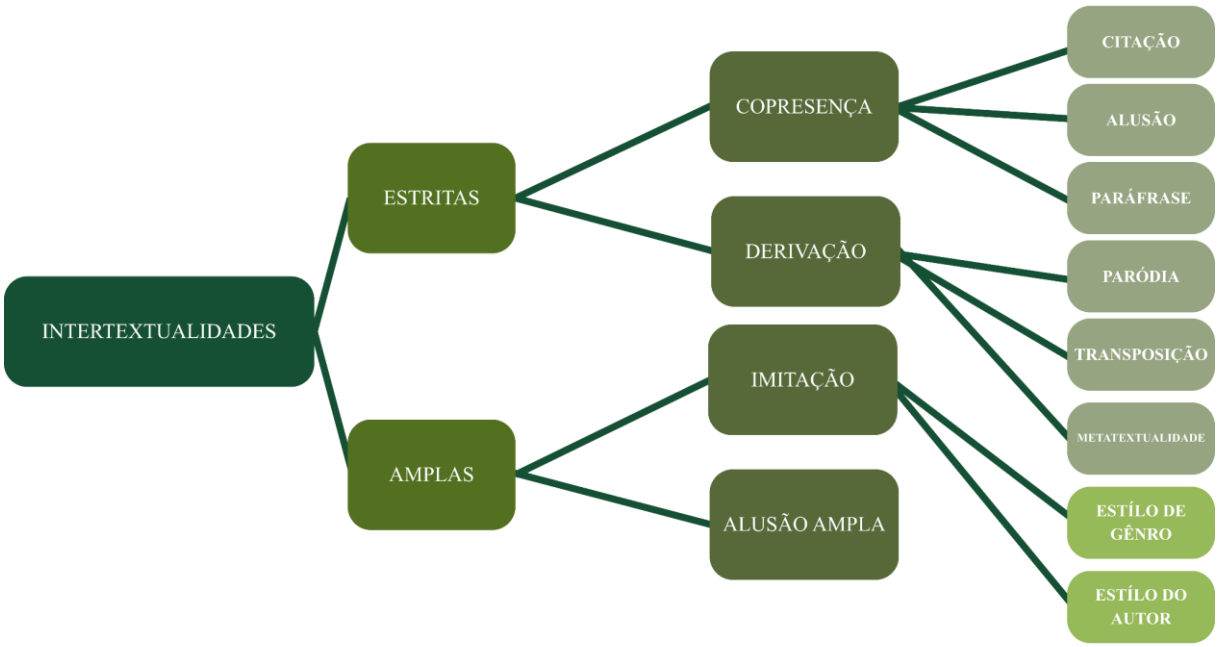
b) A **alusão ampla**, proposta que surge em distinção a alusão estrita, é marca pelo conhecimento e as experiências culturais dos sujeitos, ou seja, depende integralmente do aparato sociocognitivo, que marcará, por meio de uma remissão difusa, não um texto específico, mas um conjunto de textos, ou de situações compartilhadas coletivamente em uma dada. A própria autora reconhece que outros/outras estudiosos/estudiosas podem vir a não reconhecer

esse fenômeno com um tipo de intertextualidade, à luz de que se trata de uma linha tênue entre outras noções, como a de memória discursiva (Pêcheux , 1984).

Esse distinção, em nosso entendimento, assim como para a autora, reside na retomada de "fatos pontuais e/ou eventos amplamente difundidos, marcam contextualmente (pela repetição de objetos de discurso, de (sub)tópico(s), de traços peritextuais, de aspectos composicionais, de traços representacionais ou simbólicos etc) essa remissão difusa" (Carvalho, 2018, p. 109).

A justificativa para a contemplação das alusões amplas localiza-se na quantidade significativa de produções textuais em que se reconhece o diálogo intertextual. Em seu texto, a intelectual chega a chamar tal proposta de incipiente, mas aqui admitimos a grandiosidade e a produtividade de sua abordagem de alusão ampla, dada a quantidade significativa de trabalhos produzidos que tomam suas ponderações como base e veem, em sua decisão, um caminho proveitoso e rentável, especialmente nas análises em ambiente digital, a exemplo da dissertação de Dálete Costa (2024), que discutiremos em um tópico específico ao propormos uma reflexão sobre intertextualidade e o ambiente digital.

Quadro 07 — Classificação das intertextualidades amplas e estritas



Fonte: Cavalcante *et al.* (2022, p. 385).

Em suma, conforme destacado, esse quadro é útil para entender as diversas formas de retomada de textos multissemióticos nos ambientes digitais, especialmente em relação à

ciberviolência. As intertextualidades podem exercer múltiplas funções, como as argumentativas e as relacionadas à constitucionalidade das estratégias argumentativas.

Assim, assumimos a classificação de intertextualidades da autora: estritas e amplas, sendo as estritas mais facilmente compreendidas pelos estudiosos por estabelecerem uma relação clara e recuperável entre textos, enquanto as amplas envolvem um diálogo mais difuso e impreciso com textos, estilos ou gêneros amplamente reconhecidos.

Nas intertextualidades estritas, as categorias de citação, alusão e paráfrase são discutidas, destacando como elas operam na construção de novos textos, seja de forma mais literal ou com adaptações sutis. Já nas intertextualidades amplas, a autora propõe que se considere a imitação de estilos de autor ou de parâmetros de gênero, enfatizando como esses processos são utilizados em textos humorísticos, publicitários e criativos, sempre com um intuito persuasivo e estético. A alusão ampla, por exemplo, depende do contexto cultural e cognitivo dos sujeitos, sendo mais difícil de delimitar, pois envolve referências a um conjunto de textos ou experiências culturais compartilhadas.

5 METODOLOGIA

Em consonância com as bases teóricas adotadas e em busca de coerência com os pressupostos assumidos nesta investigação, dialogou-se com as proposições de Paveau (2021) acerca da análise de discursos em ambientes digitais. A autora sugere uma abordagem metodológica ecológica do sistema tecnológico, na qual tanto as produções tecnolinguísticas quanto o ambiente são considerados, dada a inseparabilidade entre o texto e o suporte digital. Diante de tais prerrogativas, a escolha por essa perspectiva justificou-se pelo fato de terem sido analisadas ciberviolências produzidas no ambiente da rede social X.

Com o intuito de atender aos objetivos delineados, e fundamentando-se em Lakatos e Marconi (2001), optou-se por uma pesquisa de natureza explicativa. O foco residiu na análise das interações polêmicas no ambiente digital X, visando compreender como os aspectos intertextuais contribuíram para a construção da ciberviolência durante a desqualificação do oponente.

5.2 Delimitação do universo e amostra

Esta dissertação focalizou a identificação de processos intertextuais que contribuíram para a construção da desqualificação do outro em textos nativos digitais, analisando as interações ocorridas na seção de comentários do perfil da página Choquei no X.

A amostra das interações polêmicas foi delimitada com base na abordagem ecológica proposta por Paveau (2021), que enfatiza a importância de examinar textos digitais nativos em estreita relação com o ambiente em que são produzidos e circulam, preservando suas especificidades técnicas, interacionais e discursivas. Conforme a autora, o pesquisador deve deter um conhecimento mínimo sobre o funcionamento do ambiente digital analisado. O X, nesse sentido, é reconhecido pelo seu alto potencial de conexão e engajamento, bem como pela variedade de recursos de interação que oferece (Muniz-Lima, 2022). Ao longo dos anos, tais espaços tornaram-se canais de rápida disseminação de informações e de reconfiguração das formas de circulação discursiva, tensionando as fronteiras entre esferas formais e informais.

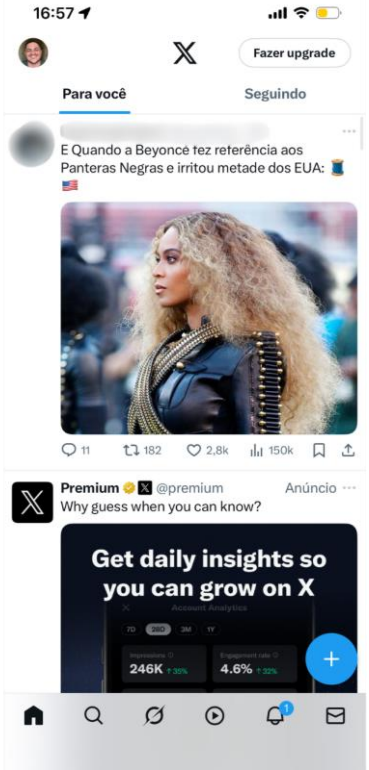
O acesso ao conteúdo na plataforma ocorre diretamente via sites ou aplicativos. Perfis públicos permitem a visualização de publicações sem a necessidade de *login*; contudo, para interagir, o usuário deve possuir uma conta ativa, o que possibilita seguir perfis, publicar conteúdos, comentar, curtir, compartilhar e utilizar recursos multimodais. Para este estudo, a coleta foi realizada exclusivamente a partir de dispositivos móveis com sistema iOS, de onde

foram extraídas as capturas de tela da amostra. Embora a rede permita o acesso via navegadores e outros sistemas operacionais, as funcionalidades essenciais de interação mantêm-se constantes, com variações pontuais de *layout*.

Considerando o cronograma da pesquisa e o recorte necessário para a consistência do estudo, a análise foi composta por três (3) publicações, selecionadas de um *corpus* inicial de quatro (4) postagens da página Choquei. Essa seleção permitiu observar de forma assertiva como os processos intertextuais e os recursos tecnodiscursivos se articularam na desqualificação do outro, por meio da ciberviolência, em formatos característicos da interação polêmica na rede social.

Como forma ilustrativa, a página inicial da plataforma no dispositivo utilizado:

Imagem 11 — Página Inicial do X



Fonte: Captura de tela feita pelo celular do autor nas suas redes sociais no dia 06 de jul. 2025.

Observou-se que as principais ferramentas de interação — como abas de pesquisa, postagens e envio de mensagens — são apresentadas de forma objetiva nas telas iniciais, o que facilita a navegação e potencializa as diversas formas de interatividade entre os participantes.

A cada atualização da página inicial, surgiram novas publicações e propagandas, exibidas conforme as bolhas informacionais geradas pelos algoritmos. Esses conteúdos foram

definidos com base nos rastros deixados pelos usuários durante a navegação, bem como nas interações realizadas em outros dispositivos conectados a essa ampla rede. Assim, compreendeu-se que o conteúdo exibido a cada usuário é individualizado, elaborado por sistemas algorítmicos com o intuito de reter a atenção e estimular a interatividade a partir das ações de quem visualiza e interage nesses ambientes.

O objetivo desta seção não foi problematizar tal dinâmica, mas destacar que ela é constitutiva do ambiente digital, o qual gera páginas personalizadas por meio de algoritmos que rastreiam o comportamento dos usuários. Essa dinâmica auxiliou a reflexão sobre a polarização e a dicotomização, características fundamentais da interação polêmica.

5.3 Descrição da coleta de dados

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada por meio de documentação indireta, técnica que consiste na reunião de informações já disponíveis em fontes públicas. Os textos que compuseram o corpus foram extraídos da plataforma X mediante capturas de tela (prints) realizadas no momento de cada coleta, devidamente acompanhadas da data de registro.

No corpo do trabalho, cada texto foi acompanhado, em sua primeira menção, pelo respectivo endereço virtual de origem. Adicionalmente, disponibilizou-se um QR-Code para permitir o acesso direto ao conteúdo multissemiótico, conduzindo o leitor ao ambiente original da publicação e favorecendo uma compreensão mais ampla do exemplo analisado. Essa metodologia, amparada em Martins (2024), justifica-se pelo fato de o QR-Code mitigar o caráter estático dos prints ou links. Propor formas interativas de condução ao leitor visou garantir o acesso aos textos integrais, respeitando o preceito da Linguística Textual (LT) de analisar o texto como um "evento único e irrepetível" dentro de seu ambiente original de circulação (Martins, 2024, p. 91).

Além das postagens principais, foram analisadas as interações polêmicas presentes nas seções de comentários. Para preservar a organização visual e a privacidade dos usuários, optou-se por inserir o QR-Code e o link da publicação principal e, quando viável, do comentário inicial da interação.

A coleta seguiu a perspectiva do "pesquisador-usuário" (Émerit, 2020), priorizando publicações com alto potencial de gerar embates, compreendidas como conteúdos sensíveis à interação polêmica (Pereira; Brito, 2020). O foco residiu nas postagens do perfil Choquei no X, selecionadas segundo os critérios da interação polêmica de Amossy (2018), articulados às contribuições da LT. A seleção também respeitou a ecologia do contexto digital (Paveau, 2021;

Cavalcante et al., 2022), privilegiando enunciados produzidos em contextos reais de uso. Ao todo, foram coletadas quatro publicações e as respectivas interações em suas seções de comentários.

5.4 Procedimento de análise dos dados

A análise fundamentou-se nos pressupostos teóricos da Linguística Textual e da Análise do Discurso Digital (Paveau, 2021), articulando-se à adaptação do quadro enunciativo-interacional proposto por Cavalcante, Brito e Martins (2024). Foram consideradas como unidades de análise os textos nativos digitais que combinam linguagem verbal e recursos tecnolinguageiros (emojis, hashtags, marcações, imagens, GIFs, entre outros), presentes em interações polêmicas na rede social X.

O quadro enunciativo-interacional foi utilizado como instrumento para identificar, no circuito comunicativo, a posição dos sujeitos, a construção dos sentidos e os elementos que emergiram da relação entre locutor, interlocutor e terceiro. O ajuste desse quadro permitiu integrar a análise discursiva aos aspectos de contexto, suporte e multimodalidade característicos do ambiente digital, bem como às ciberviolências presentes nas interações.

A análise foi realizada em quatro etapas, contempladas no referido quadro, em consonância com os objetivos específicos:

1. Mapeamento das intertextualidades: identificação e classificação dos tipos de intertextualidade (estrita e ampla), conforme Carvalho (2018) e Costa (2024), observando-se como os sentidos foram retomados, reformulados ou ressignificados na interação polêmica.
2. Classificação das ciberviolências verbais e da interação polêmica: identificação de ocorrências de ciberviolência verbal (Paveau, 2021) no contexto da interação polêmica (Amossy, 2017); com a descrição de como os sentidos violentos foram construídos por meio de mecanismos dos textos nativos digitais, considerando-se intensidade, alvo e contexto.
3. Análise dos recursos tecnodiscursivos: investigação do papel de emojis, hashtags, GIFs, marcações e imagens na construção, reforço ou amplificação das ciberviolências e intertextualidades, bem como sua atuação no encadeamento argumentativo e na performatividade dos discursos.
4. Articulação entre intertextualidade e ciberviolência: observação de como a retomada de enunciados (figuras públicas, memes, posicionamentos ideológicos etc.) legitimou,

reforçou ou camuflou práticas violentas (Fernandes, 2014), analisando-se as estratégias textuais que transformaram intertextualidades em mecanismos de ataque.

O processo analítico foi guiado por categorias previamente definidas, mas manteve-se aberto a elementos emergentes, respeitando a natureza dinâmica e situada dos textos digitais. A seguir, apresenta-se o quadro adaptado de Cavalcante, Brito e Martins (2024) em conformidade com os objetivos desta pesquisa:

Quadro 08 — Quadro Enunciativo-Interacional Ajustado

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	**Respostas**
1. Quem é o locutor/enunciador principal?	
2. Quem é projetado como interlocutor? Existe terceiro?	
3. Qual o grau de intimidade dos interactantes?	
4. De que gênero o texto participa?	
5. Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema?	
6. O texto ocorre num espaço público ou num espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?	
7. Qual o número de interactantes (mais de dois?)	
8. Existe alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?	
9. Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta?	
10. Em que situação sócio-histórica o texto se situa?	
11. Quais são os objetivos da interação?	
12. Que tipos de intertextualidade são ativados no texto?	
13. Existe retomada de enunciados (discursos públicos, memes, posicionamentos ideológicos) para reforçar ou camuflar práticas violentas, transformando intertextualidades em mecanismos de ataque na modalidade polêmica?	
14. Quais recursos tecnodiscursivos atuam	

na construção ou amplificação dos sentidos e como eles intervêm no encadeamento argumentativo?	
15.De que modo aparecem as ciberviolências, considerando intensidade, alvo e contexto, e como elas se articulam à modalidade argumentativa polêmica?	

Fonte: Elaborado pelo autor.

O ajuste do quadro enunciativo-interacional de Cavalcante, Brito e Martins (2024) foi fundamental nesta pesquisa, pois integrou, em uma mesma representação, os diferentes elementos que compuseram a interação digital polêmica: locutor, interlocutor, contexto, recursos tecnodiscursivos e movimentos intertextuais. Essa organização visual permitiu compreender como os sentidos foram construídos e disputados no circuito comunicativo, evidenciando posições enunciativas, papéis argumentativos e a circulação de enunciados entre diferentes instâncias. Além de favorecer a identificação das relações entre intertextualidade e ciberviolência, o quadro possibilitou analisar a performatividade textual e os efeitos argumentativos que emergiram da articulação entre linguagem verbal, multimodalidade e ecologia digital.

5.5 Identificação de ocorrências

Nesta etapa, procedeu-se à identificação de ocorrências no funcionamento interacional e argumentativo das postagens e dos comentários selecionados, com foco na articulação estratégica entre os processos de intertextualidade e as manifestações de ciberviolência. As ocorrências foram compreendidas não como eventos isolados, mas como padrões recorrentes de forma e sentido observáveis no corpus (postagens da página Choquei no X).

A operacionalização analítica ocorreu por meio da aplicação sistemática do quadro enunciativo-interacional, o que permitiu segmentar e correlacionar os seguintes eixos:

1. Mapeamento Intertextual: identificou-se como vozes e textos prévios foram retomados para sustentar o ataque ou a desqualificação;
2. Tipologia da Ciberviolência: categorizaram-se as formas de violência verbal (insultos, ameaças, linchamentos virtuais) conforme a ecologia digital proposta por Paveau (2021);

3. Mobilização de Recursos Tecnodiscursivos: analisou-se como elementos nativos (emojis, hashtags, imagens) intensificaram ou modificaram a carga argumentativa dos enunciados;
4. Alvo e Efeito Argumentativo: examinou-se o conteúdo visado e os impactos pretendidos (ou alcançados) na construção da polêmica e na destruição do ethos do oponente.

Dessa forma, a identificação das ocorrências permitiu transcender a mera descrição dos textos, revelando a mecânica das interações polêmicas em que a intertextualidade atua como ferramenta de poder e exclusão no ambiente digital.

6 ANÁLISES

Este primeiro exemplo, referente à repercussão do velório de Preta Gil, atende de maneira clara a pelo menos três das etapas previstas para esta análise. Em primeiro lugar, o caso mobiliza diferentes formas de intertextualidade: as estritas, pela recuperação direta de informações jornalísticas, fotografias e relatos públicos; e as amplas, ao ativar memórias sociais sobre rituais de despedida de celebridades e modos de comoção coletiva.

Em segundo lugar, o episódio permite observar a articulação entre intertextualidade e ciberviolência, visto que a retomada desses enunciados públicos serviu de base para a legitimação ou camuflagem de ataques dirigidos à artista, à família ou aos presentes. No espaço dos comentários, sentidos violentos emergiram a partir da reapropriação irônica, moralizante ou depreciativa desses discursos.

O caso enquadra-se, ainda, na etapa de classificação das ciberviolências, pois a repercussão da postagem evidenciou não apenas o *flaming*, mas outras manifestações descritas por Paveau (2021), como depreciação moral, insultos implícitos, estigmatização do luto e ironias agressivas que exploram vulnerabilidades pessoais para desqualificar o outro. Essas práticas manifestaram-se como respostas emocionais intensificadas pela tecnodiscursividade do X — rápidas, públicas e altamente avaliativas. Dessa forma, a circulação prévia de discursos sobre a vida íntima e a saúde da artista tornou-se ponto de apoio para transformar memórias sociais em "munição polêmica" e converter retomadas textuais em mecanismos de desqualificação e violência verbal.

6.1 O falecimento de Preta Gil

Para a apreciação da proposta desta análise, observamos interações polêmicas que trataram de uma divulgação na página Choquei, abordando a distribuição de um *drink* não alcoólico durante o velório da cantora Preta Gil, ocorrido no dia 25 de julho de 2025, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Aberto ao público e aos familiares, o evento rapidamente reuniu uma fila quilométrica de fãs e admiradores à espera de prestar sua última homenagem.

Preta Gil, filha de Gilberto Gil, travava uma luta contra um câncer colorretal havia mais de dois anos. Durante esse processo, ganhou notoriedade não apenas por sua carreira, mas pela forma corajosa e pública com que enfrentava a doença. Um episódio que marcou profundamente a opinião pública foi o relato de que havia sido traída pelo então marido no início do tratamento. Tal fato gerou comoção e reforçou a imagem de força e sensibilidade que

acompanhou sua figura pública até os últimos dias.

Nos últimos meses de vida, a cantora mudou-se para os Estados Unidos em busca de um tratamento experimental. No entanto, ao descobrir o avanço da doença, decidiu retornar ao Brasil para passar seus últimos dias ao lado da família. No dia 20 de julho, ainda em solo americano, Preta passou mal pouco antes de embarcar na UTI aérea. Encaminhada ao hospital, não resistiu e faleceu durante o trajeto.

O anúncio de sua morte gerou uma onda de homenagens. Devido aos trâmites de translado, o velório realizou-se apenas no dia 25. Nesse intervalo, vídeos antigos voltaram a circular, incluindo um em que a cantora manifestava o desejo de que seu velório tivesse música, alegria e, se possível, um trio elétrico. Embora a família não tenha realizado o cortejo, outras vontades foram respeitadas, como a distribuição de drinques não alcoólicos, batizados de “Pra Sempre Preta”.

As interações analisadas foram capturadas poucas horas após o evento, focando na repercussão dessa distribuição de bebidas. Ressalta-se que, embora as capturas de tela representem um recorte da interação, elas captaram não apenas os textos, mas o momento imediato da enunciação, impregnado de julgamento por parte do público. A escolha por esses registros visou respeitar o caráter efêmero e significativo dos discursos nativos digitais em contextos de comoção coletiva.

Observou-se primeiro a forma como a notícia foi apresentada no ecossistema X. A página utilizou recursos multissemióticos, explorando a linguagem escrita e imagética. Foram selecionadas duas fotografias: a primeira, em preto e branco, mostra a cantora em gesto de gratidão; a segunda, colorida, exibe o drinque servido. Um recurso relevante foi a inserção da logomarca da página na imagem do drinque — prática comum no ambiente digital para garantir a autoria em meio à rapidez da viralização:

Imagem 12 — Notícia Drink “Pra Sempre Preta” X.

Disponível em: https://x.com/choquei/status/1948857424024355271?s=46. Acesso em: 29 de jul. 2025.

Para ilustrar o funcionamento do quadro enunciativo-interacional de Cavalcante, Brito e Martins (2024) no contexto desta pesquisa, aplicamos o modelo à análise de uma publicação da página Choquei no X, referente à distribuição do drink “Pra Sempre Preta” durante o velório da cantora Preta Gil. O preenchimento do quadro permitiu organizar, de forma sistemática, os elementos enunciativos e interacionais envolvidos, identificando o locutor, interlocutores, terceiros, gênero, ecossistema, propósitos argumentativos, relações intertextuais e processos referenciais. Essa aplicação evidenciou o potencial do instrumento para mapear não apenas a estrutura da interação polêmica, mas também as estratégias de desqualificação e os mecanismos tecnodiscursivos que atravessam a construção do sentido no espaço digital:

Quadro 09 — Análise da Postagem sobre o Drink "Pra Sempre Preta"

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	**Respostas**
1. Quem é o locutor/enunciador principal?	Perfil da página Choquei no X (@choquei), especializado em notícias de entretenimento e fofoca.
2. Quem é projetado como interlocutor? Existe terceiro?	Interlocutores: seguidores da página e usuários que comentam; terceiros: Preta Gil, Gilberto Gil, família e público espectador.
3. Qual o grau de intimidade dos	Predomina a relação de proximidade entre

interactantes?	seguidores e o perfil; com oponentes, a relação é conflitiva.
4. De que gênero o texto participa?	Gênero notícia de entretenimento/polêmica.
5. Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema?	Ecossistema digital do X, marcado por performatividade, viralização e debate público; mídias acessadas por celular e desktop.
6. O texto ocorre num espaço público ou num espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?	Espaço público (perfil aberto no X), visível a qualquer usuário; participantes não se vêem fisicamente.
7. Qual o número de interactantes (mais de dois?)	Potencialmente ilimitado, qualquer usuário pode interagir por curtidas, respostas e comentários.
8. Existe alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?	Sim; alternância livre nos comentários, sem forte moderação prévia (exceto ocultamento automático de 'spam').
9. Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta?	Relatar a distribuição de bebida alcoólica no velório de Preta Gil, informando e também provocando repercussão.
10. Em que situação sócio-histórica o texto se situa?	Velório de Preta Gil em 25/07/2025; contexto de comoção pública e polarização política no Brasil.
11. Quais são os objetivos da interação?	Informar, gerar engajamento e provocar debate; potencializar a circulação da notícia e das reações.
12. Que tipos de intertextualidade são ativados no texto?	Estritas e amplas. Alusões à Lei Rouanet, ao 'gabinete do ódio', à vaquinha bolsonarista e a figuras como Eduardo Bolsonaro.
13. Existe retomada de enunciados (discursos públicos, memes, posicionamentos ideológicos) para reforçar ou camuflar práticas violentas, transformando intertextualidades em mecanismos de ataque na modalidade polêmica?	Sim. O formato da postagem, montagem de imagens, destaque para o drink, tom de novidade curiosa, facilita que usuários recuperem discursos moralistas, questionando supostos excessos, "falta de respeito" ou "espetacularização da morte". A natureza da página *Choquei*, reconhecida por divulgar conteúdos sensacionalistas, também funciona como índice que ativa um coletivo de desconfiança, que pode ser instrumentalizado pelos comentadores para ataques à família, à própria Preta Gil ou aos fãs que estavam presentes. A retomada de discursos públicos e memórias sociais sobre Preta é matéria-prima para que a interação subsequente converta intertextualidades em práticas de ciberviolência**,** sobretudo por meio de ironias moralizantes e julgamentos de valor.

14. Quais recursos tecnodiscursivos atuam na construção ou amplificação dos sentidos e como eles intervêm no encadeamento argumentativo?	A foto de Preta Gil em preto e branco e a imagem do drink organizam a leitura afetiva do acontecimento O drink colorido produz uma tensão entre luto e celebração; a logomarca da página, isso afeta o encadeamento argumentativo, pois a postagem já chega ao leitor investida de um certo "status de fonte", mesmo que sensacionalista.
15.De que modo aparecem as ciberviolências, considerando intensidade, alvo e contexto, e como elas se articulam à modalidade argumentativa polêmica?	O alvo da ciberviolência seria a família da cantora (decisões sobre o velório), os fãs presentes, a própria Preta Gil, cuja exposição midiática sempre foi intensamente comentada, e a página *Choquei*, frequentemente acusada de sensacionalismo. Julgamentos moralistas, ironias depreciativas, acusações de oportunismo, ataques a fãs e à própria cantora, explorando memórias dolorosas (como a traição). O caráter recente do acontecimento aumenta a comoção e reduz os filtros de autocontrole argumentativo. As ciberviolências surgem como estratégias para reforçar tomadas de posição e polarizar leituras do acontecimento.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do preenchimento do quadro enunciativo-interacional, passamos à etapa de interpretação analítica, na qual cada aspecto mapeado será examinado em diálogo com os pressupostos teóricos da Linguística Textual e da Análise dos Discursos Digitais. Essa etapa busca compreender como os elementos enunciativos, interacionais e tecnodiscursivos identificados no quadro se articulam para produzir sentidos, sustentar posições argumentativas e acionar estratégias de desqualificação no contexto polêmico. Assim, o quadro funciona como ponto de partida para uma análise mais aprofundada, permitindo correlacionar dados do corpus com categorias teóricas e evidenciar relações entre intertextualidade, ciberviolência e a lógica de circulação dos discursos nas redes sociais.

Historicamente, Preta Gil é reconhecida como uma "mulher à frente do seu tempo". Criada em uma família progressista e profundamente ligada às artes, é filha de Gilberto Gil, uma das maiores vozes do movimento tropicalista. Ao lado de Caetano Veloso, Maria Bethânia e Gal Costa, Gil fundou o grupo *Doces Bárbaros*, que, em plena ditadura militar, cantava sobre

amor, sexualidade, religião e resistência. Em 1976, o grupo já se apresentava em rede nacional usando roupas consideradas inapropriadas para homens, performando de forma provocativa e contestadora.

Seguindo essa tradição, Preta se tornou uma figura pública marcada pela liberdade: rompeu com padrões normativos sobre o que é certo, belo e aceitável. Seu corpo, sua estética, sua fala e suas escolhas sempre foram pautadas por afirmações políticas sobre liberdade, afeto e resistência.

A publicação analisada já carrega um potencial de acionar a polêmica, especialmente por abordar uma forma de luto que não é familiar à maioria da população brasileira. Socialmente, espera-se que o luto seja expresso com roupas pretas, silêncio e solenidade. No entanto, o velório da cantora foi marcado por uma *playlist* de cem músicas escolhidas por ela mesma e pela distribuição de *drink* sem álcool, batizados de "Pra Sempre Preta".

Além disso, por ser oriunda de uma família de tradição no Candomblé, a maior parte dos presentes usavam roupas brancas, e alguns trajes típicos do culto aos Orixás. Esses elementos visuais e simbólicos, por si só, já acionam determinados gatilhos sociais e culturais que, frequentemente, são alvo de incompreensão ou preconceito. As interações coletadas comprovam que a publicação gerou debates acalorados e tocou em diferentes camadas de polêmicas sociais. Vejamos, a seguir, um exemplo dessas interações:

Imagem 13 — Interação na postagem da Choquei no X (1)

Disponível em: https://x.com/odouglasbrasil/status/1948858466787099110?s=46. Acesso em: 29 de jul. 2025.

Como primeiro comentário, que desencadeia os demais, observa-se que o **Usuário 1** afirma: “Muita rouanet pra gastar”. A frase funciona como uma alusão ampla, pois recupera a ideia que a cantora teria se beneficiado de recursos advindos da Lei Rouanet (1991), também conhecida como Lei de Incentivo à Cultura. Trata-se de um mecanismo criado pelo governo brasileiro para fomentar a produção cultural no país, permitindo que pessoas físicas e jurídicas destinem parte do Imposto de Renda a projetos culturais previamente aprovados pelo Ministério da Cultura.

O comentário aciona um imaginário coletivo e político que passa a associar, de forma pejorativa, a Lei Rouanet a um suposto uso indevido de dinheiro público por artistas, especialmente aqueles ligados à música popular brasileira e que apoiam pautas progressistas. Tal associação foi alimentada por episódios polêmicos, como o ocorrido em 2010, quando o cantor Gilberto Gil teve suas contas reprovadas após um show patrocinado pela lei, sendo determinado judicialmente o ressarcimento de mais de um milhão de reais.

Contudo, após esclarecimentos e recurso, o artista foi vitorioso na Justiça, sendo reconhecida a regularidade do uso dos recursos para a produção da turnê em questão. Em entrevistas atuais[8], sua esposa e produtora, Flora Gil, afirmou que, para evitar novas contestações, tomaram medidas mais cautelosas na produção da atual turnê, intitulada “Gilberto Gil Apresenta: Tempo Rei”. Ainda assim, outro desconforto público surgiu quando os Correios, empresa estatal que havia enfrentado escândalos de corrupção, entrou como patrocinadora do projeto.

Diante disso, o comentário do **Usuário 1** convocou esses episódios como estratégia para descredibilizar tanto Gilberto Gil quanto sua filha, Preta Gil. Identificou-se, nessa ação, uma forma de difamação e predação, à luz dos critérios de ciberviolência (Paveau, 2021), pois a intenção foi a de projetar informações distorcidas e sem respaldo judicial. A escolha por acionar esse tipo de crítica imediatamente após o falecimento da cantora evidencia como a disputa política atravessa os rituais de luto, transformando-os em arenas de embate ideológico e interação polêmica.

A insinuação de corrupção, feita por meio da menção à *Rouanet*, termo que, no vocabulário da direita, opera também como uma alusão ampla a supostos desvios de verbas públicas por artistas alinhados a pautas progressistas, funciona como uma estratégia de desqualificação não apenas da artista, mas de todo o seu entorno familiar e simbólico. A curtida

[8]Para mais informação sobre, acessar: https://www.gazetadopovo.com.br/cultura/choro-gilberto-gil-patrocinado-correios-tem-ensinar/. Acesso em: 29 de jul. 2025.

de 40 outros usuários, a nosso ver, indica a formação de um *"nós"*, que, nos termos da teoria da polêmica, evidencia a constituição de um grupo social que se opõe a um *"eles"*, num processo de dicotomização que pressupõe exclusão mútua.

Em defesa da cantora, a **Usuária 2**, filiando-se a um grupo oposto, afirma que a origem dos recursos da família provém da Mynd8, empresa de marketing e publicidade digital fundada por Preta Gil, considerada atualmente uma das maiores agências de gestão de influenciadores no Brasil. Como estratégia de descredibilização do argumento anterior, a usuária afirma que o oponente deveria "se informar melhor antes de falar besteira". Ao classificar a fala do outro como *besteira*, ela não apenas invalida o conteúdo apresentado, mas também procura expor, perante o público, a fragilidade do argumento do oponente, tratando-o como infundado e irrelevante. A desqualificação, nesse caso, recai tanto sobre o argumento quanto sobre a própria capacidade do interlocutor de participar do debate de forma válida.

O **Usuário 1**, em resposta, inicia com um "Sim", reconhecendo que a maior parte dos lucros realmente provém da empresa. Contudo, logo em seguida, refere-se à agência como "gabinete do ódio", acionando mais uma alusão ampla fortemente marcada ideologicamente. Para compreendê-lo plenamente, é preciso recuperar o contexto: em 2024, o deputado de direita Dinel Freitas (PL) protocolou um pedido de apuração junto à Procuradoria-Geral da República (PGR) sobre a disseminação de notícias falsas nas redes sociais. Processo que ganhou grande repercussão após o suicídio da influenciadora Jéssica Vitória Canedo[9].

A jovem foi alvo de especulações infundadas em páginas de entretenimento que a associavam, sem provas, a um suposto relacionamento com o humorista Whindersson Nunes, o que seria o motivo da perda do bebê que ele esperava com sua ex-noiva. A página de fofoca Choquei, no qual utilizamos como centro de nossas análises, foi a primeira página a divulgar as informações em seu perfil no X. Tanto a página quanto a influenciadora eram, à época, agenciadas pela Mynd8, empresa fundada por Preta Gil.

Ainda em 2024, as informações voltaram a circular após a publicação de um vídeo no YouTube por Daniel Penin, influenciador digital com posicionamentos alinhados à direita. No vídeo, Penin sugeria uma possível ligação entre perfis administrados pela Mynd8 e o Partido dos Trabalhadores (PT). O conteúdo rapidamente viralizou, sendo amplamente compartilhado por aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro, incluindo membros de sua família, com o objetivo

[9]Leia mais em: https://veja.abril.com.br/brasil/deputado-pede-que-pgr-investigue-gabinete-do-odio-da-esquerda/. Acesso em: 29 de jul. 2025.

de reforçar a ideia de que a empresa seria uma espécie de versão petista do chamado “Gabinete do Ódio”:

Imagem 14 — Vídeo do Daniel Penin sobre o assunto

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FC1jngBKLKI&rco=1. Acesso em: 29 de jul. 2025.

Mais uma vez, o **Usuário 1** recorre à difamação por meio da alusão, envolvendo temas como uso de dinheiro público, disseminação de notícias falsas e corrupção, todos recorrentes no discurso antipetista ou antiesquerdista. Assim, tenta descredibilizar não apenas a imagem da cantora, mas também a de sua família, alinhando-os a uma narrativa já consolidada no imaginário da direita brasileira em torno do PT e de seus apoiadores.

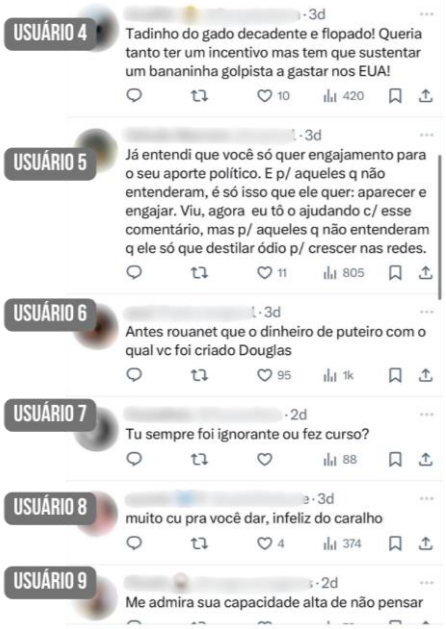
Como a Modalidade Argumentativa Polêmica mobiliza a polarização, outros sujeitos que circulam no ambiente digital, até então apenas observadores da interação, passam a se posicionar, filiando-se ao grupo do **Usuário 2**. São usuários que, em alguma medida, compartilham os mesmos valores que este expressa, fortalecendo o grupo por meio da participação ativa, seja comentando, seja curtindo as respostas. Nesse processo, consolida-se a estrutura do “nós” contra “eles”, típica da lógica dicotômica presente nas interações polêmicas.

Nesse contexto, um **Usuário 3**, surgindo em defesa da cantora, ironiza as falas do **Usuário 1** ao comentar: *“*Como se a família Gil precisasse disso*”*. O uso da conjunção condicional ou concessiva “como se” acentua o tom irônico, tratando a acusação de dependência de recursos públicos como algo improvável, irreal ou mesmo absurdo. Além disso, o pronome demonstrativo oblíquo “disso” recupera anaforicamente a alegação feita anteriormente pelo **Usuário 1**, reforçando o movimento de retomada e desacreditação. Dessa forma, temos um caso claro de ironização dos argumentos do oponente perante o público, configurando-se como uma estratégia de desqualificação indireta, voltada à construção de ethos negativo do adversário.

Motivado a não ter sua imagem descredibilizada e a reafirmar sua legitimidade diante do público, o **Usuário 1** responde: *"*Só o pai abocanhou 4 milhões esse ano, através dos Correios, se informe*."* Vejamos: como já apontado anteriormente, Gilberto Gil, em vez de recorrer à Lei Rouanet, optou pelo patrocínio da empresa pública Correios para financiar sua turnê. Sabendo disso, o **Usuário 1** escolhe, intencionalmente, palavras que reforçam sua tentativa de desqualificação. O advérbio de exclusão "só" e o sujeito "o pai" (em referência a Gilberto Gil) sugerem que o valor recebido seria significativo, insinuando, inclusive, que esse montante poderia ser apenas uma parte de um esquema mais amplo, o que abre margem para a suposição de que Preta Gil também teria se beneficiado financeiramente. O uso do verbo *"*abocanhar*"*, por sua vez, carrega uma carga semântica de apropriação indevida ou mesmo de ganância, acionando um julgamento moral sobre o uso de dinheiro público. Por fim, o imperativo afirmativo *"*se informe*"* encerra a frase com tom de superioridade, deslegitimando os interlocutores e sugerindo que eles são desinformados, o que contribui para reforçar a imagem de ignorância dos oponentes diante do público que acompanha a interação.

A interação continua com a participação de novos sujeitos que, alinhando-se à defesa de Preta Gil e das pautas associadas à esquerda, emergem também como opositores do grupo do **Usuário 1**. A progressão das respostas vai se distanciando de uma argumentação pautada na tese e aproxima-se de um embate cada vez mais violento, marcado por xingamentos, expressões chulas e ataques pessoais diretos, caracterizando uma intensificação da polêmica e da desqualificação do outro.

Imagem 15 — Interação na postagem da Choquei no X (2)



Disponível em: https://x.com/odouglasbrasil/status/1948858466787099110?s=46. Acesso em: 29 de jul. 2025.

O **Usuário 4** exemplifica essa virada. Sua fala inicia-se com a expressão "Tadinho", utilizada de forma irônica, produzindo o efeito de inferiorização do oponente, retratando-o como um sujeito infantilizado ou inofensivo, alguém digno de pena. Em seguida, o substantivo "gado", termo usado pejorativamente para rotular apoiadores do bolsonarismo como sujeitos sem pensamento crítico, que seguem cegamente seu "líder", constrói a dicotomização típica da polêmica: "nós" (críticos, esclarecidos) contra "eles" (irracionais, manipulados). Os adjetivos "decadente" e "flopado" reforçam a tentativa de desqualificação, tanto no sentido político quanto simbólico, insinuando fracasso, irrelevância e deslegitimidade.

Ainda nesse comentário, a frase *"*Queria tanto ter um incentivo, mas tem que sustentar um bananinha golpista a gastar nos EUA*"* carrega forte carga intertextual, por fazer uso de alusões (bananinhas; gastar nos EUA) amplas que só são recuperadas quando os leitores conhecem previamente os contextos dos usos, principalmente no campo das disputas política. A expressão "bananinha golpista" remete diretamente ao apelido atribuído a Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente, principalmente após um episódio em que o deputado aparece fantasiado de banana durante um protesto em que ele foi ironizado nas redes sociais. A acusação de que esse "bananinha" estaria sendo sustentado por eleitores com dinheiro faz alusão ampla, por sua vez, à "vaquinha" organizada por apoiadores do ex-presidente Bolsonaro em 2023, a fim de pagar multas recebidas pelo político durante a pandemia de COVID-19. Essa "vaquinha" arrecadou mais de 17 milhões de reais, fato que se tornou, para muitos críticos, um símbolo da alienação política de seus apoiadores.

Assim, reconhecemos nesse comentário não só o uso do *flaming* (ataque verbal direto), como também possíveis indícios de difamação e até mesmo um outing (a revelação pública de informações que, verdadeiras ou não, pertencem ao âmbito privado do interlocutor), já que o sujeito sugere que o **Usuário 1** teria contribuído financeiramente com figuras políticas conservadoras, algo que não havia sido declarado por ele. Mesmo que tal informação seja verídica, a sua exposição tem a finalidade clara de descredibilizar a imagem do oponente, associando-o à figura do "gado", um ser acrítico, manipulável e incoerente, que sustenta políticos ricos mesmo quando eles não precisam.

Um ponto particularmente pertinente nesta interação é a construção argumentativa do **Usuário 5**. Ainda que minimamente afiliado ao grupo que defende a cantora e sua família, o usuário desloca seu foco para evidenciar o papel dos terceiros na polêmica. Podemos considerar, inclusive, a ocorrência de uma espécie de quebra da "quarta parede", na medida em

que o enunciador, além de se dirigir diretamente ao **Usuário 1**, parece falar com o público que assiste à interação. Sua fala se inicia com: "Já entendi que você só quer engajamento para o seu aporte político", o que indica que ele reconhece o objetivo do oponente não como a defesa de uma tese, tampouco como participação em um debate argumentativo tradicional, mas sim como uma estratégia para gerar repercussão e ampliar seu alcance político nas redes.

Na sequência, ao afirmar: "E p/ aqueles q não entenderam, é só isso que ele quer: aparecer e engajar", o **Usuário 5** se dirige explicitamente ao público, ao terceiro, que, segundo Plantin (2003), são os sujeitos que observam a interação e ainda podem ser persuadidos. Ao esclarecer, de forma didática, que o foco do **Usuário 1** seria a busca pelo engajamento por meio da dissensão, o enunciador propõe um deslocamento do debate para o plano metalinguístico: aquilo que está em disputa já não é apenas o conteúdo, mas a intenção do interlocutor. Ele denuncia o que seria uma performance estrategicamente violenta e polarizadora, indicando aos terceiros que não se trata de uma troca argumentativa legítima, mas de uma simulação de debate cuja finalidade seria gerar polêmica, atrair reações e, com isso, ampliar o alcance do perfil do **Usuário 1**.

O próprio **Usuário 5**, ao afirmar "agora eu tô o ajudando c/ esse comentário", evidencia um conhecimento mais profundo sobre a lógica algorítmica da plataforma, reconhecendo que qualquer interação (mesmo negativa) contribui para aumentar o engajamento do *post*. Esse reconhecimento revela que os sujeitos que ocupam o espaço digital estão, cada vez mais, cientes das dinâmicas de circulação e visibilidade de conteúdo nas redes, compreendendo que a dissensão pode ser convertida em capital simbólico e midiático.

Achados como este reforçam, para a análise linguística, a importância de compreender a interação digital como uma prática que ultrapassa os limites da linguagem verbal: trata-se de uma prática tecnolinguageira, marcada por uma verdadeira imbricação entre homem e máquina, como propõe uma perspectiva pós-dualista. Isso evidencia que os usuários não apenas ocupam as redes, mas também refletem criticamente sobre seus modos de funcionamento, ajustando suas estratégias argumentativas à lógica algorítmica da plataforma.

A partir desse momento, observamos que o debate passa a ser composto majoritariamente por comentários que visam silenciar o **Usuário 1**, por meio de ataques diretos e cada vez mais intensos. A interação, que inicialmente ainda mantinha traços de argumentação, evolui para um cenário marcado pela ciberviolência explícita, combinando-se práticas de *flaming*, *difamação* e até mesmo *outing*. Tal como propõe Paveau (2022), as modalidades de violência verbal no digital não apenas coexistem, mas frequentemente se sobrepõem e se

confundem, especialmente em interações polêmicas, nas quais a efemeridade dos enunciados impede a verificação da veracidade das informações veiculadas.

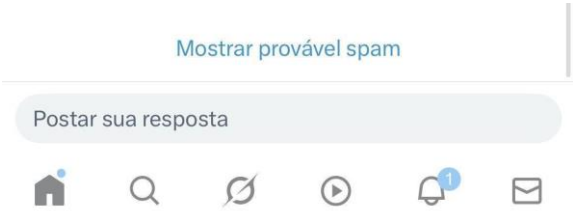
Vejamos alguns exemplos: o **Usuário 6**, por meio de um insulto de natureza familiar e sexual, afirma que seria melhor receber dinheiro da Lei Rouanet do que do "puteiro com o qual você foi criado". Aqui, temos um ataque a imagem do Oponente, na medida em que se atribui a ele uma origem depreciativa, com potencial ofensivo tanto a ele quanto à sua família, além de invocar estereótipos associados à prostituição. O **Usuário 7**, por sua vez, utiliza a ironia para reforçar o processo de exclusão simbólica, perguntando: "Tu sempre foi ignorante ou fez curso?", o que representa um ataque à capacidade cognitiva do oponente, numa estratégia que busca degradar sua legitimidade enquanto participante da interação.

O comentário do **Usuário 8** combina diferentes formas de ciberviolência: é atravessado por uma linguagem vulgar e ofensiva ("muito cu pra você dar"), marcada por homofobia, *flaming* e insulto direto ("infeliz do caralho"). Nesse enunciado, o oponente é atacado não apenas em sua opinião, mas em sua identidade subjetiva e sexual, mobilizando-se a lógica da desqualificação total. Já o **Usuário 9**, ainda que menos agressivo em termos lexicais, recorre à ironia ao afirmar: "Me admira sua capacidade alta de não pensar". Novamente, trata-se de um movimento que busca deslegitimar a capacidade intelectual e discursiva do sujeito.

Vale aqui ressaltarmos que é justamente em contextos como esse que as fronteiras entre *difamação* e *outing* se tornam turvas: em ambientes marcados pela alta rotatividade de informações e pela lógica da viralização, não há tempo hábil para checagens ou refutações. Dessa forma, mesmo informações falsas ou infundadas passam a ser tratadas como verdades provisórias, mas com efeitos reais de exclusão, silenciamento e ataque à imagem pública dos interlocutores. Na cena polêmica digital, o "dizer" não é apenas um ato de fala, mas também um ato de poder e de destruição de reputações.

Mesmo cientes da existência de outras mensagens que seguem reforçando o assédio social contra o **Usuário 1**, gostaríamos de chamar atenção, neste momento, para o funcionamento da própria plataforma e sua participação — ainda que mínima e automatizada — na regulação da interação. Como observado na captura de tela, alguns comentários não aparecem imediatamente visíveis no fluxo da postagem principal. Apenas após percorrer todos os demais enunciados, é possível visualizar uma mensagem em azul, destacada como **clicável**, que informa: *"Mostrar provável spam"*.

Imagem 16 — Mensagem de “provável spam” no X



Fonte: Captura do X

Ao clicar nessa opção, o usuário é conduzido a um novo conjunto de comentários que haviam sido ocultados. Segundo os critérios de rastreio, processamento e organização algorítmica do X, essas mensagens são potencialmente classificadas como spam, ou seja, comunicações não solicitadas, repetitivas e que, na lógica da plataforma, podem ter como objetivo promover algo ou enganar usuários.

Essa escolha automatizada revela um funcionamento interessante da mediação algorítmica, que, mesmo sem interferência humana direta, atua sobre a visibilidade dos enunciados. Ainda que não haja um julgamento de valor moral ou ético sobre o conteúdo (como ocorre, por exemplo, em casos de denúncias manuais), há uma ação técnica de ocultamento com base em padrões estatísticos e comportamentais, o que, na prática, produz efeitos significativos na maneira como os discursos circulam, são lidos e interagem com os públicos.

Essa ação também evidencia um aspecto fundamental do pós-dualismo digital: a máquina não é apenas ferramenta, mas também agente que participa da produção de sentido (Paveau, 2021; Cavalcante *et al*. 2022). A visibilidade ou invisibilidade de determinados textos não é, portanto, neutra ou aleatória, ela é resultado de decisões algorítmicas inscritas no funcionamento estrutural da plataforma, decisões essas que afetam diretamente a forma como as interações polêmicas se desenvolvem, se amplificam ou são parcialmente contidas.

Vejamos que os comentários ocultos nos parecem carregar um tom ainda mais depreciativo em relação à imagem do **Usuário 1**. Além disso, uma mensagem aparece acima deles, funcionando como uma espécie de lembrete aos usuários de que ali estão sendo exibidos os possíveis conteúdos classificados como spam.

Imagem 17 — Interação na postagem da Choquei no X (3)

Disponível em: https://x.com/odouglasbrasil/status/1948858466787099110?s=46. Acesso em: 29 de jul. 2025.

O **Usuário 11**, retomando argumentos já usados na interação, afirma que seu oponente, na verdade, gostaria de usufruir de recursos financeiros, mas não pode. Utilizando-se ainda da *difamação*, ou possivelmente de um *outing*, o comentário insinua que o usuário em questão estaria enviando dinheiro para sustentar o "bananinha decadente nos EUA", alusão direta ao deputado Carlos Bolsonaro. A referência também rememora o episódio da vaquinha via PIX organizada por apoiadores do ex-presidente. Nesse caso, o comentário se ancora numa *intertextualidade* de alusão ampla já estabilizada no imaginário político digital e mobiliza-a como estratégia de desqualificação do oponente.

O **Usuário 12**, por sua vez, profere um claro caso de *flaming*, ao desejar que o sujeito "se lasque". A construção do enunciado mobiliza o *pathos*, ao evocar a memória recente do falecimento de Preta Gil, sugerindo que "nem a pessoa morta vocês respeitam!". Em seguida, o comentário escorrega para um campo ainda mais agressivo, marcado por homofobia, ironia e violência simbólica, ao afirmar que o usuário deveria "dar meia hora de [sexo anal] com o relógio parado". A frase, ainda que eufemística, associa o ato à dor, ao castigo e à vergonha, operando como mecanismo de silenciamento e desumanização. Ao final, ao dizer "vai arrumar o que fazer", o usuário reforça a ideia de que o oponente seria um sujeito ocioso, improdutivo e inconveniente, imagem que colabora para sua exclusão simbólica da comunidade digital em questão.

Já o **Usuário 13** recorre à ironia e à alusão ampla para generalizar comportamentos: afirma que "todo 'bom moço' de direita é meio burro", sugerindo que esse tipo de postura seria tão recorrente que justificaria uma "pesquisadinha". Ainda que em tom jocoso, o comentário trabalha com estigmas e estereótipos para desqualificar o adversário político, reiterando a construção de um "nós" mais intelectualmente qualificado frente a um "eles" ignorante e desinformado.

O **Usuário 14**, por sua vez, atua estrategicamente no campo do silenciamento, ao sugerir aos demais que "parem de dar moral pra bot". Aqui, o enunciado não apenas nega a legitimidade da fala do **Usuário 1**, mas também questiona sua própria identidade, supondo que ele seria uma *farsa/masquerade*. Ao associá-lo a um *bot*, isto é, a uma conta automatizada, geralmente usada para espalhar desinformação ou manipular debates, o sujeito é reduzido a uma entidade sem agência humana, cuja opinião não mereceria ser considerada. No contexto do X, onde bots têm sido historicamente associados à manipulação eleitoral, à produção de fake news e ao engajamento forjado, tal rotulação opera como forma de exclusão simbólica.

Depois, utilizando-se novamente de estratégias de *flaming* e possivelmente de *outing*, o **Usuário 15** afirma que o oponente possui um "pinto pequeno". No imaginário social, esse tipo de comentário visa à desqualificação do sujeito por meio da fragilização simbólica de sua masculinidade. A desmoralização dos órgãos sexuais masculinos, sobretudo quando dirigida a homens presumivelmente heterossexuais, opera como forma de desestabilizar sua integridade enquanto homem, produzindo uma exposição humilhante diante do coletivo. Trata-se de uma violência que transcende o corpo físico, atingindo o plano simbólico, ao colocar em xeque a virilidade, atributo tradicionalmente valorizado e exaltado nos discursos da direita e da extrema-direita.

Em sentido semelhante, o **Usuário 16** complementa esse processo de descredibilização ao afirmar: "não é à toa que é corno". A imputação da traição conjugal, nesse caso, cumpre o mesmo papel simbólico: retira do sujeito qualquer imagem de potência, domínio ou respeito, fragilizando sua posição enquanto homem "soberano" e "intocável", ideais historicamente sustentados e performados por figuras públicas associadas ao espectro conservador da política brasileira.

O que desejamos ressaltar é que tais enunciados, apesar de aparentemente impulsivos ou "apenas ofensivos", estão profundamente imbricados em uma lógica argumentativa de destruição simbólica do adversário. Eles revelam que os sujeitos participantes da interação conhecem, exploram e manipulam os valores e imaginários hegemônicos que estruturam os discursos da direita, sobretudo no que diz respeito à figura do "homem viril, forte,

racional, líder nato". Ao atacar exatamente esses atributos, os usuários invertem o discurso dominante, expondo contradições e promovendo, ainda que de forma violenta, uma reconfiguração simbólica do oponente: de homem a não-homem, de líder a objeto de escárnio público.

6.2 O caso da criança autista não verbal

A postagem da Choquei que aqui analisaremos foi publicada no dia 17 de novembro de 2025. No dia que foram feitas as capturas de tela, a publicação contava com mais de dois milhões de visualizações, cerca de trinta mil curtidas, mais de mil republicações e mais de duzentos comentários. Acreditamos que a repercussão foi, em parte, por acontecer logo após a operação em duas favelas no Rio de Janeiro.

Imagem 18 — Notícia de criança autista acompanhada por uma guarda municipal

Disponível em: https://x.com/choquei/status/1990599210207772765?s=46. Acesso em 20/11/2025.

Quadro 10 — Análise da postagem sobre a criança autista

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	**Respostas**
1. Quem é o locutor/enunciador principal?	Perfil da página Choquei no X (@choquei), especializado em notícias de entretenimento e fofoca.
2. Quem é projetado como interlocutor? Existe terceiro?	Interlocutores: seguidores da página e usuários que comentam; terceiros: Guarda Municipal de São Bernardo do Campo (SP); criança autista e sua família.
3. Qual o grau de intimidade dos interactantes?	Predomina a relação de proximidade entre seguidores e o perfil; com oponentes, a relação é conflitiva.
4. De que gênero o texto participa?	Gênero notícia de entretenimento/polêmica.
5. Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema?	Ecossistema digital do X, marcado por performatividade, viralização e debate público; mídias acessadas por celular e desktop.

6. O texto ocorre num espaço público ou num espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?	Espaço público (perfil aberto no X), visível a qualquer usuário; participantes não se vêem fisicamente.
7. Qual o número de interactantes (mais de dois?)	Potencialmente ilimitado, qualquer usuário pode interagir por curtidas, respostas e comentários.
8. Existe alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?	Sim; alternância livre nos comentários, sem forte moderação prévia (exceto ocultamento automático de 'spam').
9. Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta?	Relatar a ação de uma guarda municipal de São Bernardo do Campo (SP) após uma criança autista não verbal ficar perdida e se recusar a entrar na viatura e os guardas precisaram caminhar até a residência do menor.
10. Em que situação sócio-histórica o texto se situa?	Caso ocorrido no dia 14 de novembro de 2025, em um contexto de forte comoção pública logo após a operação da Polícia Militar do Rio de Janeiro nas comunidades da Penha e da Rocinha. A ação resultou em diversos mortos, apreensão de armas e pânico instaurado na cidade carioca, gerando intensa polarização política entre aqueles que concordavam com a operação e aqueles que consideraram que a polícia agiu com extrema violência
11. Quais são os objetivos da interação?	Informar, gerar engajamento e provocar debate; potencializar a circulação da notícia e das reações.
12. Que tipos de intertextualidade são ativados no texto?	Amplas. Alusões à imagem de Lu Schievano, aos "especialistas de sofá"; entre outros.
13. Existe retomada de enunciados (discursos públicos, memes, posicionamentos ideológicos) para reforçar ou camuflar práticas violentas, transformando intertextualidades em mecanismos de ataque na modalidade polêmica?	Sim. O formato da postagem, com a imagem da Guarda Municipal em posição central, provoca a retomada de discussões sobre o potencial violento dos agentes de segurança. A própria natureza da página *Choquei*, reconhecida por divulgar conteúdos sensacionalistas, também funciona como um índice que ativa um coletivo de desconfiança, o qual pode ser instrumentalizado pelos comentadores para ataques aos policiais, à ação dos agentes de segurança ou às polarizações políticas contemporâneas da sociedade brasileira.A retomada de discursos públicos e de memórias sociais sobre esses agentes torna-

	se matéria-prima para que a interação subsequente converta intertextualidades em práticas de ciberviolência, sobretudo por meio de ironias moralizantes e julgamentos de valor.
14. Quais recursos tecnodiscursivos atuam na construção ou amplificação dos sentidos e como eles intervêm no encadeamento argumentativo?	O vídeo gravado pelos guardas municipais com a viatura acompanhando uma outra guarda que segura a mão da criança, provoca comoção nos usuários que acionam memórias coletivas sobre a função dos agentes de segurança ao mesmo tempo em que recuperam imagens cristalizadas de violência policial do contexto atual. Esse movimento afeta o encadeamento argumentativo, pois a postagem já chega ao leitor investida de um certo "status de fonte", ainda que de caráter sensacionalista.
15.De que modo aparecem as ciberviolências, considerando intensidade, alvo e contexto, e como elas se articulam à modalidade argumentativa polêmica?	O alvo da ciberviolência passa a ser o grupo de pessoas que, assim como o autor do primeiro comentário, duvidam da capacidade de agentes de segurança pública realizarem boas ações. Nesse sentido, surgem julgamentos, ironias depreciativas, acusações de oportunismo e ataques tanto a sujeitos identificados como "de esquerda" quanto àqueles associados "à direita". O recente episódio da operação no Rio de Janeiro intensifica a comoção e reduz os filtros de autocontrole argumentativo. As ciberviolências emergem, assim, como estratégias para reforçar tomadas de posição e polarizar as leituras do acontecimento.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos ver na imagem, a página choquei república o vídeo de outro perfil. Por meio de um símbolo logo abaixo do vídeo é possível perceber a descrição, em uma cor menos saturada escrito "De" e logo após o nome "Metrópoles", seguido do símbolo de verificação na cor amarela, com um branco mais forte, evidenciando que trata-se de um hiperlink clicável que direcionam o usuário para a publicação do outro perfil jornalístico.

Para chamar a atenção dos usuários, os administradores escolhem por utilizar uma forma "padrão" de mensagem, colocando sempre um emoji de uma sirene (🚨) e logo em seguida o nome "BRASIL"escrito em caixas altas, para deixar nítido que se trata de algo que

acontece no país, pois a página também publica fofocas e notícias internacionais. Em seguida, a descrição da notícia é feita, afirmando que uma criança autista (não identificada) estava perdida e se recusou a entrar na viatura, precisando que uma guarda municipal caminhasse com ele por mais de quatro quilômetros até chegar em sua casa.

Como se trata de uma notícia em uma página de fofoca, com poucas preocupações nas aopuraçòes dos fatos, observemos que nos parece que faltam informação que ajudam a dar contornos ao que estava acontecendo, como a explicação de como a criança se perdeu ou até mesmo um desfecho com a entrega da criança aos responsáveis em sua residência.

Sem querer fugir ao ponto das análises da modalidade polêmicas e das ciberviolências, cabe aqui sugerimos pesquisas futuras que busquem dar luz ao forte apelo ao *pathos* que páginas de notícias ou fofocas tem feito, principalmente em publicações de redes sociais com a finalidade de gerar engajamento rápido. Pois entendemos que ao publicar a notícia, a intenção não foi apenas informar a população, mas mobilizar elementos ligados às emoções sociais com a finalidade de engajamento e viralização, principalmente por se tratar de uma notícia que mobiliza a imagem de pessoas fardadas, do âmbito da segurança pública, após uma operação da polícia militar que levou a morte de mais de cem pessoas nas favelas do Rio de Janeiro.

A seguir, vejamos a publicação original da página oficial do jornal Metropoles, de onde a página da choquei retirou o vídeo.

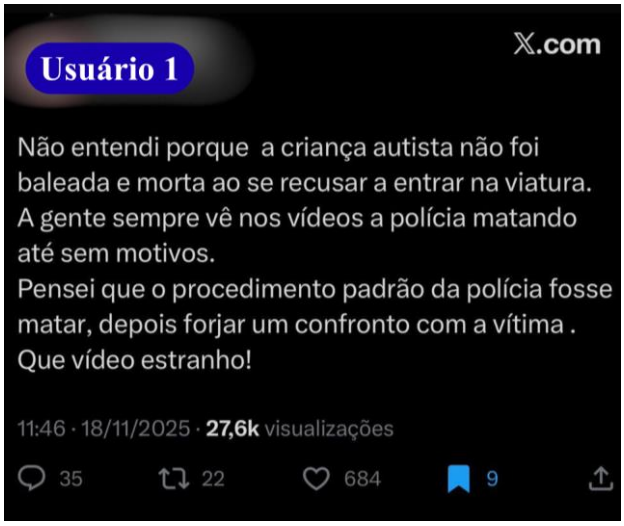
Imagem 19 — Notícia do Jornal Metrópoles que foi republicado pela Choquei

Disponível em: https://x.com/Metropoles/status/1990549168427880474. Acesso em 20/11/2025.

Vejamos, por exemplo, a diferença da publicação original em comparação com a página da Choquei. Nos parece que existem mais informações acerca do ocorrido, como local, data, idade. Até mesmo o uso de uma linguagem que expressa já para os usuários a percepção do jornal sobre o ocorrido, como o início marcado por emojis e a frase “Uma operação sensível”.

Mas assim, voltamos a publicação da página da choquei. Vejamos que os comentários que se seguem, encaminham-se para uma discussão sobre imagens cristalizadas socialmente sobre o comportamento daquele que devem servir a favor da segurança do pais e das pessoas. Assim, explicita o Usuário 1 que não entendi porque a criança autista não foi baleada e morta ao se recusar a entrar na viatura. Assim, consideramos que o sujeito usuario está fazendo uma alusão ampla a diversos outros textos com o mesmo teor de denuncia a violência policial que surgiram a partir da operação, em que muitos chamam de chacina, que ocorreu nas Comunidades da Penha e do Alemão.

Imagem 20 — Interação na postagem da Choquei no X (1)



Disponível em: https://x.com/jackssalles/status/1990793814576140325?s=20. Acesso em: 20 de nov. 2025.

Ao fazer alusão a esse estereótipo e na mesma medida recuperar outros textos que estavam circulando nas redes socias, inclusive por meio de insinuações (“Pensei que o procedimento padrão da polícia fosse matar, depois forjar um confronto com a vítima.”), o Usuário 1, assim, atualiza a polêmica sobre segurança pública e o estereótipo de polícia violenta, que não defende, apenas mata.

Imagem 21 — Interação na postagem da Choquei no X (2)

Disponível em: https://x.com/jackssalles/status/1990793814576140325?s=20. Acesso em: 20 de nov. 2025.

Encaminhando-se para uma prerrogativa que se assemelha ao do **Usuário 1**, **Usuário 2** faz uma pergunta, que entendemos ser como retórica, dando a entender que mesmo uma criança que possui especificidades, no caso ser autista e não verbal, projeta, também, na imagem de pessoa fardadas e na viatura, um local de não segurança, pois ela se recusou a entrar. Logo depois, ela afirma que a criança "Motivo tem".

Como trata-se de um ecossistema que privilegia ferramentas multisemióticas, principalmente com a finalidade de gerar interação entre os sujeitos que usam desse ambiente, os usuários corriqueiramente utilizam GIFs, vídeos, imagens, links, etc. que podem ser postados também na aba destinada a comentários. Assim, o **Usuário 3** se utiliza apenas de uma imagem como resposta ao comentário do **Usuário 1**, todavia ela carrega um efeito de sentido muito específico, em especial para os usuários de redes sociais.

A imagem apresentada na centralidade trata-se da Lu Schievano, que ficou muito conhecida após sua participação no Reality Show A Fazenda, da emissora de televisão Record, em sua sexta edição. Como uma participante com opiniões e personalidade fortes, a sua imagem começou a ser amplamente usada nas redes sociais por trazer um semblante de impaciência e de desenho. Neste caso, o enunciador usa a imagem como um repertório compartilhado socialmente por determinado grupo, configurando-se como uma alusão ampla: ele ironiza e desqualifica tanto o ponto de vista como a própria imagem do **Usuário 1** sem necessariamente utilizar-se da verbalidade. Isso reforça nossa hipótese de que vídeos, imagens, GIFs, emojis, também são colaboradoras para a desqualificação do outro.

Em seguida o Usuário 4 aponta, em discordância ao usuário 1, que "Explicar para especialistas de sofá é difícil". Aqui o usuário mobiliza outro estereótipo, carregado por uma alusão ampla, muito usado nas redes sociais: o comentarista leigo que opina na internet sem conhecimento real dos fatos, reduzindo-o a um "especialista de sofá". Trata-se de uma estratégia muito comum na modalidade polêmica, pois tira-se o foco dos argumentos apresentados, em detrimento da desqualificação da imagem do oponente perante os terceiros na interação. Nos enunciados que se seguem, veremos uma intensificação do deslocamento temático para a agressão direta entre os oponentes do **Usuário 1**.

Imagem 22 — Interação na postagem da Choquei no X (3)

Disponível em: https://x.com/jackssalles/status/1990793814576140325?s=20. Acesso em: 20 de nov. 2025.

O comentários do **Usuário 5** (“Cala boca viadinho”) evidência um verdadeiro uso de flaming, ou seja, uma mensagem de ódio, com insulto homofobico, endereçado diretamente para uma segunda pessoa (**Usuário 1**). Nesse caso encontramos explicita intenção de humilhar, diabolizar, descredibilizar a imagem do sujeito por meio de imagens socialmente marcadas por violências simbólicas que, perante qualquer terceiro que possa vir a ver a interação, torna-se um potencializador de não credibilidade.

Em seguida, talvez não tão engajada com os comentários dos outros usuários, mas que mesmo assim apresenta carga sexista, o **Usuário 6** justifica a abordagem mais humanitária e com menos riscos quando feita por mulheres, associando a figura feminina à docilidade e perda do risco de violência, reforçando representações sociais estereotipadas.

Em seguida o **Usuário 7** afirma que “Só quem entendeu o sarcasmo (do **Usuário 1**) vai curti”. Compreendemos que essas afirmações, carregada de sarcasmo e ironia, intensificam a formação daquilo que Amossy (2017) chama de polarização, pela formação de um grupo (“nós” que entendemos o sarcasmo, contra “eles” que não conseguem entender), formando-se comunidades momentâneas, que reforçam interna e a exclusão de outros.

Já o Usuário 8 faz uma correção, afirmando que as pessoas que prestaram o serviço para a criança não são Policiais Militares, mas sim Guardas Municipais. Mesmo assim, nos

parece que na interação polêmica, informações factuais como essa não apaziguam a polêmica já instaurada. Acreditamos que ele funciona mais como uma forma de intensificação na construção de sujeitos com pontos de vista semelhantes. Ou seja, essa afirmação estaria coerente com as ponderações feitas pelo **Usuário 1**, tendo em vista que, seguindo a lógica argumentativa, a criança autista só não foi tratada com violência pois não eram agentes da Polícia Militar.

A partir dos **Usuários 9**, **10** e **11**, intensifica-se a estratégia de desqualificação da imagem do outro perante o público. Todos eles basean-se em flamings, que são as mensagem de ódio direcionadas para o **Usuário 1.** "esse é o esquerdista usando 100% do cérebro", "cala a boca esquerdista" e "ninguém tem culpa se você é burro e alienado" acionam marcadores políticos, forçando a construção de grupos com ideais antinteticos, mutuamente excludentes que funcionam também rótulos ideológicos para ridicularizar o outro. Tais rótulos operam como atalhos cognitivos: em vez de argumentar, o usuário atribui uma identidade política depreciativa ao interlocutor, silenciando-o pela via da desqualificação. Ou seja, o **Usuário 1,** sendo de esquerda, não consegue usar sua capacidade cognitiva completa para compreender o serviço prestado pelos Guardas Municipais de São Paulo.

Mesmo ocultando as fotos e os nomes dos perfis participantes da interação, vale ressaltar um aspecto extremamente importante para a análise. Como usuários da rede social X, conseguimos, em alguma medida, reconhecer perfis "verdadeiros". Ao observar a composição dos nomes de usuário (a sequência após o @), percebemos que todos aqueles que utilizaram uma linguagem mais violenta apresentam identificadores bastante distintos do que se espera de perfis pessoais: em sua maioria, optam pelos nomes aleatórios sugeridos pela própria plataforma, combinando poucas letras com vários números. As fotos utilizadas nesses perfis geralmente são imagens de memes, personagens de filmes, celebridades ou figuras públicas vinculadas à política. Ao acessar esses perfis, observamos que possuem pouquíssimas — ou nenhuma — publicações; muitos desses usuários se escondem atrás dessas contas e dedicam grande parte do tempo apenas à produção de comentários.

Assim, como neste exemplo, acreditamos que se confirma a hipótese de que os recursos nativos digitais, como o uso de imagens, neste caso a imagem da Lu Schievano, estão associados a estratégias de desqualificação, uma vez que o recurso é mobilizado no contexto para descredibilizar a imagem do oponente (**Usuário 1**). Essa imagem também se articula a discursos socialmente legitimados, como já previsto em nossas hipóteses, configurando-se como uma alusão ampla e carregada de estratégias argumentativas de teor ofensivo, que, ao mesmo tempo, "suavizam" ou aumentam a aceitabilidade do ataque perante os demais usuários.

Podemos também perceber o quanto as categorias de ciberviolência propostas por Paveau (2021), em especial o uso recorrente de *flaming*, associado a repertórios socialmente compartilhados e ao forte uso de perfis falsos, aparecem como estratégias argumentativas centrais para o ataque ao *ethos* do adversário. Essas estratégias coocorrem com marcas intertextuais em proporção superior ao acaso. Ou seja, são por meio de recursos estritamente ligados ao contexto do X que esses enunciados mais violentos são produzidos, justamente porque se acredita fortemente na impossibilidade de rastreabilidade desses sujeitos na vida real.

6.3 A prisão de Bolsonaro

Uma das principais características que evidenciam o X como um ambiente extremamente propício a interações polêmicas é a rápida viralização das situações. O exemplo que analisaremos a seguir diz respeito à notícia da prisão do ex-chefe de Estado, Jair Messias Bolsonaro, ocorrida no dia 22 de novembro de 2025, por volta das seis horas da manhã, quando a Polícia Militar cumpriu o mandado expedido pelo ministro Alexandre de Moraes.

Imagem 23 — A prisão de Bolsonaro no dia 22 de novembro de 2025

Disponível em: https://x.com/choquei/status/1992170579667964358?s=20. Acesso em: 22 de nov. 2025.

Quadro 11 — Análise da postagem sobre a prisão de Jair Bolsonaro

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	**Respostas**
1. Quem é o locutor/enunciador principal?	Perfil da página Choquei no X (@choquei),

	especializado em notícias de entretenimento e fofoca.
2. Quem é projetado como interlocutor? Existe terceiro?	Interlocutores: seguidores da página e usuários que comentam; terceiros; Jair Bolsonaro, Ministros do Supremo Tribunal Federal, etc.
3. Qual o grau de intimidade dos interactantes?	Predomina a relação de proximidade entre seguidores e o perfil; com oponentes, a relação é conflitiva.
4. De que gênero o texto participa?	Gênero notícia de entretenimento/polêmica.
5. Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema?	Ecossistema digital do X, marcado por performatividade, viralização e debate público; mídias acessadas por celular e desktop.
6. O texto ocorre num espaço público ou num espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?	Espaço público (perfil aberto no X), visível a qualquer usuário; participantes não se vêem fisicamente.
7. Qual o número de interactantes (mais de dois?)	Potencialmente ilimitado, qualquer usuário pode interagir por curtidas, respostas e comentários.
8. Existe alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?	Sim; alternância livre nos comentários, sem forte moderação prévia (exceto ocultamento automático de "spam").
9. Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta?	Relatar a prisão do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.
10. Em que situação sócio-histórica o texto se situa?	Caso ocorrido no dia vinte e dois (22) de novembro de dois mil e vinte e cinco (2025), em um contexto de disputas de narrativas políticas e intensas brigas entres os apoiadores e os opositores do antigo presidente.
11. Quais são os objetivos da interação?	Informar, gerar engajamento e provocar debate; potencializar a circulação da notícia e das reações.
12. Que tipos de intertextualidade são ativados no texto?	Amplas e restritas. Principalmente o uso de alusões à imagem de Lu Schievano, ao reality show A Fazenda, à série da Amazon Prime Video Tremembé, ao usuário da rede social conhecido como "Ulisses", à calvície de Alexandre de Moraes, entre outros.
13. Existe retomada de enunciados (discursos públicos, memes, posicionamentos ideológicos) para reforçar	Sim. O formato da postagem, apresentando duas fotos de Bolsonaro — uma em preto e branco, com semblante sério, e outra com o

ou camuflar práticas violentas, transformando intertextualidades em mecanismos de ataque na modalidade polêmica?	rosto abaixado, as mãos cobrindo os olhos, como se estivesse chorando — pode sugerir a ideia de "fraqueza" vivenciada pelo ex-militar diante do cumprimento do mandado de prisão. Essas imagens acionam um jogo de disputa entre aqueles que se comovem com a prisão de um homem considerado inocente e perseguido politicamente, e os opositores, que celebram o momento e relembram a imagem autoritária e ríspida que ele projetava enquanto estava à frente do país. A própria natureza da página Choquei, reconhecida por divulgar conteúdos sensacionalistas, funciona como um índice que impulsiona o debate e ativa um coletivo de leitores predispostos à controvérsia. A retomada de discursos públicos e de memórias sociais sobre as ações do ex-presidente torna-se, assim, matéria-prima para que a interação subsequente converta intertextualidades em práticas de ciberviolência, sobretudo por meio de ironias moralizantes e julgamentos de valor. Além desses, existem ainda a utilização de GIFs e remissões ao "Ulisses", que são usados como forma de desqualificação por meio do recurso à ironia e a violência.
14. Quais recursos tecnodiscursivos atuam na construção ou amplificação dos sentidos e como eles intervêm no encadeamento argumentativo?	As imagens de Bolsonaro constroem uma narrativa que pode ser interpretada de duas maneiras, dependendo do grupo em que os pontos de vista dos leitores se inserem. Os apoiadores do ex-presidente podem sentir "pena" ao vê-lo, já idoso, representado em um momento de fragilidade. Já os opositores leem a mesma imagem como uma ironização de alguém que, no passado, se mostrava superior e orgulhoso de sua "boa forma física", como acontecia durante a pandemia da COVID-19. Esse movimento afeta o encadeamento argumentativo, pois a postagem já chega ao leitor investida de um certo "status de fonte", ainda que sustentada por um caráter sensacionalista.
15.De que modo aparecem as ciberviolências, considerando intensidade, alvo e contexto, e como elas se articulam à	As ciberviolências, como *outing* e *flaming*, em sua maioria aparecem disfarçadas em um tom humorístico, frequentemente

modalidade argumentativa polêmica?	marcadas pela ironia. Contudo, em perfis com grande probabilidade de serem falsos, o uso de *flaming* explícito se torna mais recorrente, avançando para uma violência verbal direta, inclusive com sugestões de ameaça.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Novamente encontramos o padrão característico das publicações da página: o uso do emoji de sirene (🚨), seguido do verbo *ver* no modo imperativo em caixa alta (VEJA), indicando a sugestão de que algo importante será apresentado. Em seguida, há uma descrição curta e pouco informativa: “Bolsonaro foi preso por volta das 6h da manhã no condomínio onde mora. Segundo informações, o ex-presidente estava dormindo no momento da prisão”.

Por meio do *print* feito cerca de seis horas após a notícia, compreendemos que a página fez a publicação cerca de um pouco mais de quarenta minutos depois do ocorrido fato da prisão e mesmo com poucas horas já é possível observar o potencial de grande engajamento e viralização. No momento do registro, o *post* acumulava quase seiscentas mil visualizações, mais de dezenove mil curtidas, aproximadamente dois mil *retweets*, cento e noventa e seis salvamentos e mais de quinhentos comentários deixados pelos internautas.

Como já era esperado, diversos comentários são deixados por aqueles que comemoram, quando aqueles que negam os crimes julgados, instaurando-se, assim, interações polêmicas polêmicas. Vejamos:

Imagem 24 — Interações sobre a prisão de Bolsonaro (1.1)

Disponível em: https://x.com/choquei/status/1992170579667964358?s=20. Acesso em: 22 de nov. 2025.

Em um processo rico em intertextualidades, o **Usuário 1** mobiliza uma linguagem de forte aproximação com os outros usuários, chamando-o de "omig" (variação afetiva de *amigo*), produzindo uma cena enunciativa de intimidade e cumplicidade. A afirmação empolgada de que "vai ter Bolsonaro na terceira temporada de Tremembé" é reforçada pelo uso do GIF, que opera como elemento multissemiótico capaz de potencializar a ironia do enunciado.

Nesse comentário, identifica-se inicialmente um processo intertextual de alusão estrita, uma vez que o usuário faz referência à série *Tremembé*, da plataforma de *streaming* Prime Video, que retrata a rotina de criminosos famosos no Brasil, cuja a produção da terceira temporada foi confirmada em 21 de novembro. Ao mesmo tempo, o enunciado aciona uma alusão ampla, pois, ao ironizar a prisão do ex-presidente, o usuário o reinsere em um amplo repertório cultural-discursivo no qual Bolsonaro é figurado como criminoso, repertório esse construído por inúmeros textos, memes, notícias e discursos de opositores. Fortifica-se, assim, a polarização de um "nós", que apoiam a prisão, contra um "eles" que não concordam.

A referência ao ex-presidente opera, simultaneamente, como alusão estrita, por retomar a notícia específica vinculada à sua prisão, e como alusão ampla, por mobilizar um conjunto vasto de discursos circulantes que associam sua imagem à criminalidade. Desse modo, o comentário se constrói pela articulação de múltiplas camadas intertextuais, estritas, amplas e multissemióticas, características da tecnodiscursividade.

O GIF escolhido, assim como o da interação sobre a criança autista, também aciona um processo de alusão estrita, pois convoca no leitor a memória de um texto-fonte específico: a participação de Lu Schievano e Tati Quebra Barraco na sexta temporada de *A Fazenda*. Embora seu contexto original seja o *reality show*, a cena circula amplamente na internet em formato de meme, frequentemente descontextualizada, mas quase sempre associada a imagens de briga, treta, explosões emocionais e confronto dramático, características que marcaram a presença das participantes no programa.

Esse GIF, ou qualquer outra utilização das participantes, tornou-se, portanto, um dos recursos visuais mais utilizados para representar conflitos de modo humorístico, consolidando-se como um marcador multissemiótico. Sua função no comentário é estrategicamente pensada: ao deslocar a cena para o contexto da suposta prisão do ex-presidente, o usuário cria um efeito irônico, típico das interações polêmicas em ambientes digitais, em que elementos humorísticos são mobilizados para intensificar o ponto de vista

argumentativo. Assim, mesmo tratando-se de um tema sério, o uso do GIF opera como um mecanismo de ressignificação cômica. Confirma-se mais uma vez a hipótese de que os recursos dos textos nativos digitais são direcionados argumentativamente, normalmente recorrendo-se a processos intertextuais, em especial na utilização de imagens, GIFs, vídeos e alguns hiperlinks.

Imagem 25 — Interações sobre a prisão de Bolsonaro (1.2)

Usuário 2
5 h
O ator que interpretará ele soluçando na temporada inteira
29
1 mil
Usuário 3
· 5 h
KKKK

No comentário do **Usuário 2** (“O ator que interpretará ele soluçando na temporada inteira”), observamos o reforço do recurso à ironia, ao construir uma narrativa ficcional em que o fato político é transformado em um espetáculo televisivo. Nessa representação, o ex-presidente é figurado como um personagem e sua prisão como uma “temporada”, recurso que desloca o acontecimento do campo político para o campo do entretenimento. Esse enquadramento irônico produz um efeito de desvalorização da imagem de Bolsonaro, reduzindo a gravidade da situação ao tratá-la como parte de uma série dramatizada, esvaziando seu peso institucional e reforçando o tom de humor já instaurado pel comentário do **Usuário 1**.

Já o comentário do **Usuário 4** faz uso de uma alusão ampla ao mencionar “Ulisses”. Na mitologia grega, Odisseu (Ulisses) era o rei de Ítaca, conhecido por sua astúcia, sobretudo na epopeia de Homero. Todavia, no X, “Ulisses” tornou-se um termo pejorativo utilizado para se referir a perfis conhecidos por “meter bronca”, assumindo o papel de “corretores”, “críticos” ou “policiais de discursos”. Em uma comparação mais extrema, corresponde ao “militante” que aparece sempre com respostas “lacrantes”. Assim, reconhecemos nesse recurso intertextual — a alusão ampla por meio da referência a Ulisses — uma estratégia argumentativa que funciona quase como um aviso à comunidade: mesmo que surja alguém disposto a discordar da prisão de Bolsonaro, o grupo deve manter o humor e a harmonia interna construída na interação.

É por meio do comentário do **Usuário 5** que conseguimos observar um abandono total da ironia e do humor instalado na interação que, até então, aparentemente era construída por sujeitos que compartilhavam o mesmo ponto de vista, para sermos levado ao uso explícito de *flaming*, ciberviolência direta em segunda pessoa. “Vai pró inferno piranha” mostra-se como em ambientes digitais com esses, quando tratados sobre figuras politicas bastantes polarizantes, podem causar tanto o humor como também a agressão verbal explícita. Esse exemplo reforça nossa hipótese de que os recursos nativos digitais, como a rapidez da viralização, o anonimato (ou pseudoanonimato) e circulação de perfis falsos são facilitadores para a construção de textos ofensivos, principalmente em interações polêmicas, em que a emoção e as estratégias argumentativas estão em consonância.

Um outro comentário é feito, dessa vez em favor da figura do presidente, criando ao nosso ver uma nova interação, com novos usuários em um novo espaço, mas ainda sobre o mesmo assunto, por isso que estamos chamando o internauta de **Usuário 1,** vejamos:

Imagem 26 — Interações sobre a Prisão de Bolsonaro (2.1)

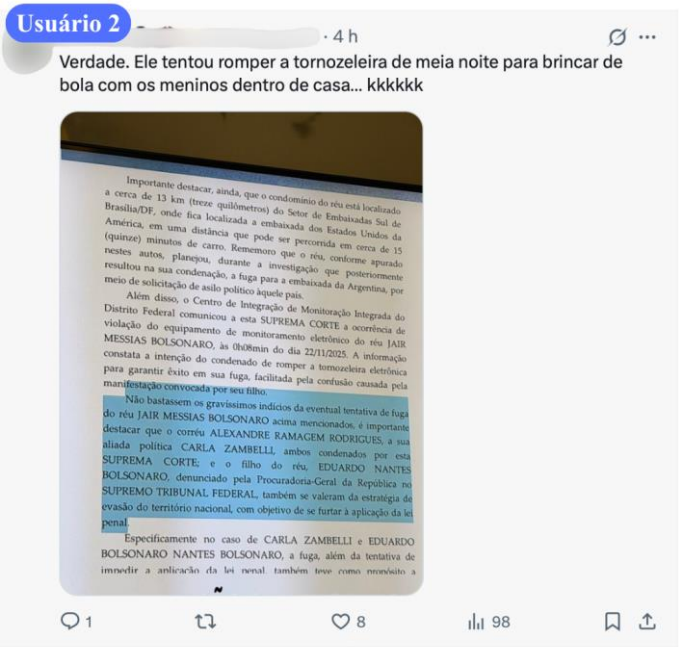
Disponível em: https://x.com/choquei/status/1992170579667964358?s=20. Acesso em: 22 de nov. 2025.

Nessa nova interação polêmica, observamos a emergência de um ponto de vista diferente do que vimos no início da interação passada. O **Usuário 1** apresenta a posição de que "a prisão é pessoal e somente para humilhar". Esse tipo de justificativa é amplamente mobilizado por apoiadores da direita brasileira, que costumam defender que tanto o processo de julgamento quanto a condenação de Jair Bolsonaro teriam sido conduzidas com o intuito de perseguição e humilhação pública.

A continuidade desse posicionamento alinhado a grupos de extrema direita se intensifica quando o **Usuário 1** recorre a uma referência pejorativa à característica física, a calvície do Ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, responsável pelo voto que levou à decretação da prisão. O ataque pessoal ao ministro opera como estratégia discursiva para deslegitimar sua autoridade e seu papel no processo, deslocando a discussão do campo jurídico para o campo da ofensa moral. A ofensa é estendida aos demais ministros que também foram favoráveis à condenação e compuseram o julgamento, para isso ele utilizar a expressão "companhia" de modo irônico e depreciativo para tratar a Ministra Cármen Lúcia, o Ministro Flávio Dino e o Ministro Cristiano Zanin. Tal escolha reforça uma tentativa de descredibilizar o conjunto dos magistrados, aproximando-os de uma espécie de "grupo articulado" contra Bolsonaro.

Assim, o comentário articula um conjunto de estratégias de desqualificação do outro: ataques *ad hominem*, ironias depreciativas e narrativas conspiratórias, que, no cenário político polarizado atual, se intensificam diante do papel institucional desempenhado pelos ministros em investigações e julgamentos envolvendo grupos da direita brasileira.

Imagem 27 — Interações sobre a prisão de Bolsonaro (2.2)



Disponível em: https://x.com/choquei/status/1992170579667964358?s=20. Acesso em: 22 de nov. 2025.

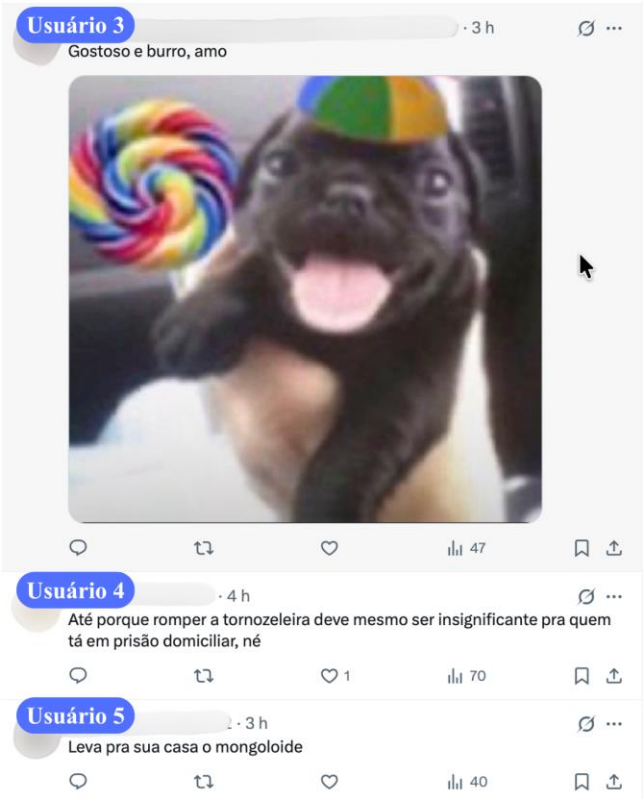
Em resposta ao **Usuário 1**, o **Usuário 2** utiliza a ironia como estratégia argumentativa. Ele inicia com a resposta "Sim", que aparenta concordância, mas imediatamente passa a narrar, em tom sarcástico, uma justificativa absurda para a violação da tornozeleira eletrônica por parte do ex-chefe de Estado: "Ele tentou romper a tornozeleira de meia noite para brincar de bola com os meninos dentro de casa…". A sequência de risos ("kkkkkkk") reforça o tom irônico, funcionando como marcador discursivo que desqualifica o ponto de vista do **Usuário 1**, posicionando ele em um lugar de falta de credibilidade. Assim, a ironia opera como mecanismo polêmico eficiente: nega-se a validade do argumento inicial ao expô-lo ao ridículo.

Em seguida, por meio do recurso imagético, o **Usuário 2** usa ama foto divulgada pela Polícia Federal referente ao mandado de prisão, documento que apresenta os motivos que levaram o Ministro Alexandre de Moraes a determinar a prisão preventiva antes do previsto. Na imagem, lê-se claramente que houve "gravíssimos indícios de tentativa de eventual fuga do réu JAIR MESSIAS BOLSONARO". Esse trecho dialoga diretamente com os rumores que circularam no dia anterior ao episódio da prisão, especialmente após a convocação feita por Flávio Bolsonaro para uma vigília em frente à casa do pai, onde ele cumpria prisão domiciliar com tornozeleira. Alguns apoiadores, em vídeos disseminados nas redes, insinuaram que a aglomeração ajudaria para uma possível fuga. Pouco depois, já à noite, a Polícia Federal confirmou a tentativa de rompimento da tornozeleira, o que levou à antecipação da prisão.

A imagem anexada funciona, portanto, como uma citação direta, tendo em vista que os usuários conseguem ler ela, sem alterações/modificações do texto original, atuando como

argumento de autoridade: uma prova documental que reforça e legitima o ponto de vista do **Usuário 2**. Ao recorrer a esse documento oficial, o usuário enfraquece ainda mais o argumento do **Usuário 1**, demonstrando que os motivos da prisão não são "pessoais" ou "por humilhação", mas sim baseados em atos ilícitos atribuídos ao réu. A imagem, assim, não só intensifica a ironia previamente instaurada, como também sustenta a desqualificação por meio de recursos próprios do X.

Imagem 28 — Interações sobre a prisão de Bolsonaro (2.3)



Disponível em: https://x.com/choquei/status/1992170579667964358?s=20. Acesso em: 22 de nov. 2025.

Observamos o **Usuário 3**, pois ele pode exemplificar aquilo que Amossy (2017) descreve sobre a formação de grupos relativamente estáveis durante a interação polêmica. Ao caracterizar o **Usuário 1** como "burro", o oponente se coloca como alguém que se distancia das ideias defendidas por ele, isto é, alguém que marca discursivamente a diferença entre grupos de opiniões divergentes. Todavia, a adjetivação positiva sobre possíveis atributos físicos do interlocutor ("gostoso") revela uma tentativa ambígua de, ao mesmo tempo, produzir um ataque e manter uma abertura mínima para o diálogo, ainda que irônica. O reforço do adjetivo positivo continua com a afirmação de que o **Usuário 3** "ama" essas características, o que intensifica esse gesto ambivalente.

Outra possível interpretação, mais diretamente ligada à desqualificação do outro, é a de que o **Usuário 3** estaria diminuindo o pensamento do oponente ao reduzi-lo a alguém que possui apenas atributos físicos, mas nenhuma capacidade racional para propor algo coerente. Nesse sentido, chamá-lo de "burro" funciona como estratégia de esvaziamento argumentativo, ao deslocar o foco do debate para qualidades pessoais irrelevantes ao tema.

Novamente, a utilização da imagem, comum aos contextos de interação no X, é empregada como recurso multissemiótico que intensifica o desprezo pelo **Usuário 1**, tratado como oponente ao ser representado como um "cachorro fofinho" que merece "um pirulito", conforme mostrado na imagem. Assim, por meio de um recurso argumentativo que apela ao imagético, o **Usuário 3** recorre ao assédio social, isto é, à tentativa de banir simbolicamente o interlocutor, descredibilizando-o perante os demais participantes da interação.

Os outros comentários, dos **Usuários 4** e **5** apelão mais ao recurso linguístico, fazendo usado de *flaming*, quando o proponente é chamado de "mongoloide" e sofre assédio social quando é tentado ser silenciado pela fortificação do grupo daqueles que acreditam que sua justificativa não é azeita, recorrendo, assim, a ironias.

6.4 Virginia Aprendendo a sambar

Alguns casos de interações polêmicas surgem a partir de posts que, até então, não haveriam de gerar gatilhos; ou seja, na publicação não é explícita a iniciativa de uma polêmica em torno de um assunto socialmente relevante. Contudo, o caso que analisaremos trata-se de apenas uma publicação em que se noticia o novo professor de dança da influenciadora digital Virgínia Fonseca, conhecida nacionalmente por sua contundente presença na internet e pelos escândalos de sua vida empresarial, pública e particular.

Imagem 29 — Virginia Fonseca com professor de dança

Disponível em: https://x.com/choquei/status/1993306172569665712?s=20. Acesso em 25 de no. 2025.

Quadro 12 — Análise da postagem sobre Virginia sambando

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	**Respostas**
1. Quem é o locutor/enunciador principal?	Perfil da página Choquei no X (@choquei), especializado em notícias de entretenimento e fofoca.
2. Quem é projetado como interlocutor? Existe terceiro?	Interlocutores: seguidores da página e usuários que comentam; terceiros; Virginia Fonseca, Professor Carlinhos Salgueiro, etc.
3. Qual o grau de intimidade dos interactantes?	Predomina a relação de proximidade entre seguidores e o perfil; com oponentes, a relação é conflitiva.
4. De que gênero o texto participa?	Gênero notícia de entretenimento/polêmica.

5. Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema?	Ecossistema digital do X, marcado por performatividade, viralização e debate público; mídias acessadas por celular e desktop.
6. O texto ocorre num espaço público ou num espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?	Espaço público (perfil aberto no X), visível a qualquer usuário; participantes não se vêem fisicamente.
7. Qual o número de interactantes (mais de dois?)	Potencialmente ilimitado, qualquer usuário pode interagir por curtidas, respostas e comentários.
8. Existe alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?	Sim; alternância livre nos comentários, sem forte moderação prévia (exceto ocultamento automático de "spam").
9. Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta?	Relatar que a influenciadora Virginia Fonseca estaria aprendendo a sambar com um novo professor.
10. Em que situação sócio-histórica o texto se situa?	Caso ocorrido no dia vinte e cinco (25) de novembro de dois mil e vinte e cinco (2025). A empresária tem sido alvo de diversas polêmicas nos últimos meses, que envolvem desde o término do namoro com o cantor Zé Felipe, até sua participação na CPI dos Jogos de Azar e a viralização de um vídeo em que aparece sambando.
11. Quais são os objetivos da interação?	Informar, gerar engajamento e provocar debate; potencializar a circulação da notícia e das reações.
12. Que tipos de intertextualidade são ativados no texto?	Há uma alusão ampla ao vídeo da influenciadora sambando "errado" quando foi anunciada como Rainha de Bateria da Escola de Samba Salgueiro. Também são mencionadas as discussões sobre racismo e elitismo no carnaval das grandes escolas, com críticas de que a escolha de suas representantes é motivada puramente por interesses financeiros. Além disso, há referência à expressão "carne na mão de vegano".
13. Existe retomada de enunciados (discursos públicos, memes, posicionamentos ideológicos) para reforçar ou camuflar práticas violentas, transformando intertextualidades em mecanismos de ataque na modalidade polêmica?	Sim. O vídeo da influenciadora remete, no imaginário dos usuários, a outro vídeo amplamente criticado, no qual ela não sabia sambar e acabou realizando passos que não pertenciam ao samba. Após a polêmica, ela iniciou aulas de dança e, como se pode observar agora, a intenção é reacender a discussão ao afirmar que ela estaria com

	um novo professor, insinuando que o anterior não conseguiu ensiná-la adequadamente.
14. Quais recursos tecnodiscursivos atuam na construção ou amplificação dos sentidos e como eles intervêm no encadeamento argumentativo?	As imagens dela sambando com um professor ao lado, aliadas ao uso de recursos como emojis, criam uma sensação de proximidade com o usuário, que passa a comentar e interagir, expondo suas opiniões sem filtros. Isso acaba acendendo interações polêmicas que abordam temas diversos, indo muito além da simples questão de saber ou não sambar.
15.De que modo aparecem as ciberviolências, considerando intensidade, alvo e contexto, e como elas se articulam à modalidade argumentativa polêmica?	As ciberviolências, como *outing* e *flaming*, em sua maioria aparecem disfarçadas em um tom humorístico, frequentemente marcadas pela ironia. Contudo, em perfis com grande probabilidade de serem falsos, o uso de *flaming* explícito se torna mais recorrente, avançando para uma violência verbal direta, inclusive com sugestões de ameaça.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Seguindo o padrão de escrita digital da página, o *post* é composto por, nesse caso, um vídeo, e uma parte verbal, que engloba tanto o conhecido uso do emoji da sirene (🚨) quanto das caixas altas no verbo ver (VEJA), seguido da afirmação: "Virginia, rainha de bateria da Grande Rio, decidiu trocar de professor e agora está sendo preparada por Carlinhos Salgueiro". Ao compreendermos alguns contextos, logo entendemos que a informação pode acionar diversos assuntos polêmicos que giram em torno da imagem da artista.

De início, deve-se destacar a especificação de que a *influencer* foi declarada rainha de bateria da escola de carnaval Grande Rio, evento que repercutiu muito na internet pela "falta de samba no pé" que a coroada teria. Na época, a própria página chegou a publicar o vídeo dela sambando após sua nomeação, despertando diversos comentários que giravam em torno do apagamento das pessoas negras nos desfiles transmitidos pela televisão; outros mencionavam o uso do dinheiro para se beneficiar em meio a uma cultura majoritariamente negra e periférica; outros ainda discutiam padrões de beleza e as questões ligadas ao estereótipo de que todo brasileiro sabe sambar.

Em uma rápida pesquisa no site Google, devido à capacidade de rastreabilidade da Web, com o comando "virginia sambando choquei x", encontramos a publicação.

Imagem 30 — Virginia sambando como rainha de bateria da Grande Rio

Disponível em: https://x.com/choquei/status/1969703406110380165?s=20. Acesso em 25 de nov. 2025.

Mesmo não analisando as interações referentes ao primeiro *post*, encontramos um processo de remissão textual de alusão ampla, que faz com que os usuários da página recuperem a viralização da publicação na época. Como podemos notar, são mais de seiscentos comentários, mil curtidas e cerca de quatrocentas mil visualizações. Tal exemplo nos ajuda a ilustrar características específicas do funcionamento dos textos digitais: a capacidade de conectividade e de reconectar que os "assuntos" possuem, ligando-se de forma semântica, textual e tecnodiscursiva, tudo em uma ecologia nativa do texto digital.

Após a repercussão, a empresária decide, assim, reforçar suas aulas para uma preparação mais intensa antes de entrar na avenida. A nova notícia recupera essa informação, deixando ao leitor o rastro de que ela "troca de professor", dando a entender que o antigo não teria dado conta de ensinar o suficiente. As interações que seguem mostram que os gatilhos foram, de fato, recuperados, instaurando-se diversas interações polêmicas.

Imagem 31 — Interações sobre a aula de samba da Virgínia (1)

Disponível em: https://x.com/choquei/status/1993306172569665712?s=20. Acesso em 25 de no. 2025.

Vejamos que o **Usuário 1** inicia sua publicação nos comentários afirmando que é cada vez mais estranho o carnaval (por ele usado como sinônimo para as escolas de samba) buscar por madrinhas que precisam aprender a sambar. A primeira alusão ampla que encontramos trata-se do conhecimento prévio de que as rainhas de bateria das escolas seriam mulheres que, além de se comprometerem com as causas sociais e carnavalescas da escola, deveriam também ter uma relação de comprometimento ao apadrinhar, seja por meio de doações ou por conseguir mais patrocínios. Recuperar esse conhecimento demanda um repertório particular daqueles que participam da interação, principalmente pelo uso do substantivo "madrinha", que carrega uma grande carga semântica de doação no contexto nacional.

A sua afirmação de que várias mulheres já "nascem com o samba no pé" carrega um argumento depreciativo que desqualifica a imagem da influenciadora, atacando, de forma indireta, a sua capacidade de representar uma escola de samba, pois a mesma não "sabe sambar". Em seguida, o usuário, usando mais explicitamente recursos argumentativos diretos, emprega "elitismo e preconceito" para dizer que a empresária utiliza seus privilégios para conseguir vagas em lugares que deveriam ser ocupados por outras (as que têm samba no pé).

Mesmo compartilhando do mesmo descontentamento, o **Usuário 2** utiliza características próprias da escrita de textos nativos digitais para expor um "tom alto", uma "voz acentuada", que pode ser entendida como "brava", quando ele escreve "ELA PAGA PRA SER

RAINHA", como forma de deixar explícito seu ponto de vista de que o lugar de rainha não é dado por merecimento, mas por puros interesses econômicos de uma escola de samba. A sua tese continua ao afirmar que "o cargo é COMPRADO. A escola faz dinheiro" e na conclusão "Carnaval só engana otário. É negócio. E obscuro", deixando mais explícito, ao nosso ver, seu descontentamento com a situação. A mensagem torna-se mais violenta e direta, o que pode ser percebido pelos usos das caixas altas, frases curtas e excessivos pontos finais, configurando-se como um "texto grosso" que busca se equivaler a uma "fala grossa". O **Usuário 3**, posto pelo próprio ecossistema no lugar de *spam*, comunga com a mesma ideia do grupo, ao dizer que isso (ser rainha de bateria de uma escola de samba sem saber sambar) é o poder que o dinheiro tem socialmente no país. Tal argumentação é compreendida pelo uso de cifras de dinheiro ($$$$$).

Imagem 32 — Interações sobre a aula de samba da Virgínia (2)

Disponível em: https://x.com/choquei/status/1993306172569665712?s=20. Acesso em 25 de no. 2025.

O **Usuário 4** utiliza diversos aspectos tecnodiscursivos para se filiar ao grupo que se consolida em atacar a imagem de Virgínia. O uso de palavras como "capeta", "pohaaa" e "pqp" mostra-se como forma de *flaming*, ou seja, insultos direcionados à empresária. O uso da sequência do emoji de caveira com ossos (☠️☠️☠️☠️☠️) recupera, por meio de alusão ampla, o imaginário simbólico de produtos/coisas proibidas, tóxicas, perigosas, que devem ser evitadas, reforçando a desqualificação, tornado, como já dizia Amossy (2017), o oponente em um verdadeiro inimigo. Além desses elementos, o usuário recorre à imagem de um palhaço "sombrio", muito comum em interações no X para representar situações em que as pessoas são "feitas de palhaço". Nesse contexto, a imagem ajuda a reforçar a argumentação de que os

telespectadores são feitos de palhaço por aqueles que insistem em colocar pessoas sem qualificações para sambar em um dos maiores eventos nacionais, como o carnaval.

Observamos, até agora, a formação de um grupo parcialmente estável que comungam do mesmo pensamento de que a posição recebida foi, assim, injusta, pois a influenciadora não tem, em seus julgamentos, capacidades, além das financeiras, para representar o carnaval.

Imagem 33 — Interações sobre a aula de samba da Virgínia (3)

Disponível em: https://x.com/choquei/status/1993306172569665712?s=20. Acesso em 25 de no. 2025.

O **Usuário 5**, em defesa da personalidade da internet, desqualificando os membros do grupo oponente chamando-os de "galera chata", além disso, ele utilizando-se do mesmo recurso de letras em caixas altas (feitas pelo usuário 4) para, agora, elogiar a dança da Virgínia, afirmando ser "NOTÁVEL" a sua evolução. Assim, nos parece que, ao utilizar dos mesmo recursos de seus oponentes, o **Usuário 5** busca debater ou "falar" no mesmo "tom", também de forma assertiva, como alguém que tem convicção sobre suas palavras.

A polarização dos grupos formados pela interação, como já prevê Amossy (2017), não são estáveis, como já mencionamos durante a discussão teórica. Assim, é notório que o **Usuário 5**, ao longo da sua argumentação, busca se distanciar das polêmicas que giram em torno da figura de Virgínia Fonseca e a sua relação com a divulgação de casas de apostas de jogos de azar na *internet*, especialmente ao fazer referência a ela como "Tigrinia", valendo-se do recurso de intertextualidade de caráter estrito, fazendo um trocadilho, parodiando, o nome

dela com o jogo de azar "Tigrinho": Tigrinia. Isso, por si só, faz alusão ampla a todo um contexto de investigação policial que tanto a empresária quanto sua empresa, WePick, tiveram que enfrentar após denúncias de pessoas que perderam grandes quantias de dinheiro ao serem influenciadas por ela, segundo os depoimento das vítimas, a jogar em casas de apostas online[10]. Mesmo buscando se desfiliar da imagem ruim sobre os jogos, a argumentação em favor continua, com elogias, ainda utilizando o recurso da letra maiúscula (a Gata é FOCADA).

O comentário do **Usuário 6** nos parece atualizar (Brito; Pereira, 2020; Brito, 2018) uma nova polêmica, ao fazer uma alusão ampla a uma expressão carregada de preconceitos contra a comunidade LGBTQIAPN+: "Picanha na mão de vegano". A semântica da frase leva-nos a entender que uma pessoa vegana, mesmo que tivesse uma picanha (um dos mais populares cortes de carne bovina) em seu prato, não a comeria, sendo, assim, um desperdício, pois trata-se de uma carne tão prestigiada que não seria saboreada. Como é muito comum em nossa sociedade marcada pelo machismo, a frase faz uma analogia entre a comida e a mulher (Virgínia) ao lado do seu "comedor", no caso, o professor (Carlinhos), que, visivelmente, por estar dançando samba, não se porta dentro das expectativas daquilo que é ser um "homem heteronormativo", aceito e respeitado socialmente.

Aqui encontramos um caso de alusão ampla, pois recupera socialmente os contextos de circulação da expressão, que desqualifica a imagem do professor Carlinhos Salgueiro, usando-se do *outing* para desqualificar sua imagem socialmente. Na lógica argumentativa, "tirar do armário", expor ou sugerir uma sexualidade não masculina padrão é expor a pessoa ao ridículo diante de outros usuários, para, assim, descredibilizá-lo. O uso de sequências emojis de sorriso (😂) é feito estrategicamente para "amenizar" o sentido violento que o texto causa.

Os ataques preconceituosos ao professor continuam pelo **Usuário 7**, que evidencia aspectos físicos da pessoa, com a tentativa de humilhá-lo perante os participantes da interação. Para isso, ele faz uma pergunta sugestiva de que o professor, retomado pelo elemento dêitico "ele", estaria usando máscara. Existe aí um caso de alusão ampla aos conhecimentos sociais compartilhados. Normalmente, o uso de máscaras está associado ao carnavalesco, ao alegórico, ao terror, ao teatro, ao não real. Sugerir que uma pessoa está de máscara é, em alguma medida, atribuir a ela características não humanas ou deformadas, que, ao final, refere-se a uma pessoa considerada "feia" socialmente.

[10] Para mais informações sobre o caso, consultar em materia jornalista no portal G1 de Noticias. Disponivel em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/06/10/cpi-das-bets-relatorio-pede-o-indiciamento-de-virginia-e-mais-veja-lista.ghtml. Acesso em 25 de nov. 2025.

Se olharmos mais atentamente para a imagem do professor, logo percebemos que se trata de um homem negro, com características fenotípicas bem marcadas. Tal ação, se pensada e/ou recuperada por algum usuário, poderá fazer ligação mais específica a um caso de racismo, muito comum no Brasil. O antropólogo e pesquisador Kabengele Munanga (2022)[11] explica que, no Brasil, devido aos processos escravocratas em associação às teorias raciais de dominação, tornou-se socialmente aceito que características de fenótipos negróides são reconhecidas como feias. Assim, o negro bonito seria aquele com marcas europeias: a cor mais escura, mas o lábio e o nariz pequenos.

O **Usuário 8**, por sua vez, continua atacando a imagem da influenciadora, afirmando que ela parece estar com uma lata de água na cabeça, ou seja, com seus movimentos reduzidos, não parecendo estar dançando. O **Usuário 10**, por sua vez, parece querer apenas dar uma dica de como ela pode melhorar, filiando-se, ainda que parcialmente, ao grupo daqueles que acreditam que ela pode aperfeiçoar a dança, mas que ainda comungam da ideia de que ela não sabe sambar. Por fim, o comentário do **Usuário 11** faz uma nova desqualificação da imagem de Virgínia, comparando-a com o recente robô produzido pela empresa Tesla.

As análises feitas sobre as interações no *post* sobre a influencer nos ajudaram a confirmar, mais uma vez, a forte associação de recursos tecnodiscursivos (emojis, @, imagens, vídeos) aos processos intertextuais, principalmente os de alusão ampla, que, na interação polêmica, podem ser mobilizados para desqualificar o outro. Dos exemplos, ressaltamos os usos de letras maiúsculas como estratégias também argumentativas que os usuários empregam para expressar emoções fortes durante as produções dos textos nativos digitais. Além disso, ficou evidente que, mesmo recorrendo à violência como forma argumentativa, muitos usuários buscam nos recursos tecnológicos (emojis, escrita de palavras que dificultam o reconhecimento do algoritmo, como mudar o nome "porra" para "pohaa" ou o uso de "pqp" para expressar "puta que pariu" , imagens, gifs, vídeos curtos) minimizar o potencial ofensivo, usando-os como formas de disfarçar ataques violentos mais contundentes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[11] Aula completa disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=63-v-2qTIYw. Acesso em: 25 de nov. 2025.

As análises desenvolvidas ao longo desta pesquisa permitem observar, com maior nitidez, como as interações polêmicas nas redes sociais, especialmente no X, a partir das publicações da página Choquei, constituem um terreno fértil para a atualização de práticas discursivas de violência e para a reconfiguração de processos intertextuais em ambientes digitais. A partir de uma perspectiva situada na Linguística Textual, e dialogando criticamente com os estudos do discurso digital e da argumentação, foi possível evidenciar que os textos nativos digitais não apenas mobilizam recursos multissemióticos, mas constroem, no próprio gesto interativo, modos específicos de orientar sentidos, tensionar posições e desqualificar o outro.

Os resultados indicam que as intertextualidades, sejam estritas, sejam amplas, funcionam, de modo recorrente, como dispositivos centrais na produção da desqualificação. Essa articulação se manifesta tanto na retomada explícita de discursos públicos e midiáticos quanto na ativação de memórias sociais, estereótipos e saberes partilhados que circulam nas bolhas algorítmicas. Nesse sentido, a intertextualidade deixa de ser apenas uma operação de retomada formal para assumir um papel argumentativo decisivo, atuando como gatilho de polêmicas e como mecanismo de reforço dos embates simbólicos travados pelos usuários.

Do mesmo modo, constatou-se que a ciberviolência verbal, tal como discutida por Paveau (2021), emerge como um fenômeno intrinsecamente marcado pela tecnodiscursividade. Comentários, respostas encadeadas, gifs, emojis, links hipertextuais e marcas de @ não apenas constroem o cenário argumentativo, mas constituem condições materiais que intensificam, replicam ou camuflam práticas violentas. Observou-se, ainda, que a desqualificação do outro, característica definidora da modalidade argumentativa polêmica, encontra, no ambiente digital, formas de atualização que dialogam com o anonimato, com a performatividade das identidades e com a imprevisibilidade das interações.

Esses elementos confirmam nossa hipótese de que, nas interações polêmicas analisadas, a desqualificação não é um ponto eventual do debate, mas uma estratégia estruturante, sustentada por recorrências intertextuais e por recurso tecnodiscursivos que moldam o modo de dizer e de atacar. A economia do X, rápida, efêmera, emocional e amplificada também favorece a proliferação de micropráticas de violência verbal, as quais se incorporam ao fluxo textual de maneira quase naturalizada, impactando a circulação dos sentidos e entrando em conflito com a dimensão ética da interação.

As reflexões evidenciam, portanto, que a articulação entre intertextualidade, ciberviolência e polêmica constitui um campo analítico fundamental para compreender como os sentidos circulam e se transformam no ecossistema digital contemporâneo. Esse campo se mostra ainda mais relevante quando consideramos a centralidade das páginas de entretenimento

de grande alcance, como a Choquei, na mediação dos debates públicos, das memórias coletivas e das emoções sociais.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. **Argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

Brito, Mariza Angélica Paiva. A atualização da polêmica nos comentários das notícias. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ARGUMENTAÇÃO E POLÊMICA, 2018 Natal. **Anais** [..]. Auditório Instituto Ágora. Natal: CCHLA, 2018.

BRITO, Mariza Angélica Paiva; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; SILVA, Ananias Agostinho da. A ciberviolência em práticas textuais do ambiente digital. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, e2407, p. 52-75, out. 2022. Número especial. DOI: 10.22168/2237-6321-2407. Disponível em:http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2407. Acesso em: 1 mar. 2025.

BRITO, Mariza Angélica Paiva; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; SILVA, Ananias Agostinho da. A ciberviolência em práticas textuais do ambiente digital. **Entrepalavras**, v. 12, n. 12, p. 52-75, out. 2022. ISSN 2237-6321. DOI: http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-12esp2407. Disponível em: http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/ article/view/2407. Acesso em: 23 jul. 2025.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39589. Acesso em: 2 mar. 2025.

CASTELÃO, Evandro Melo; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. A proposta de plano(s) pré-formatado(s) para um gênero aplicada a um caso de intertextualidade. **Calidoscópio**, v. 16, p. 392-402, 2018. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2018.163.04. Acesso em: 1 mar. 2025.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. uma análise argumentativa na Linguística Textual. 2019. *In*: VITALE, María Alejandra *et al.* (org.). **Estudios sobre siscurso y argumentación**. Coimbra: Grácio Editor, 2019. p. 319-338.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Intertextualidade e psicanálise. **Calidoscópio**, v. 10, n. 3, 2012, p. 310-320. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/3216. Acesso em: 1 de mar. 2025.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.*. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, ES, v. 13, n. 25, 2019, p. 25 - 39. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884. Acesso em: 2 jan. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. As intertextualidades: o diálogo entre textos no ensino. *In*: WIEDEMER, Marcos Luiz; OLIVEIRA, Mariangela Rios de (org.). **Texto e gramática**: novos contextos, novas práticas. 1. ed. Campinas: Pontes, 2021. v. 1, p. 171-196.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al*. O caráter interacional e intertextual da argumentação polêmica. **Revista (Con)Textos Linguísticos**: linguística de texto e análise da conversação: abordagens metodológicas, v. 15, n. 31, p. 48-65. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35652. Acesso em: 29 jun. 2023.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; COSTA, Dálete Castro Braga. Intertextualidades estritas e amplas na tecnodiscusividade. *In*: FRANÇA, Glória; CRUZ, Mônica da Silva; ARANHA, Marize Barros Rocha; SILVA, Ana Lúcia Rocha (org.). **Linguagem, sociedade e ensino**. 1. ed. São Luís: EDFMA, 2024, v. 1, p. 160-184. Disponível em: https://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/linguagem-sociedade-e-ensino. Acesso em: 1 mar. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. O contrato de comunicação na sala de aula. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 37, n. 1, p. 1-14, 2012. DOI: 10.5216/ia.v37i1.18861. Disponível em: https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/18861. Acesso em: 29 jan. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. Reflexões para a análise da violência verbal. **Revista Desenredo**, v. 15, n. 3, p. 443-476, 2019. Disponível em: https://ojs.upf.br/index.php/rd/article/view/9916. Acesso em: 29 jan. 2024.

COSTA, Dálete Castro Braga. **Intertextualidades em ambientes digitais**. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/79244. Acesso em: 1 de mar. 2025.

DUARTE, Antonio Lailton Moraes. **A desqualificação do outro em modalidades demonstrativa e polêmica nas esferas jurídica e midiática**. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

FERNANDES, Jessica Oliveira; ALMEIRA, Eduardo Carvalho de; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Intertextualidade como estratégia de impolidez em textos verbo-imagéticos. **Letras em Revista**, v. 13, n. 1, mar. 2023. ISSN 2318-1788. Disponível em: https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/480. Acesso em: 2 mar. 2025.

FERREIRA, Carlos André Silva; BRITO, Mariza Angélica Paiva. O apelo intertextual como estratégia de desqualificação do outro em polêmicas. **Revista de Letras**, v. 1, n. 41, p. 43-60, 2022. DOI: 10.36517/revletras.41.1.3. Disponível em: http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/81089. Acesso em: 27 jan. 2024.

FUCHS, Catherine. A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 8, p. 129-134, 2012. DOI: 10.20396/cel.v8i0.8636744. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636744. Acesso em: 2 mar. 2025.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

HILGERT, José Gaston. Parafraseamento. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do Português culto falado no Brasil**. Campinas: EdUNICAMP, 2006. p. 74-91.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça *et al.* **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. O texto na Linguística Textual. *In*: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 31-44.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MACEDO, Patricia S. A. **Análise da argumentação no discurso**: uma perspectiva textual. 245 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, v. 56, p. 217-258, 2001. DOI: 10.5380/rel.v56i0.18415. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18415. Acesso em: 25 mar. 2026.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Mayara Arruda. **Tecnotextualidade e campo dêitico digital**: análise de aspectos interacionais e enunciativos. 2024. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

MISTURA de sangues e territórios, com Kabengele Munanga. 1 set. 2022. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Café Filosófico CPFL. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=63-v-2qTIYw. Acesso em: 25 nov. 2025.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Modos de interação em contexto digital**. Orientadora: Mônica Magalhães Cavalcante. 2022. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará,

Fortaleza, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/64516. Acesso em: 2 mar. 2025.

NOBRE, Kennedy Cabral. **Critérios classificatórios para processos intertextuais**. 2014. 128f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8243. Acesso em: 1 mar. 2025.

PAVEAU, Marie-Anne. **Linguagem e moral**: uma ética das virtudes discursivas. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

PEREIRA, Danielle Ketley de Sousa; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Interação polêmica nos comentários da página do facebook "Quebrando o Tabu". **Entrepalavras (Sistema de Submissão)**, v. 10, n. 2, p. 1-22, ago. 2020. ISSN 2237-6321. DOI: http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-21849. Disponível em: http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1849. Acesso em: 25 nov. 2025.

PERELMAN, Pereira, SOUSA, Danielle Ketley de; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Interação polêmica nos comentários da página do facebook "Quebrando o Tabu". **Entrepalavras**, v. 10, n. 2, ago. 2020. ISSN 2237-6321. Disponível em: http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1849. Acesso em: 6 jul. 2025. DOI: http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-21849.

SANTOS, José Elderson de Souza. **Plágio, sanções sociais e marcas intertextuais**. 2020. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51029. Acesso em: 1 mar. 2025.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto humorístico**: o tipo e seus gêneros. *In*: CARMELINO, Ana Cristina (org.). Humor: eis a questão. São Paulo: Cortez, 2015. p. 15-27. ISBN 978-85-249-2362-3.